



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
FÁBIO BITENCOURT CADORIN

EXAME DE PROCESSOS DE REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL
DE TUBARÃO EM REPORTAGENS DO TELEJORNAL
“CÂMERA ABERTA 2ª EDIÇÃO”, VEICULADAS PELA UNISUL TV

Tubarão
2011

FÁBIO BITENCOURT CADORIN

**EXAME DE PROCESSOS DE REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL
DE TUBARÃO EM REPORTAGENS DO TELEJORNAL
“CÂMERA ABERTA 2ª EDIÇÃO”, VEICULADAS PELA UNISUL TV**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Jussara Bittencourt de Sá.

Tubarão

2011

FÁBIO BITENCOURT CADORIN

**EXAME DE PROCESSOS DE REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL
DE TUBARÃO EM REPORTAGENS DO TELEJORNAL
“CÂMERA ABERTA 2ª EDIÇÃO”, VEICULADAS PELA UNISUL TV**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 27 de junho de 2011.

Professora e orientadora Jussara Bittencourt de Sá, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

Professor Clóvis Reis, Doutor
Universidade Regional de Blumenau

Professora Heloisa Juncklaus Preis Moraes, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico esta pesquisa aos que colaboram para fazer da Unisul TV um veículo de comunicação regional cada vez mais fiel a sua missão educativa.

AGRADECIMENTOS

A meu pai, que me ensina em gestos a não temer o esforço.

A minha mãe, que se pudesse ainda me carregaria no colo.

A meu irmão, sujeito batalhador que me deu de presente uma família ainda maior e linda.

A minha irmã, exemplo da autenticidade que ainda hei de conquistar.

A minha orientadora, Dra. Jussara Bittencourt de Sá, cujo conhecimento e sensibilidade me possibilitaram elaborar com segurança e tranquilidade cada página desta dissertação.

Aos professores avaliadores, Dr. Clóvis Reis e Dra. Heloisa Juncklaus Preis Moraes, pelas valiosas contribuições a esta pesquisa apresentadas no processo de qualificação.

Ao diretor geral da Unisul TV, Ildo Silva da Silva, pelo apoio a este trabalho e por me dar a oportunidade de, todos os dias, desejar “boa tarde” a milhares de pessoas.

Aos representantes do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior, por acreditarem no potencial desta pesquisa em prol do desenvolvimento humano e científico no Estado de Santa Catarina.

“É sabendo – e não crendo – que o homem consegue ser verdadeiramente consciente” (Carlos Bernardo Gonzáles Pecotche).

RESUMO

Nesta dissertação procura-se discutir sobre os processos de representação de identidade cultural em produção televisiva local/regional. O estudo baseia-se na análise de reportagens que referenciam a data de emancipação político-administrativa de Tubarão (SC), extraídas do telejornal “Câmera Aberta 2ª Edição”. Obtida por meio de concessão à Universidade do Sul de Santa Catarina, a Unisul TV é a primeira e ainda a única emissora televisiva com sede em Tubarão. O objetivo deste estudo é examinar processos de representação da identidade cultural de Tubarão em reportagens do telejornal “Câmera Aberta 2ª Edição”, veiculadas pela Unisul TV. A pesquisa desenvolve-se a partir de conceitos como identidade cultural, dialogismo e informação de proximidade. No âmbito das reflexões, também são considerados aspectos históricos que contextualizam o papel da televisão e do telejornalismo no Brasil e sua relação com a cultura nacional. Evidencia-se a história regional e local, ao trazer à tona elementos constitutivos da formação do povo tubaronense. Neste período pós-moderno, caracterizado por identidades móveis, a pesquisa ganha importância ao demonstrar que as identidades culturais de caráter local/regional se mantêm vivas e até se fortalecem, mesmo diante do movimento tendente à globalização. Esse reforço ao particularismo se deve, em grande parte, às narrativas midiáticas, por meio da informação de proximidade. Nas reportagens analisadas, observa-se que Tubarão é representado como município em vias de desenvolvimento e, portanto, aberto ao novo; também como cidade grande, pólo regional do comércio, mas que preserva características de comunidade interiorana, onde princípios de religiosidade ainda determinam práticas sociais.

Palavras-chave: identidade cultural, mídia local/regional; televisão.

ABSTRACT

This dissertation discusses about the processes of cultural identity representation in local television production. The study is based on the analyzes of reports that refer to the date of political administrative emancipation of Tubarão (SC), collected from the TV journalism “Câmera Aberta 2ª Edição”. Such TV station was granted to Universidade do Sul de Santa Catarina. It is the first and still the unique TV station based in Tubarão. The aim of this study is to search process of representation Tubarão’s cultural identity in reports of TV journalism “Câmera Aberta 2ª Edição”, aired by Unisul TV. The research is developed from the concepts such as cultural identity, dialogism and information of proximity. In the scope of the reflections, historical aspects that contextualize the role of television and the news in Brazil and its relation to the national culture are also considered. The regional and local history is highlighted by bringing to the scene constitutive elements from the formation of people from Tubarão. In this post-modern period, characterized by mobile identities, the research becomes important to demonstrate that cultural identities from local/regional characteristics keep alive and also become stronger, even in the face of the tendency to globalization. Such strengthening to particularism is mostly due to the media narratives, through the information of proximity. In the analyzed reports, it is observed that Tubarão is represented as a town in development and, so, opened to the new; as well as a big city, regional trade hub, but that preserves characteristics of a provincial community, where principles of religion still determine social practices.

Keywords: Cultural Identity. Local/Regional Media. Television.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cenas de abertura da reportagem “Tubarão 137 anos”	72
Figura 2 – Rio Tubarão – reportagem “Tubarão 137 anos”	72
Figura 3 – Avenida Marcolino Martins Cabral, Rua Lauro Müller e Rua Coronel Collaço	73
Figura 4 – Cidade cortada pelo rio Tubarão	73
Figura 5 – Repórter Guilherme Corrêa.....	74
Figura 6 – “Cidade grande com ares de pequena comunidade”	75
Figura 7 – Entrevistados da reportagem “Tubarão 137 anos”	78
Figura 8 – Repórter Ricardo Dias.....	81
Figura 9 – Tubarão em tempos antigos	83
Figura 10 – Amadio Vettoretti, historiador	84
Figura 11 – Primeiras décadas do comércio em Tubarão.....	84
Figura 12 – Boletim de Passagem – Ricardo Dias	85
Figura 13 – Comércio em Tubarão.....	86
Figura 14 – Walmor Jung Junior, presidente da CDL, em 2007	86
Figura 15 – Cidade grande, pólo comercial da região.....	87
Figura 16 – Fragmentos do cenário urbano de Tubarão.....	93
Figura 17 – Pessoas mantêm a rotina no aniversário de Tubarão	93
Figura 18 – Repórter Edivaldo Dondossola	94
Figura 19 - Tarcísio Hemkemeier, secretário de Administração de Tubarão, em 2008.....	94
Figura 20 – Nossa Senhora da Piedade, padroeira de Tubarão	95
Figura 21 – Tropeiros refazem cavalgada pelo Picadão da Serra.....	100
Figura 22 – Tropeiros na Rua Coronel Collaço (data não informada)	100
Figura 23 – Trabalhos de artesãos tubaronenses	101
Figura 24 – População participa de ato oficial alusivo aos 139 anos de Tubarão.....	101
Figura 25 – Prefeito de Tubarão, Manoel Bertoncini, em 2009	102
Figura 26 – Felipe Luiz Collaço, vice-prefeito de Tubarão, em 2009.....	103
Figura 27 – Coral infantil canta Hino de Tubarão; bandeira de Tubarão.....	104
Figura 28 – Cidade de Tubarão no aniversário de 139 anos	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Modelo de ficha de análise.	64
Tabela 2 – Ficha de análise da reportagem “Tubarão – 137 anos”.	80
Tabela 3 – Ficha de análise da reportagem “Tubarão – 137 anos – Pólo Comercial”.	90
Tabela 4 – Ficha de análise da reportagem “Tubarão – 138 anos”.	97
Tabela 5 – Ficha de análise da reportagem “Tubarão – 139 anos”.	106
Tabela 6 – Ficha de análise da reportagem “Tubarão – 139 anos”.	110

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	A QUESTÃO DA IDENTIDADE.....	16
2.1	MÍDIA LOCAL E IDENTIDADE	20
3	ASPECTOS HISTÓRICOS	24
3.1	PAÍS DA TELEVISÃO	24
3.1.1	Televisão e formação cultural dos brasileiros	31
3.2	TELEJORNALISMO NO BRASIL	32
3.3	TUBARÃO, UNISUL E UNISUL TV	35
3.3.1	Tubarão: das origens ao presente.....	36
3.3.1.1	TRAÇOS ÉTNICOS E CULTURAIS DA POPULAÇÃO REGIONAL	40
3.3.2	Do colégio Dehon à Unisul.....	43
3.3.3	Unisul TV: quase cinco anos no ar	47
3.4	TUBARÃO DO PRESENTE.....	54
4	METODOLOGIA.....	56
5	ANÁLISE DE DADOS	69
5.1	CIDADE GRANDE COM ARES DE PEQUENA COMUNIDADE	70
5.2	FORÇA QUE VEM DO COMÉRCIO	81
5.3	PREDOMÍNIO DA RELIGIOSIDADE	91
5.4	O DEVIR DE TUBARÃO	98
5.5	ETNIAS E SOBRENOMES	107
5.6	RESULTADOS DA ANÁLISE.....	109
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
	REFERÊNCIAS	118
	ANEXOS	122
	ANEXO I – GRADE DE PROGRAMAÇÃO DA UNISUL TV	123
	APÊNDICES	125
	APÊNDICE A – TERMOS TÉCNICOS DE TELEJORNALISMO	126
	APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O DIRETOR GERAL DA UNISUL TV, ILDO SILVA DA SILVA	128

1 INTRODUÇÃO

Pensar a comunicação hoje é ousar abrir os olhos ao mundo, ainda que o objeto de análise esteja ao alcance das mãos. Num tempo em que a “globalização” se firma como processo inevitável de aproximação entre povos e culturas, qualquer estudo voltado às ciências sociais precisa considerar as crescentes influências que se precipitam sobre o sujeito pós-moderno.

Nem todos os caminhos, porém, convidam a romper fronteiras. Um dos efeitos contraditórios da globalização é justamente o movimento oposto a ela. Resistência que, segundo Hall (2006), tende a reforçar identidades mais particularistas. É sob tal perspectiva que se encaminha o presente estudo.

Esta pesquisa tem como objetivo examinar processos de representação da identidade cultural de Tubarão em reportagens do telejornal “Câmera Aberta 2ª Edição”, veiculadas pela Unisul TV.

Diante do objetivo, considera-se que existe uma identidade cultural de Tubarão, uma identidade local. Assim como a cultura nacional é composta por símbolos e representações, conforme argumenta Hall (2006), em âmbito menor e por analogia as identidades locais também se formam a partir de um “discurso”, de histórias contadas sobre o local, memórias que articulam passado e presente, imagens que se constroem do lugar.

Em meio a tantas narrativas, figuram entre as de maior influência social aquelas produzidas pela mídia. Gomes (2006, p. 125) afirma que “os pontos referenciais, necessários ao estabelecimento da identidade e do sentido de vida das pessoas, são fornecidos, na maioria das vezes pela interpretação do mundo que é feita por meio dos meios massivos”. A partir do paradigma do *Newsmaking*, uma das teorias do Jornalismo, Pena (2006, p. 128) também argumenta que “o jornalismo está longe de ser espelho do real”. Antes, trata-se da “construção social de uma suposta realidade”. Tendo, então, presente que o discurso midiático não expõe a realidade, mas uma representação dela, torna-se pertinente investigar se as narrativas de Tubarão que aparecem nas reportagens veiculadas no telejornal “Câmera Aberta 2ª Edição” correspondem às histórias contadas sobre o município desde sua origem, e se as reportagens contemplam traços de identidade cultural de Tubarão.

A escolha do objeto de estudo levou em conta que Unisul TV é a primeira e ainda única emissora com sede em Tubarão (SC). Afiliada da TV Cultura de São Paulo, foi criada em 2006, por meio de concessão à Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Sua característica de alcance local/regional é considerada na medida em que trabalha com informação de proximidade, aquela que se refere “aos laços originados pela familiaridade e pela singularidade de uma determinada região, que têm muito a ver com a questão do *locus territorial*” (PERUZZO, 2011).

Observa-se, ainda, que a televisão, em pouco mais de seis décadas, consolidou-se como o principal meio de comunicação do país em termos de alcance e influência popular. Mas, se por um lado promove integração nacional ao sintonizar e conectar diferentes lugares, por outro tende a gerar certa homogeneização de identidades e uma possível perda de elementos culturais específicos de grupos sociais localizados nas diversas regiões. Refere-se, aqui, à TV aberta, ainda dominada por grandes emissoras. Diante deste contexto, convém observar o que determina a Constituição Federal do Brasil (1999), no que tange a regionalização da programação das emissoras de rádio e televisão. O Artigo 221 enfatiza que esses meios devem atentar para os princípios de “promoção da cultura nacional e regional” (inciso II) e “regionalização da produção cultural, artística e jornalística” (inciso III).

Não se atendo a uma postura crítica às grandes redes, o percurso do estudo é direcionado pela investigação de processos de representação em produção televisiva local. O recorte metodológico contempla quatro reportagens exibidas no telejornal “Câmera Aberta 2ª Edição” entre 2007 e 2009, que fazem referência à data de emancipação político-administrativa de Tubarão (SC).

Este trabalho configura-se num estudo de caso, desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica contribuiu para a fundamentação teórica que dá aporte à investigação do objeto de estudo. Já a pesquisa de campo (exploratória) consistiu na seleção, assistência e exame das reportagens selecionadas. O procedimento metodológico adotado fundamenta-se numa combinação entre análise de conteúdo (Bardin, 2010) e análise morfológica e de conteúdo (Melo, 1992).

Seis capítulos compõem a dissertação. Após esta introdução, aborda-se a questão da identidade, um dos pontos centrais do estudo. Mais do que buscar uma delimitação ao conceito, na linha das ciências da linguagem e sociais, mostra-se como, na concepção de Hall (2006), as identidades vêm se transformando ao longo do tempo e a “crise” que se instalou no

período chamado de pós-modernidade. Trata-se, ainda, da construção de identidades, com enfoque na visão dialógica de Bakhtin (1997), e na perspectiva de Cuche (2002). Inclui-se neste capítulo, também, um tópico sobre mídia local e seus reflexos sobre a identidade cultural. Tal reflexão mostra-se importante na medida em que corresponde a dois pontos fundamentais da pesquisa: Unisul TV (mídia local/regional) e sua relação com a identidade cultural dos tubaronenses.

Nos estudos culturais, não há como investigar realidades isoladas sem relacioná-las ao contexto. Seria como negar a relação dialógica proposta por Bakhtin. Os panoramas culturais são tecidos no decorrer do tempo e em resposta a determinado conjunto de circunstâncias. Assim, não seria prudente pensar sobre a Unisul TV sem considerar a trajetória da televisão e do telejornalismo no Brasil. Tampouco seria produtivo falar em identidade cultural de Tubarão sem conhecer como o município e sua população foram formados. Neste sentido, busca-se no capítulo três efetuar um resgate histórico. Não com a simples pretensão de enumerar uma série de datas ou narrar fatos que, abundantemente, já ganharam espaço em tantas obras. Mas com intuito, entre outros, de ampliar a compreensão acerca do papel da televisão e do telejornalismo na vida dos brasileiros; perscrutar a influência desse veículo de massa sobre a identidade nacional; ponderar sobre a mídia televisiva brasileira e sua relação com esferas de poder; conhecer a história de Tubarão e, por meio dela, identificar vestígios culturais que caracterizam o município; determinar a origem dos laços que vinculam a Unisul à comunidade na qual está inserida; e situar a criação da Unisul TV no contexto das políticas da Universidade que visam ao desenvolvimento regional.

No capítulo quatro explicita-se o percurso metodológico adotado na pesquisa. Justifica-se a opção pelo estudo de caso em razão do objeto de análise. Os princípios seguidos a fim de assegurar objetividade à seleção do *corpus* também são apresentados neste capítulo. Sobre a revisão metodológica, citam-se os principais pressupostos teóricos que norteiam a pesquisa. Como os procedimentos técnicos de investigação das reportagens baseiam-se em análise morfológica e de conteúdo, procede-se a distinção de categorias e unidades de análise, além da descrição de outros critérios estabelecidos para direcionar o exame. Sendo o objeto de estudo constituído por um grupo de reportagens televisivas, julgou-se oportuno, ainda, alertar para os riscos e dificuldades que perpassam qualquer investigação de conteúdos audiovisuais. A necessidade de “tradução” de códigos imagéticos para a linguagem verbal e a

multiplicidade de significados possíveis já, de saída, apresentaram-se como desafio ao pesquisador.

O capítulo cinco é dedicado ao exame das reportagens. Com base em conceitos como identidade cultural (Hall, 2006), dialogismo (Bakhtin, 1997 e Stam, 1992) e informação de proximidade (Peruzzo, 2011), e em critérios apontados por Bardin (2010) e Melo (1992), procura-se fazer a leitura minuciosa de componentes audiovisuais que integram as reportagens. Elabora-se, ainda, uma interpretação geral dos resultados da análise, quando se faz um confronto entre o processo histórico de formação da identidade cultural de Tubarão e sua representação nas reportagens do telejornal “Câmera Aberta 2ª Edição”. Nesse aprofundamento da análise, recuperam-se dados empíricos que emergem do olhar sobre o objeto de estudo e sua relação com as teorias que embasam o tema.

Por fim, empreende-se a conclusão do trabalho, pontuando-se os aspectos mais relevantes da pesquisa, os avanços obtidos no campo teórico e projeções para novos estudos. Desde já, convém um alerta. Esta pesquisa situa-se no “entre-lugar”, num espaço onde os conceitos centrais estão em permanente negociação. Transita nas áreas de tensão entre o local e o global. Entre as controversas concepções acerca da identidade. Entre as perdas e ganhos na relação do telespectador com a televisão local e a produção das grandes emissoras. Não que se queira evitar um posicionamento teórico, apenas considera-se sensato evitar conclusões categóricas num terreno ainda tão repleto de afirmações contraditórias.

2 A QUESTÃO DA IDENTIDADE

“Conhece-te a ti mesmo”. O antigo conselho inscrito no templo grego de Delfos, base da filosofia de Sócrates (469-399 a.C.), revela que tão remota quanto a busca pela sabedoria é a noção de que as verdades mais profundas da existência humana devem encontrar-se no interior do ser. Sem pôr em questão o alcance do pensamento socrático, o fato é que os avanços da humanidade, no sentido moral, sempre resultaram de concepções surgidas a partir do mergulho num universo estritamente humano: a consciência.

Perceber-se no mundo é o indício primeiro de identidade humana. Só a partir desta constatação o sujeito é capaz de assumir papéis, responsabilidades. Assim, se o conhecimento de si mesmo é o caminho para a verdade, conforme propunha o filósofo clássico, o sentido da existência parece ter forte conexão com o conhecimento da própria identidade.

Tarefa difícil é delimitar o conceito. Em cada ramo do saber, a identidade adquire significados diferentes. As variações surgem até mesmo em áreas de conhecimento afins, como afirma Cuche (2002, p. 176). “No âmbito das ciências sociais, o conceito de identidade cultural se caracteriza por sua polissemia e sua fluidez”.

Na obra “A identidade cultural na pós-modernidade”, Hall (2006) apresenta sua posição, mas admite a possibilidade de interpretações diversas, justificando a complexidade e o incipiente desenvolvimento do conceito na ciência social.

Hall (2006, p. 8) trabalha, sobretudo, com as identidades culturais, “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Para o autor, o momento atual é caracterizado por uma crise. O indivíduo, que era visto como sujeito unificado e que desempenhava papel estável na sociedade, agora não passa de um ser fragmentado. Mudanças estruturais na sociedade vêm modificando padrões de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Resultam, ainda, em transformações do próprio sujeito, que já não encontra mais uma localização sólida como indivíduo social. “Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo” (HALL, 2006, p. 9).

Para entender o momento atual, é preciso rever os paradigmas que, ao longo do tempo, originaram formas distintas de compreender o sujeito e o mundo. Para Hall, de uma forma simplificada, é possível falar em pelo menos três concepções: os sujeitos do Iluminismo, sociológico e pós-moderno. Antes desses, a perspectiva de um sujeito soberano era bastante limitada, uma vez que a condição humana era vista como divinamente estabelecida e, portanto, não passível de mudanças.

O Iluminismo considerava o indivíduo como um ser “totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior” (HALL, 2006, p. 10). Um ser com capacidade para se desenvolver, mas que essencialmente permanecia o mesmo.

A crescente complexidade das sociedades no mundo moderno é que teria feito emergir o sujeito sociológico, aquele formado na relação com outras pessoas. O sujeito interagindo com a sociedade acolheria valores, sentidos e símbolos mediados por ela. “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 11).

O fato é que as sociedades vieram mudando, o que teria culminado na terceira concepção de sujeito, o pós-moderno. Como a identificação com o mundo cultural deixa de existir, já que esse mundo se transforma continuamente e cada vez mais rápido, o sujeito passa a encarar a necessidade constante de se conformar às novas realidades. Diante dessa modernidade líquida, para usar o termo de Bauman (2001), o sujeito também não consegue estabelecer uma identidade firme e sólida.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. (...) à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Até mesmo as culturas nacionais que, para Hall, se constituem numa das principais fontes de identidade para os povos, foram fortemente afetadas nas décadas finais do século 20. A globalização é apontada como causa principal, referindo-se “àqueles processos, atuantes em escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando

comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado” (HALL, 2006, p. 67).

Vem do capitalismo a força propulsora da globalização, ao criar sociedades de consumo e, por consequência, um grande “supermercado cultural”.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (HALL, 2006, p. 75).

Apesar do apagamento de fronteiras, a nação, mais do que uma entidade política, ainda se mantém como sistema de representação, produz sentidos e forma a comunidade simbólica. Pode-se dizer, então, que “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p. 50).

O sentimento de pertencer a esse grupo maior, ao que o autor chama de “comunidade imaginada” – ideológica – confere ao sujeito uma estabilidade que, talvez, jamais alcançasse caso sentisse estar só, “à deriva”. Assim, torna-se relevante o contato com elementos que permitem a identificação por proximidade. Uma vez que é um processo de representação simbólica, a construção da identidade relaciona-se à apreensão e interpretação da realidade, a uma tentativa de compreensão de sua própria posição no mundo. Geertz (1989) afirma que a relação espacial entre as pessoas e as coisas em territórios da vida cotidiana produz padrões culturais particulares. Assim, o homem não se define por aspectos universais, mas pelos processos relacionais.

Para Homi Bhabha (2007), o território da vida cotidiana é uma realidade material tecida por códigos culturais. A identidade cultural é entendida como uma forma de identidade coletiva própria de um grupo social e se fixa quando os indivíduos sentem-se mais próximos e semelhantes. Todavia, esse processo não ocorre isento de interferências. As fronteiras não são delimitadores. Se por um lado, o processo de revalorização das particularidades e dos localismos culturais é inegável no atual momento histórico, por outro, é notável que os padrões culturais se particularizam através de processos de interação. Ao apreender o outro é possível conhecer melhor a si mesmo, seja pela constatação de semelhanças ou por se definir percebendo aquilo que não se é.

Neste sentido é importante a contribuição de Mikhail Bakhtin, que explorou em seus estudos a natureza da relação entre o “eu” e o “outro”. Conforme cita Stam (1992, p. 17), para Bakhtin “o eu necessita da colaboração de outros para poder definir-se e ser ‘autor’ de si mesmo”. Ou, numa comparação com a biologia, onde a capacidade de reagir a estímulos ambientais é o que define a vida, “o eu humano, por analogia, não tem existência independente; depende do meio ambiente social, que estimula sua capacidade de mudança e resposta”.

Uma das formas mais concretas de interação humana se dá por meio da linguagem. Não por acaso, a noção de “dialogismo” tornou-se um dos pontos centrais do pensamento de Bakhtin.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido mais amplo, isto é, não apenas como comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 1997, p. 123).

Stam (1992) alerta que embora o termo “diálogo” seja usado muitas vezes por Bakhtin em sentido literal, não pode ser reduzido unicamente ao significado de uma interação verbal. É preciso entendê-lo como relação entre enunciados. “No sentido mais amplo, o dialogismo refere-se às possibilidades abertas e infinitas geradas por todas as práticas discursivas de uma cultura, toda matriz de enunciados comunicativos onde se situa um dado enunciado” (STAM, 1992, p. 74).

Daí seja possível pensar as identidades também numa perspectiva dialógica. Tanto o “eu” particular inserido em determinada cultura quanto culturas distintas vão se constituindo por meio do diálogo, numa negociação em que cada qual se mantém em permanente reinvenção.

“É só através dos olhos de uma outra cultura”, escreve Bakhtin, “que uma cultura estrangeira se revela da maneira mais completa e profunda”. Mas este encontro dialógico de duas culturas não deveria implicar uma perda de identidade de nenhuma delas; em vez disso, “cada qual conserva sua unidade e sua totalidade aberta, porém, ambas se enriquecem mutuamente” (STAM, 1992, p. 78).

Em complemento a essa discussão, apresentam-se proposições de Cucho (2002), que faz um apanhado de teorias existentes e aponta diferentes concepções de identidade

cultural. Para as teorias objetivistas a identidade é definida “a partir de um certo número de critérios determinantes, considerados como ‘objetivos’, como a origem comum (a hereditariedade, a genealogia), a língua, a cultura, a religião, a psicologia coletiva (a “personalidade básica”), o vínculo com o território, etc.”. Contrapõe-se a essa concepção a teoria subjetivista, que atribui a identificação ao sentimento de vínculo a uma coletividade imaginária, ou seja, “o importante são então as representações que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões” (CUCHE, 2002, p. 181).

Na linha do que propõe Bakhtin, destacam-se também as teorias relacionais e multidimensionais, que consideram que nenhum indivíduo está pronto, mas vai se construindo socialmente. Assim, desfaz-se a noção de indivíduos ou grupos fechados *a priori*. “Querer reduzir cada identidade cultural a uma definição simples, ‘pura’, seria não levar em conta a heterogeneidade de todo grupo social” (CUCHE, 2001, p. 192).

Na vida das sociedades, em sua ininterrupta atividade dialógica, multiplicam-se os enunciados. Entre os que assumem maior representatividade e aceitação estão aqueles produzidos pelos meios de comunicação de massa. Não por acaso a mídia assume papel fundamental na constituição de identidades.

Na sequência deste estudo, considerando que o objeto da pesquisa são reportagens televisivas, julga-se oportuno apresentar, ainda que sucintamente, a trajetória da televisão e do telejornalismo no país, além de sua influência nas transformações da sociedade brasileira. Antes, porém, faz-se uma reflexão sobre o papel da mídia local, uma vez que essa é a característica da emissora responsável pela veiculação das reportagens em questão.

2.1 MÍDIA LOCAL E IDENTIDADE

Hall (2006) argumenta que a resistência à globalização pode ter como consequência o reforço das identidades nacionais e de outras identidades “locais” ou particularistas. Peruzzo (2011) também considera que o movimento contrário à globalização impulsiona uma revalorização do local. Não há como pensar no global sem a existência do local. Como um quebra-cabeça, o global é composto pelo conjunto de todos os locais, assim,

“a realidade vai evidenciando que o local e o global fazem parte de um mesmo processo: condicionam-se e interferem um no outro, simultaneamente” (PERUZZO, 2011, p. 5).

Qualquer circunstância ou fato, mesmo que apresente reflexos em grande escala, tem origem num dado lugar. O local abarca “aquilo que se pode ver, tocar, aprender e, portanto, ser compreendido. Sem dúvida, é desde os espaços locais que se definem os contornos da vida diária, onde se constrói a personalidade social e onde se faz a aprendizagem social” (LÓPES GARCÍA *apud* PERUZZO, 2011).

Mais difícil do que perceber a oposição e a interação entre global e local é delimitar conceitualmente este último. No contexto da comunicação, o local muitas vezes coincide com o regional e o comunitário. Mais raramente, pode abranger até mesmo estados, nações ou regiões do globo.

Nesta pesquisa, o uso sinonímico dos termos “local” e “regional” não trará prejuízo de compreensão. Portanto, quando fizerem referência à área de abrangência da Unisul TV, serão aplicados sem distinção. Já a utilização do termo “comunitário” nesse caso específico será evitada, uma vez que o perfil da televisão comunitária no Brasil é definido por lei.

A impossibilidade de traçar fronteiras precisas entre os espaços comunitário, local e regional é citada por Peruzzo (2011) como uma das dificuldades em definir as diferenças. Se tais espaços tivessem algum contorno, ele não seria delineado por elementos concretos, mas pela relação entre aspectos econômicos, jurídicos, políticos, enfim, por práticas sociais. A própria noção de território, que poderia oferecer alguma referência objetiva, não se apresenta mais como resposta satisfatória.

Hoje está superada a noção de território geográfico como determinante do local e do comunitário. Para lá das dimensões geográficas, surge um novo tipo de território, que pode ser de base cultural, ideológica, idiomática, de circulação da informação, etc. Dimensões como as de familiaridade no campo das identidades histórico-culturais (língua, tradições, valores, religião, etc.) e de proximidade de interesses (ideológicos, políticos, de segurança, crenças, etc.) são tão importantes quanto as de base física. São elementos propiciadores de elos culturais e laços comunitários que a simples delimitação geográfica pode não ser capaz de conter (PERUZZO, 2011).

Ao aprofundar estudos acerca da questão local, Bourdin (2001, p. 25) afirma que ele pode até ser percebido algumas vezes como “circunscrição projetada por uma autoridade”. No entanto, tende a se definir mais pelo caráter simbólico, valorizando, como confirma

Coutinho (2008b, p. 97), “o encontro, a proximidade, a existência de afinidades e especificidades sociais e culturais partilhadas”.

Considerando, no caso da televisão brasileira, que são as emissoras afiliadas as principais responsáveis por veicular conteúdo de caráter local e que a maior parte dessa produção constitui-se de material jornalístico, Coutinho (2008b) diz que o telejornalismo pode atuar em favor da consolidação da identidade local.

Os telejornais de produção local seriam o lugar prioritário desse encontro, da criação de uma relação de pertencimento entre emissora e público e ainda um dos espaços privilegiados de construção da própria identidade da região/localidade, uma vez pressuposta a credibilidade de emissora e noticiário(s) junto a seus telespectadores (COUTINHO, 2008b, p. 98).

A afirmação ancora-se no plano ideal. Mas, como alerta Peruzzo (2011), a inserção baseada num compromisso com o local depende da política editorial de cada veículo. No caso da Unisul TV, até o presente momento não existem documentos que definem políticas editoriais. Segundo o diretor da emissora, jornalista Ildo Silva da Silva (2010), o conteúdo veiculado baseia-se em dois pilares principais: a condição de TV Educativa¹ e o alinhamento à missão e valores da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), detentora da concessão. Ao assumir o compromisso com o processo educativo e com a geração do saber, a Unisul busca contribuir com a “construção da sociedade mais humana, em permanente sintonia com os avanços da ciência e da tecnologia; (...) nesta construção, ganha conteúdo a partir da promoção do desenvolvimento regional, integrado nos processos globais e interdependentes” (UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA, 2011b).

Relacionando-se a reflexão sobre mídia local com a Teoria do Jornalismo, cabe salientar que ainda são bastante discutidos os critérios que determinam o que deve ser noticiado. Contudo, a ideia de “proximidade” como valor-notícia é bastante aceita.

¹ De acordo com o Ministério das Comunicações (2011), radiodifusão educativa “é o Serviço de Radiodifusão Sonora (rádio) ou de Sons e Imagens (TV) destinado à transmissão de programas educativo-culturais, que, além de atuar em conjunto com os sistemas de ensino de qualquer nível ou modalidade, vise à educação básica e superior, à educação permanente e formação para o trabalho, além de abranger as atividades de divulgação educacional, cultural, pedagógica e de orientação profissional”. Quanto à programação, é admitida “apenas a transmissão de programas com finalidades educativo-culturais. Os programas de caráter recreativo, informativo ou de divulgação desportiva poderão ser considerados educativo-culturais, se neles estiverem presentes elementos instrutivos ou enfoques educativo-culturais identificados na sua apresentação”.

No modelo teórico do *Newsmaking*, conforme cita Pena (2006), o trabalho enunciativo dos jornalistas está submetido a uma série de operações e pressões sociais. Nessa perspectiva, a definição daquilo que é notícia está sujeita a uma série de variáveis, como valores-notícia, constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotinas de produção.

Segundo Traquina (2005, p. 63), “os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo ‘valor-notícia’ (‘newsworthiness’)”.

Neste estudo, destaca-se como valor-notícia o aspecto “proximidade”, considerado fundamental na cultura jornalística, principalmente em termos geográficos, mas também culturais. Entende-se que os acontecimentos que se passam próximos são mais noticiáveis e importantes do que os distantes. Traquina (2005) cita que defendem o mesmo ponto de vista autores como Shoemaker e Reese (1991), Baskette, Sissors e Brooks (1982), Dennis e Ismach (1981), Stephens (1980) e Galtung e Ruge (1965). Os dois últimos realizaram um dos primeiros exames teóricos dos valores-notícias no jornalismo, destacando a importância da proximidade geográfica e cultural no fluxo noticioso internacional.

Quando se fala em mídia local/regional o valor-notícia “proximidade” torna-se ainda mais relevante, uma vez que o fato ou assunto noticiado em geral tem relação imediata com o espectador. “As pessoas acompanham os acontecimentos de forma mais direta, pela vivência ou presença pessoal, o que possibilita o confronto entre os fatos e sua versão midiática de forma mais natural” (PERUZZO, 2011).

Entende-se, portanto, que o valor-notícia proximidade deve orientar também o exame das reportagens, pois é um elemento essencial quando se trata de identidade sob o prisma da mídia local.

A seguir, apresentam-se elementos históricos que ajudam a situar o objeto da pesquisa.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS

Este capítulo destina-se a uma revisão histórica da televisão e do telejornalismo no Brasil, bem como da formação do povo tubaronense, da origem e desenvolvimento da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) e da criação da Unisul TV e seus quase cinco anos de trajetória. Mais do que mera descrição de datas e fatos, busca-se contextualizar cada um dos itens citados. Ao se lançarem luzes sobre a história, revelam-se elementos que ajudam a compreender a constituição da cultura nacional, regional e local e sua relação com a mídia televisiva.

3.1 PAÍS DA TELEVISÃO

Pesquisa sobre hábitos de informação e opinião da população brasileira, realizada pelo Instituto Meta Pesquisas de Opinião (2011), apontou que a televisão é o canal de comunicação mais utilizado pelos brasileiros (96,6%). Desse total, 93,9% dos entrevistados afirmaram que assistem aos canais do sistema de televisão aberta. Os que também assistem a canais por assinatura somam 10,4%, e 2,7% disseram que assistem apenas aos canais por assinatura.

A pesquisa ainda mostrou que 68,8% dos entrevistados costumam assistir televisão em média entre uma e quatro horas diárias. Outros 7,3% disseram que passam mais de seis horas por dia em frente à televisão.

Números expressivos aparecem também na quantidade de emissoras no país. Operando pelo sistema de radiodifusão comercial existem hoje 270 emissoras de televisão, 6.186 retransmissoras e 21 emissoras de televisão em sinal digital (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2011b). São elas também que absorvem a maior parte do investimento publicitário em mídia do Brasil. De acordo com o Projeto Inter-Meios (2011), do faturamento bruto de 16,5 bilhões de reais em 2010, 61,3% ficou com as televisões, sendo 4,1% com as TVs por assinatura. O restante foi dividido entre jornais (11,3%), revistas (8,8%), Internet

(6%), rádio (4%), mídia exterior – *outdoor*, painel, mobiliário urbano, digital *out of home* e móvel (3%), guias e listas (1,1%) e cinema (0,4%).

Os dados revelam a importância que a televisão alcançou ao longo de seis décadas no Brasil. Mas, na época em que essa tecnologia chegou ao país, possuir um aparelho era privilégio de poucos. Apenas duzentos televisores receberam o sinal do programa de estreia da TV Tupi, em 18 de setembro 1950. A emissora, criada por iniciativa do jornalista Assis Chateaubriand, inaugurou as transmissões no Brasil e constituiu-se na primeira estação de televisão da América do Sul.

Até a primeira metade do século 20, o veículo de comunicação mais presente na vida dos brasileiros era o rádio. Com base nele é que a TV brasileira se desenvolveu, adaptando tanto a estrutura e o formato de programação quanto o trabalho dos profissionais. Os primeiros anos foram, assim, marcados pelas improvisações.

Ao traçar a história da televisão brasileira, sob uma visão econômica, social, política e cultural, Mattos (2002), distingue seis fases²: elitista (1950 a 1964); populista (1964 a 1975); fase de desenvolvimento tecnológico (1975-1985); fase da transição e da expansão internacional (1985 a 1990); fase da globalização e da TV paga (1990 a 2000); e fase da convergência e da qualidade digital (a partir de 2000).

A primeira fase foi considerada elitista porque, de 1950 a 1964, apenas aqueles que estavam no topo do poder econômico tinham acesso ao televisor. O preço do aparelho chegava quase ao valor de um automóvel, o que na época também era inacessível à massa. Além disso, no Brasil, não havia indústrias de componentes eletrônicos para televisores. Esses fatores dificultaram a difusão do aparelho na primeira década. Ainda assim, o crescimento do número de televisores no país é considerado significativo. Segundo dados da Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletrônicos (Abinee), citados por Mattos (2002), em fins de 1952 já havia no Brasil cerca de sete mil aparelhos. Em 1960, dez anos depois da chegada da televisão, esse número subiu para 598.000.

O caráter elitista desse período também se refletia na programação. Em 1954, dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública (Ibope) revelaram que 48% dos telespectadores haviam assistido, por exemplo, a uma apresentação de *ballet*. Nessa época, já

² Convém observar que a obra “**História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**”, de Sérgio Mattos, foi originalmente publicada no ano 2000. A última fase descrita, portanto, tratava-se de projeção a partir desse ano.

havia cerca de 34 mil televisores no país, embora o aparelho ainda fosse considerado item de luxo (MATTOS, 2002).

Mattos (2002) situa a segunda fase da TV brasileira entre 1964, ano em que foi instaurado o governo militar, até 1975. A ordem imposta pelo regime baseou-se na doutrina de segurança nacional, que consistia em “um grupo de programas para aumentar a integração social e, em especial, contribuir para a diminuição das diferenças regionais, promovendo entre outras coisas: desenvolvimento econômico e redistribuição de investimentos regionalmente; um sistema político mais estável; coesão interna; e espírito nacional” (MATTOS, 2002, p. 33). Este último teve fundamento na preservação de crenças, cultura e valores brasileiros. O novo contexto nacional foi, assim, determinante para o desenvolvimento da televisão.

Os meios de comunicação de massa se transformaram no veículo através do qual o regime poderia persuadir, impor e difundir seus posicionamentos, além de ser a forma de manter o *status quo* após o golpe. A televisão, pelo seu potencial de mobilização, foi mais utilizada pelo regime, tendo também se beneficiado de toda a infra-estrutura criada para as telecomunicações (MATTOS, 2002, p. 35).

O regime militar também foi decisivo para o desenvolvimento de algumas emissoras e a decadência de outras. A concessão de licenças para importação de materiais e equipamentos, por exemplo, favorecia os veículos que apoiavam as políticas governamentais. Mattos (2002) destaca o surgimento e ascensão da TV Globo justamente nesse período.

Outro aspecto da ingerência do Governo Federal sobre a mídia eletrônica, que se manteve por décadas, teve relação com a concessão de canais. “De 1964 a 1988, a concessão de licenças para exploração de frequências reforçou o controle exercido pelo Estado, pelo simples fato de que tais permissões só eram concedidas a grupos que originalmente apoiaram as ações adotadas pelo regime” (MATTOS, 2002, p. 91).

Entre 1964 e 1975, a TV brasileira evoluiu ainda em dois aspectos. Gradativamente, deixou de lado o caráter de improvisação em prol de práticas mais profissionais e adoção de padrões de administração norte-americanos. Foi também um período em que o governo investiu na execução de obras de ampliação e modernização do sistema de telecomunicações. Essa nova infra-estrutura permitiu o surgimento e expansão das redes de televisão (MATTOS, 2002, p. 94).

A segunda fase seguiu a tendência de crescimento do número de televisores no país, consequência, sobretudo, da redução do custo do aparelho com o aumento da escala de produção. É a fase em que televisão ganha popularidade. Dados da Abinee apontam que em 1964 havia no Brasil cerca de 1.663.000 televisores em uso, número que, dez anos depois, chegou a 8.781.000.

É evidente que, com mais televisores, ampliou-se o perfil da audiência. Como a indústria televisiva brasileira sempre teve na publicidade a principal fonte de renda, o conteúdo dos programas ficou mais popular, para atender aos novos telespectadores, que já não pertenciam apenas à elite econômica.

Os concessionários, no entanto, não tiveram absoluto controle sobre o que veiculavam. Assim como o regime militar exerceu domínio sobre o sistema de telecomunicações no país, era natural que interferisse também na programação das emissoras. Nos primeiros seis anos do golpe, de acordo com Mattos (2002), 50% dos programas exibidos pela televisão brasileira eram estrangeiros, os chamados “enlatados”. Essa estratégia evitava os transtornos com a censura. Shows de auditório e novelas completavam a base da programação.

De forma mais incisiva, foi nos governos de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) e Ernesto Geisel (1974-1979) que as emissoras ficaram obrigadas a atentar para a responsabilidade com o desenvolvimento e a cultura nacional, refletindo-se em aumento na produção de programas locais e redução dos importados. Foi ainda o governo de Médici que “começou a se preocupar, oficialmente, com o nível de qualidade dos programas a fim de conter os efeitos e excessos daqueles que ofereciam mais e mais suspense, ação, fortes emoções e violência, os quais contribuíam para o crescimento do tamanho da audiência e dos lucros das emissoras de televisão” (MATTOS, 2002, p. 98).

No ano de 1974, um pronunciamento de Quandt de Oliveira, ministro das Comunicações do governo Geisel, apresentou a preocupação com a falta de programação local no país. O discurso foi proferido durante palestra na Faculdade de Comunicação Social de Anhembi, em São Paulo:

57% da programação da televisão é importada e 43% é produzida por técnicos brasileiros. Destes 43%, 34% é matéria estrangeira, editada pelas emissoras brasileiras. Isto significa que, para 109 horas de uma semana de programação, apenas 31 são genuinamente brasileiras; as outras 78 são importadas. (...) A televisão comercial impõe sobre as crianças e jovens uma espécie de cultura que não

tem nada a ver com a cultura brasileira. Em vez de atuar como um fator de criação e difusão da cultura brasileira, a TV está realizando o papel de privilegiado veículo de importação cultural e está desnaturalizando a criatividade brasileira (CAMARGO e PINTO *apud* MATTOS, 2002, p. 104).

É a partir desse momento que começa o processo de nacionalização dos programas. Contudo, a produção local exigia mais recursos e foi necessário o apoio do governo para que esse processo fosse levado a cabo. “Tal apoio foi viabilizado através de créditos concedidos por bancos oficiais, isenções fiscais, co-produções de órgãos oficiais (TV Educativa e Embrafilme, entre outros) com emissoras comerciais, além da concentração da publicidade oficial em algumas empresas (MATTOS, 2002, p. 107).

Para os responsáveis pela programação das emissoras, esse foi um período crítico. Ao mesmo tempo em que se exigia maior produção nacional aumentou a censura sobre a imprensa. O controle rigoroso de tudo o que era veiculado foi mais intenso entre dezembro de 1968 e junho de 1978. “Embora os governos Médici e Geisel tenham feito uma sólida contribuição para o melhoramento do ‘padrão cultural’ e qualidade técnica dos programas de televisão, eles foram responsáveis pelo exercício da censura, que mutilou e limitou a televisão brasileira em vários outros setores” (MATTOS, 2002, p. 106).

A nacionalização da programação abriu as portas para a terceira fase da trajetória da televisão brasileira que, segundo Mattos (2002), vai de 1975 a 1985. Essa fase é caracterizada pelo desenvolvimento tecnológico e pelo início da competição das grandes redes no mercado internacional. São anos de expressivo aumento do número de residências equipadas com receptores de televisão. O censo de 1980 mostrou que 55% dos domicílios brasileiros já possuíam o aparelho, um crescimento de 1.272% se comparado ao ano de 1960 (MATTOS, 2002).

Esse momento da televisão se estende até o fim do governo militar, confirmando a ampla interferência do regime no desenvolvimento da TV no Brasil:

Sem dúvidas, o governo foi a mais importante força-motriz por trás do desenvolvimento da indústria televisiva brasileira, especialmente da TV Globo (criada depois do golpe de 64). Ao criar facilidades nas telecomunicações, tais como as redes de microondas, o cabo coaxial, os satélites e a televisão a cor, o regime militar brasileiro contribuiu para o desenvolvimento técnico da televisão, utilizando-a para promover os ideais do regime (MATTOS, 2002, p. 116).

A próxima fase (1985-1990), conforme Mattos (2002), é de transição e expansão internacional. É nesse período, também, que instituem-se novas regras para a produção audiovisual no país. Em 1988, foi promulgada a atual constituição brasileira, que fixou normas para a produção e programação das emissoras de rádio e televisão. O artigo 221 determina que se invista em programas com fins educativos, artísticos, culturais e informativos, visando à promoção da cultura nacional e regional.

Além da nova regra – que por falta de fiscalização até hoje não é plenamente cumprida – a busca por mercados internacionais se intensifica nesse período, aumentando a competitividade entre as grandes redes brasileiras.

Mattos (2002) chama de fase da globalização e da TV paga o momento da televisão brasileira vivido entre 1990 e 2000. “Com a tendência de desenvolvimento global, na década de 90 começou-se a estabelecer as bases para o surgimento estruturado da televisão por assinatura, via cabo ou via satélite, estruturada nos moldes americanos, e a se debater a televisão de alta definição. Também foi iniciada a busca de programas interativos, a exemplo de ‘Você decide’, da Rede Globo (MATTOS, 2002, p. 125).

Nesse período, se estabeleceram várias emissoras regionais, ampliando as possibilidades de maior regionalização e utilização de canais de televisão alternativos.

Essa fase, marcada por uma nova conjuntura econômica do país, trouxe transformações significativas para a televisão brasileira, com reflexos no nível da programação.

Com o sucesso do Plano Real, as camadas mais pobres da população aumentaram o poder aquisitivo, podendo adquirir inúmeros novos televisores, o que fez crescer a audiência das classes C, D e E. Essa nova audiência acirrou a briga entre as redes de TV aberta, principalmente pelo fato de terem perdido grande parte da audiência das classes A e B, que passaram a compor a audiência dos canais por assinatura. Na disputa pela audiência C, D e E que, apesar de menos qualificada, é quantitativamente maior, as emissoras apelaram para programas popularescos, sensacionalistas, e também passaram a lançar mão de sexo e violência (MATTOS, 2002, p. 150).

A fase da convergência e da qualidade digital é a mais recente, citada por Mattos (2002). A televisão digital no Brasil ainda é associada à ideia de novidade. Embora as discussões sobre o processo de implantação dessa tecnologia tenham iniciado há duas décadas, a maior parte dos efeitos dessa mudança ainda está por vir. Obras recentes sobre o assunto abordam, sobretudo, os desafios que se têm pela frente. Ferraz (2009, p. 15) cita a

Exposição de Motivos, anexa ao Decreto Presidencial nº 4.901 de 2003, para mostrar que até mesmo o Governo não tem claras as transformações sociais que advirão com a implantação do novo sistema: “A televisão digital não é apenas uma evolução tecnológica, mas uma nova plataforma de comunicação, cujos impactos na sociedade ainda estão se delineando”. Neste período de migração para o digital, a televisão é apenas parte do processo. Estudos sobre o desenvolvimento da Internet e das tecnologias digitais, como aponta Vilches (2003, p. 11), “proclamam uma nova ordem comunicacional”. A possibilidade de produzir e transmitir conteúdo pelos novos meios não só aumenta a cada dia como expande radicalmente o leque de enunciadores. Assim, quando se fala em televisão digital, as mudanças vão muito além da veiculação de som e imagem em alta definição. Pressupõem multiprogramação, mobilidade e, principalmente, interatividade. Uma crescente relação dialógica tende a se estabelecer com o espectador, que se transforma em usuário ativo. Na tese “TV digital e produção interativa: a comunidade recebe e manda notícias”, Crocomo (2004) comprovou, por meio de experimento prático, que com a possibilidade de receber programação e também de retornar conteúdo (o princípio da bidirecionalidade e da interatividade) as comunidades alfabetizadas digitalmente podem participar com conteúdo, integrando um programa de canal aberto de TV. Neste sentido, ganha ainda mais força a argumentação de Hall (2003) de que o processo comunicativo linear – emissor/mensagem/receptor – deve ceder espaço a uma forma diferente de pensar essa estrutura, baseada na articulação de momentos distintos, por ele chamados de “produção, circulação, distribuição/consumo, reprodução”. Com o sistema digital, a estrutura já deve sofrer mudanças logo na primeira etapa, a produção, e, mesmo tratando-se de momentos distintos, o consumo e a reprodução tenderão a sentir os efeitos. Assim, o discurso midiático na TV digital poderá trazer novas influências sobre a constituição de identidades culturais, pois a realidade será descrita e percebida de formas distintas, a partir da ampliação significativa de enunciadores.

No tópico a seguir, faz-se uma reflexão sobre a influência que a televisão veio exercendo sobre a formação cultural dos brasileiros ao longo das últimas décadas.

3.1.1 Televisão e formação cultural dos brasileiros

A história da televisão brasileira tem relação direta com o contexto sócio-econômico e político nacional, em seus diferentes momentos. A expansão de emissoras nacionais em detrimento das emissoras regionais também é resultado dessa relação. E tal transformação trouxe como consequência mudanças no processo de formação de identidades.

A audiência da TV brasileira é, hoje, dominada por um número restrito de emissoras, situadas na região sudeste do país. Contudo, nos primeiros anos após a chegada da televisão ao Brasil, o cenário era diferente. A carência de recursos técnicos impedia a emissão de sinal para distâncias superiores a um raio de 100 quilômetros. Também não havia videoteipe. Se não era possível copiar os programas e transportá-los em fitas de vídeo para outras regiões, as emissoras se obrigavam a produzir os próprios programas. A televisão brasileira, portanto, nasceu local.

Essa realidade começou a mudar a partir de 1960. Com a chegada do videoteipe, tornou-se possível gravar e duplicar os programas. Para as emissoras pequenas, na maioria dos casos era economicamente mais viável comprar programas do que produzi-los. De acordo com Priolli (2000), São Paulo e Rio de Janeiro concentravam o melhor do talento artístico e técnico da TV brasileira na época. Estavam, assim, mais capacitados para explorar o mercado que surgia. Começava aí a hegemonia das emissoras do sudeste brasileiro e o enfraquecimento da televisão regional.

Contudo, se o modelo de gestão privada, com a lógica de reduzir custos e ampliar lucros, possibilitou o desenvolvimento da televisão no país, por outro, teve consequências drásticas na cultura brasileira.

A “identidade nacional”, portanto, ou a visão que os brasileiros têm de si mesmos e do país, passou a ser mediada fortemente pelo ponto de vista das duas maiores metrópoles. Consolidou-se a ideia de um centro dinâmico, avançado e cosmopolita – o eixo Rio-São Paulo – em contraste com uma periferia atrasada, conservadora e provinciana (PRIOLLI, 2000, p. 19).

Outro fator que interfere na visão que os brasileiros vêm formando de si mesmos, por meio da televisão, é o modelo que a inspirou. “Desde seu advento, na década de cinquenta, a televisão brasileira tem sofrido a influência americana, tanto na estrutura

comercial como na produção, importando dos Estados Unidos não apenas programas, mas ideias, temas, roteiros e técnicas administrativas” (MATTOS, 2002, p. 110).

Percebe-se, portanto, que o contexto de formação e desenvolvimento da televisão brasileira não favorece a que se contemple a diversidade da cultura nacional. E diante do movimento de globalização, a tendência é que cada vez mais elementos externos passem a integrar a programação da TV. Assim, quando se pensa em manutenção das culturas que não aparecem nos grandes centros, no que tange o papel da televisão, parece que a alternativa mais viável é a atuação das emissoras locais e regionais.

3.2 TELEJORNALISMO NO BRASIL

Além de proporcionar entretenimento, a televisão tem sido um dos principais veículos de informação nas sociedades onde está presente. Vizeu e Correia (2008) apresentam o resultado de uma pesquisa da agência de notícias Reuters, da Rede Britânica BBC e dos Media Centre Poll da Globescan, realizada em dez países. O estudo mostrou a centralidade e a importância da televisão ao revelar que os brasileiros acreditam mais na mídia do que no governo e que o telejornalismo é a principal fonte de informação para 56% dos entrevistados (VIZEU e CORREIA, 2008). A pesquisa sobre hábitos de informação e opinião da população brasileira, realizada pelo Instituto Meta Pesquisas de Opinião (2011), também revelou que os telejornais são considerados no país como a programação televisiva mais relevante para 64,6% dos entrevistados.

No Brasil, o telejornalismo surgiu praticamente junto com a televisão. Dois dias depois da transmissão de estreia, em 20 de setembro de 1950, foi ao ar a edição inaugural do primeiro telejornal da TV Tupi, *Imagens do dia*. O noticiário noturno “constava de uma sequência de filmes dos últimos acontecimentos locais” (SAMPAIO *apud* REZENDE, 2000, p. 105).

O telejornal mais importante, que acabou marcando a década de 50, no entanto, surgiu dois anos depois. O *Repórter Esso* trazia notícias nacionais e internacionais, veiculadas inclusive por meio de filmes, graças ao apoio do anunciante de grande porte. Nesses dez

primeiros anos, no entanto, assim como ocorreu com os demais programas, os telejornais eram produzidos precariamente, devido à falta de recursos técnicos e capacitação de profissionais. Seguiu o estilo radiofônico, baseado na fala e com pouca visualização. (REZENDE, 2000).

A partir de 1960, não só o telejornalismo, mas a TV brasileira como um todo, ganhou novo impulso com a chegada do videoteipe. A nova tecnologia facilitou a gravação e transmissão de imagens. Nessa época, destacou-se também o *Jornal de Vanguarda*, que inovou a concepção de telejornalismo ao trazer, entre outras novidades, jornalistas especializados para comentar os assuntos em pauta, ao invés de se basear apenas na participação de profissionais de locução. O jornal foi reconhecido inclusive com o prêmio Ondas, em 1963, na Espanha. Porém, não resistiu ao golpe militar e foi extinto após a edição do Ato Institucional nº 5 (REZENDE, 2000).

Assim como o *Jornal de Vanguarda*, todo o telejornalismo brasileiro sofreu o peso do golpe militar e da censura. Mas foi também o regime, com seus ideais de integração nacional, que criou condições para a expansão da TV no território nacional. Em 1969, o país começou as transmissões via satélite, obtendo a possibilidade de formar as redes de TV. Foi em 1º de setembro desse ano que nasceu o *Jornal Nacional*, da Rede Globo, transmitido simultaneamente para o Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. O programa, todavia, não surgiu com a marca da isenção. “Como contrapeso para suas virtudes técnicas, o *Jornal Nacional*, logo no início, teve de enfrentar o estigma que perseguiria a TV Globo por muitos anos: a afinidade ideológica com o regime militar” (REZENDE, 2000, p. 110).

A rigidez do controle exercido pelo governo era tão intensa, visando a amenizar a situação vivida no país, que em março de 1973 o presidente Médici fez uma declaração que se tornaria célebre: “Sinto-me feliz, todas as noites, quando ligo a televisão para assistir ao jornal. Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se tomasse um tranqüilizante após um dia de trabalho” (MATTOS, 2002, p. 104).

Apesar de a realidade figurar amena nos telejornais brasileiros, esse tipo de programa foi conquistando audiência ao longo dos anos. Pesquisa do Ibope, em 1980, ouviu três mil telespectadores e constatou que o telejornalismo era a mais importante e ampla fonte de informação. Os telejornais eram os programas preferidos de 87,4% dos homens e o

segundo programa preferido para 71,3% das mulheres, depois das novelas. (MATTOS, 2002, p. 113).

Desde sua criação, o *Jornal Nacional* seguiu quase absoluto ao longo dos anos, assim como a própria Rede Globo. Outras emissoras, no entanto, também alcançaram projeção. No início da década de 80, surgiram com força o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), do empresário e radialista Silvio Santos, e a Rede Manchete, do grupo Bloch. “Em termos ideológicos, a chegada das novas redes parecia não representar qualquer alteração de percurso, porque os vencedores da concorrência davam mostras de compatibilidade com o poder dominante” (REZENDE, 2000, p. 121).

Mudanças no perfil editorial dos telejornais vieram a acontecer de modo mais contundente com o avanço do movimento das “diretas-já”. Não por decisão da cúpula das emissoras, a exemplo da Globo, que durante muito tempo fechou os olhos ao movimento, mas até por razões mercadológicas, uma vez que o desconhecimento da campanha poderia se refletir em perda de audiência e de faturamento (REZENDE, 2000, p. 124).

Com o fim do regime militar, o telejornalismo brasileiro teve oportunidade para evoluir em termos críticos. Não que mudanças drásticas ocorreram, até porque interesses políticos e econômicos sempre determinaram as relações entre o governo e as grandes emissoras. Mas é a partir deste período que surge no país, por exemplo, a figura dos jornalistas exercendo a função de âncora, fazendo comentários e emitindo opiniões sobre as notícias veiculadas.

A partir da década de 90, chegam ao país os canais por assinatura. É nesse período que o telejornalismo ganha um novo espaço. Surgem os canais de notícias 24 horas. Mas o crescimento da TV por assinatura teve como uma das consequências a queda na audiência dos canais abertos, obrigando as emissoras a lançar mão de estratégias para alcançar novos públicos e tornar fiéis os já conquistados.

Como se pode observar, a trajetória da televisão brasileira se caracteriza pela ascensão e domínio das grandes redes. Entretanto, essa condição foi desfavorável, em muitos aspectos, às emissoras regionais e à própria cultura do país, inclusive no que se refere ao jornalismo, como argumenta Rezende (2000):

O êxito da televisão brasileira advinha, em grande parte, da consolidação do sistema de rede, na década de 1970 até meados da de 80. Se, porventura, trouxe alguns

benefícios, sobretudo quanto à melhoria da qualidade técnica dos programas, as redes – especialmente a Globo pelo controle quase absoluto do mercado nacional – causaram um prejuízo irreparável às emissoras regionais. Por questões financeiras e mercadológicas, os concessionários de canais de TV se viram forçados a abandonar suas produções locais e transformaram suas emissoras, praticamente sem exceção, em meras estações retransmissoras da programação realizada invariavelmente no Rio de Janeiro e São Paulo. Desde então, a predominância da óptica paulista e carioca instalou-se em todos os setores da programação. Apesar dos noticiários locais, mantidos precariamente mais para obedecer a orientações legais, o jornalismo regional perdeu importância e influência. Essa realidade tornou-se ainda mais explícita ao se considerar a participação das notícias regionais nos telejornais de cobertura nacional. O regional só tem lugar com informações pitorescas ou catastróficas, ou eventualmente nas edições de sábado, “quando nada acontece” (REZENDE, 2000, p. 118-119).

Tal quadro alerta para a necessidade de maior atenção ao telejornalismo local e à sua importância para as comunidades a que se direciona. Tendo presente que as reportagens em estudo referem-se a Tubarão, sintetiza-se a seguir sua história.

3.3 TUBARÃO, UNISUL E UNISUL TV

O objeto de estudo desta pesquisa é expressão manifesta em som e imagem de uma trajetória iniciada há milênios. A cultura, entendida no mais amplo significado, pressupõe a existência da figura humana. Pesquisas do grupo de arqueologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) indicam que os primeiros habitantes da região viveram há mais de seis mil anos. Os vestígios se mantêm sob a terra. Já a face contemporânea dessa longa história está bem mais à mostra. Protagoniza as reportagens que serão analisadas. Desvelar um pouco desse percurso, portanto, é pôr à mostra as bases sobre as quais se constituíram a cidade de Tubarão, a Unisul e, mais recentemente, a Unisul TV.

3.3.1 Tubarão: das origens ao presente

Antes da instalação do povoamento que iria tornar-se origem da população tubaronense, o litoral sul de Santa Catarina teve outros grupos de habitantes. Achados arqueológicos apontam que sambaquieiros viveram na região há cerca de 4.550 a.C. Segundo Claudino e Farias (2009), os sítios arqueológicos encontrados na região são os mais antigos do sul catarinense.

Essa área serviu de base também para os ceramistas *Jê*. Por volta do ano 1.000 d.C, eles, possivelmente, se integraram ao grupo de caçadores-coletores construtor de sambaquis. Cerca de 300 anos depois, apareceram os Tupi-Guarani, que habitaram as regiões próximas às lagoas e ao mar (CLAUDINO e FARIAS, 2009).

Os indígenas ocuparam essas terras até o final do século XIX, quando foram praticamente exterminados, num processo de escravização e genocídio que iniciou nas primeiras décadas após a chegada dos europeus ao Brasil (VETTORETTI, 1992).

As terras que hoje compõem o município de Tubarão receberam novo povoamento no século XIX. O historiador Amadio Vettoretti (1992) relata que, em 1767, a esquadra espanhola comandada por Don Pedro de Ceballos tomou a Colônia de Sacramento, no Uruguai, e estendeu sua conquista até a vila do Rio Grande, no território que hoje pertence ao estado do Rio Grande do Sul. A barra da Lagoa dos Patos foi fechada. Comerciantes locais que escoavam produtos pelo Atlântico precisaram, então, procurar outra ligação com o oceano. Foi quando se voltaram para Laguna.

Mercadorias, transações comerciais, trabalhadores. O movimento gerado em torno do porto lagunense veio dar fôlego ao desenvolvimento da cidade juliana e arredores.

Os ares do progresso se expandiram na região. Esta foi a causa indireta relacionada ao início do povoamento às margens do Rio Tubarão. Em consequência, outro acontecimento foi se juntar a esse ressurgimento comercial, tornando-se a causa direta da origem de Tubarão: a abertura do caminho ligando Lages a Laguna (VETTORETTI, 1992, p. 40).

A necessidade de uma conexão entre o planalto e o litoral, também por questões comerciais, já que pelo porto de Laguna era possível tanto escoar como receber mercadorias, motivou a construção da estrada. O trecho navegável do rio Tubarão foi aproveitado para

facilitar o percurso. O ponto principal onde ocorria a substituição de animais de carga por embarcações, e vice-versa, para continuidade do trajeto, ficou conhecido como Poço Grande.

Neste local de manobra obrigatória de carga e descarga, seguindo uma lógica elementar, a necessidade impôs a construção de alguns abrigos para proteger as mercadorias, os viajantes, os tropeiros e os arreios. Este fato, como consequência natural, atraiu pessoas para fixarem residência e prestarem serviço de assistência aos viajantes (VETTORETTI, 1992, p. 41).

Em 22 de abril de 1833, o Poço Grande do Rio Tubarão foi oficialmente denominado pela Câmara de Vereadores como quinto distrito do município de Laguna. Três anos depois, elevou-se à condição de Freguesia, uma espécie de departamento administrativo do Governo Provincial. Com mesmo sentido de paróquia, a Freguesia vinculava-se à Igreja Católica.

Vettoretti (1992) conta que a capela que se transformou na Paróquia de Nossa Senhora da Piedade foi a primeira edificação coletiva, após a fundação do povoado. Documento da Arquidiocese de Florianópolis, de 1951, versa sobre o histórico da paróquia.

Padroeira Nossa Senhora da Piedade. O nome de Tubarão lembra o do famigerado índio Tubarão³, com que se encontravam em 1605 os missionários Jesuítas, e cuja influência ia desde o Rio Grande do Sul até o Porto de Laguna. As margens deste rio, que desemboca no Porto de Laguna, deviam ser conhecidas desde 1684, com a fundação de Laguna. O povoado, porém, só aos poucos se foi formando, e muito humildemente, talvez por volta de 1800. Depois disto não demorou a aparecer uma capelinha dedicada à Nossa Senhora da Piedade, à meia encosta do pequeno morro, provida de uma imagem, sem terras, porém. Quando surge a ideia da formação da Freguesia, era dono destes terrenos um certo João Teixeira Nunes, com residência sobre o morro, e naquele sentido cede 80 braças em quadro, na data de 20 de Junho de 1829, mencionando-se já no documento a capelinha, a imagem, o projeto da freguesia e o desejo da construção de nova Igreja. Aos 7 de Maio de 1836, por lei provincial, se criava a mencionada freguesia (ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS *in* História das Paróquias, p. 79, *apud* VETTORETTI, 1992, p. 48-49).

³ Nos estudos de Vettoretti (2004), o topônimo “Tubarão” associa-se a duas referências. Origina-se da expressão tupi-guarani “Tuba-Nharô”, que significa Pai Feroz. A partir de relatos de missionários jesuítas que atuaram na região no início do século 17, Tuba-Nharô foi um cacique considerado “persona non grata”, que assaltava e prendia índios de outras tribos para entregá-los a escravocratas em troca machados, facas, anzóis e outras bugigangas. Por seu comportamento, assemelhava-se ao “Pai Feroz”. Outros dados históricos também associam o termo às águas do rio que corta a região, que normalmente eram potáveis e calmas, onde se navegava com tranquilidade. No entanto, quando ocorriam temporais do leste, o rio rapidamente se avolumava, formando ondas “fúrias”, transformando-se, assim, em “Pai Feroz”. É também relacionado ao rio o dístico pelo qual o município é conhecido: Cidade Azul. Segundo Vettoretti (2004, p. 19), “a autoria é do escritor, jornalista e político catarinense Virgílio Várzea, que se encantou com a beleza do rio, a limpidez da água que refletia o azul celeste contracenando com o conjunto paisagístico a sua volta. Atribuiu-se a ele a expressão retirada da frase: ‘O rio passa, serpenteando, e no seu rastro de prata, banha a cidade azul’”.

A emancipação ocorreu mais de três décadas depois de a localidade tornar-se Freguesia. Em 27 de maio de 1870, foi decretado o desmembramento das terras, criando-se o município “do” Tubarão, emancipado de Laguna (VETTORETTI, 1992).

Às margens do rio que lhe deu nome, o novo município foi se desenvolvendo. A população urbana e rural aumentou. Dentre os fatos que marcaram essa trajetória, cabe destacar dois acontecimentos que, de certa forma, ainda têm reflexo na configuração atual da cidade: a construção da Ferrovia Tereza Cristina e a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

A história da ferrovia começa antes mesmo de Tubarão transformar-se em município. Por volta de 1830, tropeiros que faziam o percurso entre Lages e Laguna descobriram, acidentalmente, riqueza mineral na região.

Numa determinada noite, estando um grupo de tropeiros acampados em Passa Dois, nas proximidades de Lauro Müller, ajustaram algumas pedras para servirem de suporte às panelas. Após atear fogo à lenha, observaram espantados que as pedras também estavam queimando. (...) No outro dia, recolheram as amostras, que foram remetidas ao Rio de Janeiro. O Governo Imperial enviou exploradores, que atestaram a presença de carvão de boa qualidade (VETTORETTI, 1992, p. 202).

A exploração do minério, que cerca de dez anos depois foi concedida pelo imperador Dom Pedro II ao industrial e empresário Segundo Visconde de Barbacena, exigia a construção de uma ferrovia, para o transporte e escoamento da produção. A obra só seria iniciada em 1880, com recursos de investidores ingleses, e inaugurada em 1º de setembro de 1884. Mas o principal momento em que se mostrou determinante para o desenvolvimento da cidade surge com a instalação da CSN, no então bairro de Capivari (VETTORETTI, 1992).

Durante a Segunda Guerra Mundial, o governo Vargas elaborou um projeto para implantar no Brasil a indústria de base, através da siderurgia. Conflitos internacionais daquelas proporções inibiam as importações, por isso, era necessário desenvolver a indústria brasileira. Adotada como medida de segurança, a iniciativa teve apoio das forças militares. O financiamento veio dos Estados Unidos que, em troca, pôde instalar na costa do nordeste brasileiro e no arquipélago de Fernando de Noronha bases militares estratégicas para a guerra. A Companhia Siderúrgica Nacional – usina de Volta Redonda – foi construída em 1941. Um ano depois, implantou-se o setor de Santa Catarina. A necessidade de água abundante

determinou a escolha de um dos locais: às margens do rio Tubarão, na junção com o rio Capivari. Também pesou o fato de os dois troncos da Ferrovia Tereza Cristina (Criciúma e Lauro Müller) se juntarem em Tubarão. O setor catarinense da CSN criou os departamentos de energia (Usina Termoeletrica de Capivari – UTE); carvão (Mineradoras de Siderópolis); e Beneficiamento (lavador de Capivari). Após três anos de construção, em 1945, a CSN já operava na região. Com a instalação da indústria, o então bairro de Capivari, praticamente rural, passou por um rápido processo de urbanização. Recebeu saneamento básico e toda infra-estrutura para acolher os novos profissionais. O desenvolvimento acabou se refletindo em toda a cidade (VETTORETTI, 1992).

Sendo o braço da mais poderosa estatal do Brasil, provocou um surdo impacto em toda região, e deslançou Tubarão, a começar pelas operações comerciais. Esta movimentação atraiu trabalhadores e pequenos investidores da região, o que impediu⁴ o crescimento da construção civil. A euforia tomou conta dos tubaronenses: aquele empreendimento vinha trazer a redenção econômica da cidade (VETTORETTI, 1992, p. 215).

Markun e Hamilton (2001) também destacam a importância da indústria do carvão para o crescimento do município. Paralelo aos avanços, ficou evidente uma carência da região.

No começo dos anos 40, Tubarão tornou-se um canteiro de obras, graças à CSN. Seus moradores já dispunham de uma moderna ponte para cruzar o rio – a Nereu Ramos, inaugurada em 1939. Os jogos mais importantes aconteciam no Estádio Hercílio Luz, hoje Aníbal Costa, inaugurado junto com o Centro de Saúde e a Estrada da Guarda (...). Mas os rapazes que quisessem estudar além do primário continuavam tendo que deixar Tubarão. E para muitos tubaronenses, isso não podia continuar por mais tempo (MARKUN e HAMILTON, 2011, p. 28-29).

A necessidade de oferecer aos jovens uma instituição de ensino onde pudessem continuar sua formação sem deixar o município tornou-se fator de mobilização social. O movimento culminou com a implantação do Colégio Dehon, que décadas depois veio dar origem à Unisul. Esse processo será posteriormente apresentado. Antes, ainda numa perspectiva histórica, faz-se um resgate das etnias que ajudaram a formar a população regional, principalmente de Tubarão, no intuito de identificar vestígios culturais por eles

⁴ O termo “impediu” parece contradizer a afirmação do autor. Supõe-se que pode ter havido algum erro de grafia. Mais adequado ao contexto talvez seja o termo “impeliu”.

deixados e as manifestações que ainda se preservam. Tais elementos servirão de base para analisar se as reportagens veiculadas pela Unisul TV, objeto desta pesquisa, dão conta de representar os aspectos essenciais da identidade local.

3.3.1.1 TRAÇOS ÉTNICOS E CULTURAIS DA POPULAÇÃO REGIONAL

Já se mencionou que o povoamento de Tubarão começou seu desenvolvimento com os moradores que resolveram fixar residência para atender aos tropeiros que faziam o percurso entre Lages e Laguna. Os viajantes utilizavam o trecho navegável do rio Tubarão para transportar mercadorias. O chamado “Poço Grande” era o ponto de carga e descarga, onde, para continuar o percurso, se substituíam embarcações por animais. A data de concessão de sesmarias nesse local é considerada o marco inicial do povoamento de Tubarão.

É provável que, observando a posição estratégica, para o comércio naquela parada obrigatória, o Capitão João da Costa Moreira e seu sogro, o Sargento-Mor Jacinto Jaques Nicós, requereram duas sesmarias em torno daquele local, as quais lhes foram concedidas em 5 de agosto de 1774, data marco do início do povoamento da cidade de Tubarão (VETTORETTI, 1997, p. 105).

Até o ano de 1808, mais 15 sesmarias às margens do rio Tubarão foram concedidas. No aspecto etnográfico, os primeiros habitantes caracterizavam-se pela mesma mistura que deu origem ao povo brasileiro e que chegou a Laguna décadas antes.

Vettoretti (2004) afirma que os colonizadores da região distinguem-se em três ciclos: o vicentista, o açoriano e o europeu (extra Portugal).

Os vicentistas ou paulistas foram os primeiros a se instalar no sul do país como resultado, principalmente, de movimentos bandeirantes. Já não era, porém, um grupo homogêneo. Compunha-se de portugueses do ultramar e portugueses nascidos no Brasil e seus descendentes, a partir da miscigenação com negros e índios. Também havia os cafuzos, oriundos da união entre negros e índios (VETTORETTI, 2004).

As três etnias formavam até então a base cultural da região, embora os indígenas tenham sido vítimas de violentos massacres e, sendo praticamente dizimados, pouco puderam

propagar sua cultura. Os portugueses, por sua vez, imbuídos de espírito colonizador e dominante, tiveram mais condições de se impor.

Basicamente a partir da expansão populacional de Laguna é que se formou o povoamento de Tubarão. Daí decorre que as etnias que iniciaram a composição do povo tubaronense são as mesmas da cidade vizinha. Considere-se que, inicialmente, as terras que hoje integram os dois municípios antes pertenciam apenas a Laguna.

Portugueses agraciados com sesmarias eram obrigados a cultivar as terras recebidas, conforme contrato de concessão. Como nessa época ainda predominava o sistema colonial, muito do trabalho braçal era realizado por escravos negros. Em Tubarão não foi diferente. De acordo com Lúcio (2006), embora não seja possível definir com exatidão quando os primeiros escravos chegaram à vila que se tornaria o município de Tubarão, uma série de documentos comprova que eles já vieram com os sesmeiros. A cultura dos africanos, porém, praticamente não teve espaço para se manifestar, pois sendo destinado ao trabalho, o escravo era “educado” para se submeter às condições estabelecidas por seus proprietários.

O sentido pedagógico da escravidão, se é possível o emprego desta expressão, endossa os caminhos da assimilação e utiliza a ressocialização como processo educativo visando ao disciplinamento do corpo e da mente. Esses processos – que são harmônicos entre si e complementares – culminam com a diluição da identidade do escravo, que passa a esquecer sua tradição étnica e seu ser negro, e começa a assumir uma outra identidade étnica, que por muito tempo ainda guardará nas relações com seu ofício (LÚCIO, 2006, p. 115).

Enquanto a cultura africana era subjugada, elementos étnicos portugueses consolidavam-se, isso que já haviam ganhado reforço com a chegada em massa dos açorianos, entre 1748 e 1756. Segundo Vettoretti (2004), os açorianos fixaram-se inicialmente no litoral catarinense entre Vila Nova (Imbituba) e São Francisco do Sul. Só depois chegaram a Laguna por meio de um lento processo migratório. Apesar das adversidades enfrentadas com a necessidade de adaptação a uma terra com características diferentes da de origem, os açorianos conseguiram transmitir o legado cultural de origem portuguesa.

A partir da segunda metade do século 19 começam a chegar à região outras levas de imigrantes. Conforme Vettoretti (2004), em 1874 um pequeno grupo de colonos alemães chegou a Braço do Norte. Esses, porém, já habitavam em solo brasileiro e se deslocaram a fim de conquistar melhores condições de sobrevivência. “Braço do Norte se incluiu na

colonização de Tubarão não como imigrantes diretos de seus países, mas em processo migratório como colonos com experiência de mais de dez anos no território brasileiro” (VETTORETTI, 2004, p. 28).

Afora essa experiência anterior dos alemães, outros grupos de imigrantes europeus chegaram sucessivamente à região entre 1877 e 1893. Dos que ocuparam as três colônias do sul, em Azambuja, Grão-Pará e Nova Veneza, cerca de 90% eram italianos, os demais alemães e, em escala bem menor, os poloneses. Sua maior influência cultural, nos primeiros tempos, deu-se no modo como era desenvolvido o trabalho agrícola. Entre os brasileiros de origem portuguesa, as práticas eram arcaicas e os instrumentos, obsoletos. A produção limitava-se praticamente à subsistência. Já as técnicas trazidas pelos novos imigrantes apresentavam avanços, sobretudo com o uso da força hidráulica. Eles promoveram, também, mudanças na dieta alimentar (VETTORETTI, 2004).

As manifestações culturais dos imigrantes foram mais fortemente preservadas nos centros das colônias, a exemplo de Urussanga, mas perderam força nas áreas periféricas, devido ao permanente contato com as culturas já existentes. Esse enfraquecimento foi agravado com a repressão governamental contra italianos e alemães, como reflexo do conflito europeu, no período da segunda guerra mundial. Nas terras tubaronenses, a hibridização cultural ocorreu sem grandes impactos.

Em Tubarão, desde o início do século XX, os italianos que tinham algum capital ou profissão, foram chegando aos poucos, integrando-se aos nacionais, miscigenando-se por casamentos e fundindo-se à cultura portuguesa e por ela foram absorvidos. (...) Este entrosamento facilitou-se por não haver os entraves provocados por conflitos religiosos. Este caldeamento cultural e familiar acentuou-se a partir da década de 1940 (VETTORETTI, 2004, p. 29).

Tal circunstância teve como consequência o gradual declínio da cultura de origem portuguesa, hegemônica até poucas décadas anteriores, e a participação pouco contundente da cultura italiana.

Sobre o perfil étnico de Tubarão, portanto, fica evidente que a principal característica é a formação plural, com ênfase para portugueses e italianos, uma participação menor de alemães e, mais rara ainda, de poloneses. Elementos da cultura africana também estão presentes, mas pelas condições históricas foram impedidos de alcançar maior projeção.

3.3.2 Do colégio Dehon à Unisul

O conjunto de diretrizes que constituem a missão, visão e valores da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 2011b) estabelece que até 2013 a Universidade seja reconhecida pela qualidade e excelência de suas ações e serviços. Para tanto, exige que a Unisul consolide posição de liderança em graduação entre as universidades catarinenses; posição de liderança em educação a distância e educação continuada, em nível nacional; e figure entre as melhores universidades catarinenses no segmento de pós-graduação. Determina, ainda, que a Unisul promova áreas de pesquisa avançada reconhecida pela comunidade científica nacional.

Atualmente, a Unisul tem quase 40 mil alunos que frequentam 136 cursos de graduação e pós-graduação, nas áreas biológicas e da saúde, exatas, agrárias e engenharias, humanas, letras e artes, sociais e aplicadas. Possui quatro Mestrados – Administração, Ciências da Linguagem, Ciências da Saúde e Educação – e um doutorado em Ciências da Linguagem. Pela Unisul Virtual, mantém 13 cursos a distância. Quanto à estrutura física, são 250 mil metros quadrados de área construída nas regiões de Tubarão, Araranguá e Florianópolis. (UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA, 2011). Esses números, bem como os projetos futuros, mostram que a Universidade foi além do projeto original, que era bem menos audacioso.

De acordo com Markun e Hamilton (2001), que fizeram um resgate da trajetória da instituição, até o início da década de 1940, Tubarão tinha cerca de 10 mil habitantes. O Colégio São José, fundado em 1895 e mantido por irmãs da Congregação da Divina Providência, era a única instituição de ensino do município que oferecia ginásio e curso normal. Porém, o privilégio de frequentar as séries mais avançadas era restrito às garotas. Apenas no primário havia turmas mistas. Aos rapazes que quisessem avançar nos estudos, a única opção era partir para outras cidades. Ainda assim, havia dificuldades, pois, à exceção de Laguna, que possuía colégio com curso ginásial, nenhum outro município do sul catarinense contava com escolas para receber o público masculino que completasse o primário.

O anseio de lideranças políticas e empresariais de Tubarão aliou-se à intenção da Congregação do Sagrado Coração de Jesus de instalar um ginásio no município. Os religiosos

já mantinham instituição semelhante em Minas Gerais. No estado, possuíam seminário na cidade de Corupá. Os primeiros contatos, no início de 1944, se deram entre o provincial da congregação, padre José Poggel, e o bancário tubaronense Luiz Francalacci, que tinha um filho que estudava no seminário de Corupá. Lideranças locais foram mobilizadas e em junho do mesmo ano já estavam prontos os estatutos do Ginásio Sagrado Coração de Jesus S/A. O registro oficial deu-se em março de 1945. O capital previsto para a concretização do projeto era de 600 mil cruzeiros. A composição da sociedade anônima foi dividida em seiscentas ações de mil cruzeiros. Buscaram-se sócios além das fronteiras do município. O sócio com maior número de ações era o comerciante tubaronense Manuel Feijó, que cedeu o terreno onde foi lançada a pedra fundamental da obra, em maio do mesmo ano (MARKUN e HAMILTON, 2001).

Pela falta de recursos, a construção passou por alguns percalços. Em vez de as atividades letivas iniciarem no ano seguinte, como era previsto, as aulas só puderam ser realizadas a partir de março de 1947, ainda com o prédio em obras. Nessa época, não havia regime de internato, que só seria implantado em 1952. A primeira formatura do Ginásio Sagrado Coração de Jesus ocorreu em 8 dezembro de 1949. Naquele mesmo ano, a sociedade mantenedora do colégio havia sido dissolvida por falta de recursos. Os padres da congregação que coordenavam a instituição assumiram o controle, recebendo em doação as ações (MARKUN e HAMILTON, 2001).

Junto com as aulas, seguia-se a edificação de partes da estrutura do prédio, o que ocorreu praticamente até o fim da década de 1950. Nessa época, especificamente em 1958, o estabelecimento passou a ter curso científico e a se chamar colégio Dehon, em homenagem ao fundador da congregação do Sagrado Coração de Jesus, padre João Leão Dehon (MARKUN e HAMILTON, 2001).

Ainda em meados da década de 50, o ensino em Tubarão ganhou mais um reforço, com a criação da Escola Técnica de Comércio (ETCT). O êxito do empreendimento motivou a idéia da implantação de uma Faculdade de Ciências Econômicas. Um ano após o início das atividades da ETCT, em 1956, o presidente Juscelino Kubitschek autorizou, por decreto, a criação da Faculdade, mas o projeto de implantar em Tubarão um curso de nível superior só saiu do papel dez anos depois. Em novembro de 1964, foi assinada a Lei Municipal nº 353, que criou o Instituto Municipal de Ensino Superior (Imes), autarquia responsável pela administração do ensino superior em Tubarão. No início do ano seguinte, o Conselho Estadual

de Educação autorizou o funcionamento da Faculdade de Ciências Econômicas em Tubarão. O processo de abertura da faculdade teve como um de seus principais líderes o professor Oswaldo Della Giustina. Foi ele, também, que coordenou a criação da Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina (FESSC). Desvinculada do Imes e da subordinação exclusiva à prefeitura, a nova instituição teve como obter mais facilmente recursos de outras fontes para se desenvolver. Em 1967, a FESSC foi criada por lei municipal. No ano seguinte, foi declarada como sendo de utilidade pública (MARKUN e HAMILTON, 2001).

No início, a FESSC funcionava em salas alugadas do colégio Dehon. No entanto, em 1971, com o crescimento no número de alunos e cursos, o espaço já não era suficiente. Foi quando a direção mobilizou-se para comprar o colégio Dehon. Com sede própria, a fundação passou a manter também o Departamento de Ensino Médio (MARKUN e HAMILTON, 2001).

Um dos fatos mais trágicos já registrados em Tubarão marcou a trajetória da FESSC. Em março de 1974, a cidade foi assolada por uma grande enchente. Os registros oficiais apontam 199 mortos, 30 mil desabrigados, além de um prejuízo econômico equivalente a 50 vezes o orçamento anual da prefeitura na época. Por causa dos estragos e do período necessário à recuperação da área urbana, as aulas na FESSC ficaram suspensas por quase dois meses. O Centro de Educação Permanente, setor da Fundação que tinha como objetivo promover a coordenação da capacitação de recursos humanos, recém iniciava suas atividades e foi fundamental nesse período crítico. “Nesta época, foram estabelecidos convênios com vários organismos estaduais para treinar o pessoal da construção civil e da agricultura, tendo em vista a reconstrução da cidade” (MARKUN e HAMILTON, 2001, p. 105).

Ainda na década de 1970, uma experiência inovadora de educação mudou o panorama do ensino médio tubaronense. Com a criação do Centro Intercolegial Integrado de Tubarão (Cicit), idealizado por professores da FESSC para socializar e democratizar o ensino, alunos de escolas públicas e privadas passaram a realizar um curso único. Todos os estudantes tinham acesso à estrutura dos colégios integrados – os particulares Dehon e São José, a Escola Técnica de Comércio e o estadual Benjamin Galotti – por meio de um sistema de rodízio de escolas. Aqueles que não podiam pagar mensalidades recebiam bolsas do governo do estado. A experiência durou seis anos e não resistiu à crescente falta de apoio do governo estadual e

às mudanças na política nacional de educação estabelecida na época (MARKUN e HAMILTON, 2001).

Se por um lado o Cicit não vigorou por muito tempo, a FESSC manteve firmes suas atividades. No ano de 1978, Oswaldo Della Giustina deixou a direção da instituição e passou o cargo ao professor Silvestre Heerdt. Um dos principais objetivos do novo gestor era transformar a fundação em universidade. O primeiro pedido formal para criação da Unisul foi entregue à Comissão de Educação da Câmara Federal em 1979, mas se concretizou só dez anos depois. A FESSC tornou-se Universidade em 25 de janeiro de 1989. Nessa época, a instituição já tinha mais de três mil alunos, do maternal à faculdade. Havia 18 cursos superiores e um curso técnico de segundo grau. O professor José Müller esteve entre as lideranças que acompanharam todo o processo e foi eleito o primeiro reitor da Universidade, assumindo em cargo em 22 de março de 1989. Müller teve como sucessor o professor Silvestre Heerdt, que tomou posse em 19 de março de 1993 e ficou à frente da instituição por duas gestões seguidas. Na segunda, teve como vice-reitor o professor Gerson Luiz Joner da Silveira, que quatro anos depois, em setembro de 2000, assumiu a reitoria da Unisul e também permaneceu no cargo por duas gestões. (MARKUN e HAMILTON, 2001).

Atualmente, o cargo de reitor da Unisul é exercido pelo professor Ailton Nazareno Soares. Ele dirige a instituição desde 22 de março de 2009, tendo como vice-reitor o professor Sebastião Salésio Heerdt, que também foi vice de Gerson Joner da Silveira nas duas gestões.

Com o desenvolvimento ao longo dos anos, a universidade passou por transformações. Para atender as demandas nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, bem como para estar em sintonia com os valores que norteiam a instituição, entre eles o compromisso com o desenvolvimento regional, novos projetos foram implementados. A Unisul TV figura entre eles. E como o papel da emissora está na base desta pesquisa, sua trajetória será relatada a seguir.

3.3.3 Unisul TV: quase cinco anos no ar⁵

A história da televisão em Santa Catarina, da qual hoje a Unisul TV faz parte, coincide com o início das transmissões via satélite no país, quando surgiu a possibilidade de formação de redes de TV. No dia 1º de setembro de 1969 foi ao ar o *Jornal Nacional*, da Rede Globo, transmitido para Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. No dia seguinte, 2 de setembro de 1969, a TV Coligadas (canal 3), de Blumenau, foi inaugurada. Antes desse período, os televisores em Santa Catarina captavam apenas o sinal de emissoras dos estados vizinhos Paraná e Rio Grande do Sul (PEREIRA, 1992).

Pereira (1992) afirma que o surgimento e expansão de emissoras de televisão no Estado têm forte relação com pressões e influências políticas e econômicas, como ocorreu e ainda ocorre em todo país. Historicamente, as emissoras foram sendo implantadas nas principais cidades de cada região catarinense e organizadas em forma de redes. Entre as pioneiras destacam-se a Rede de Comunicações Eldorado (RCE), a Rede Brasil Sul (RBS), a Rede Barriga Verde de Comunicações e o Sistema Catarinense de Comunicações.

Atualmente, pelo sistema de radiodifusão comercial, Santa Catarina possui 16 emissoras de televisão e 603 retransmissoras operando regularmente. Pelo sistema educativo, são sete: TV Panorama (Balneário Camboriú); Furb TV (Blumenau); TV Cultura (Florianópolis); TV Brasil Esperança (Itajaí); TV Brasil Esperança (Joinville); Rede Bela Aliança (Rio do Sul) e Unisul TV (Tubarão) (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2011b).

A Unisul TV, foco desta pesquisa, levou ao ar o primeiro programa – Grandes Temas – em 30 de setembro de 2006. Porém, a trajetória que culminou com a implantação da emissora começou bem antes.

Com a criação da FESSC, no fim da década de 1960, o diretor da instituição na época, Osvaldo Della Giustina, já projetava a implantação de uma emissora de televisão educativa para Tubarão e região. A idéia começou a ser concretizada vinte anos depois. Em 1989, após a elevação da FESSC à condição de Universidade, o então reitor, Silvestre Heerdt,

⁵ Ainda é restrito o material bibliográfico relativo à Unisul TV. Informações históricas que constam no trabalho foram obtidas por meio de entrevista com o diretor geral da Unisul TV, jornalista Ildo Silva da Silva (2010).

assinou o projeto que foi apresentado ao Ministério das Comunicações. Logo em seguida, a Unisul criou o Curso de Comunicação Social.

Em 1994, o Ministério das Comunicações autorizou universidades e prefeituras a instalar equipamentos para repetir o sinal da TVE do Rio de Janeiro. Foi quando houve assinatura de convênio com a Fundação Roquete Pinto, responsável pela emissora carioca. Nessa fase, a TVE em Tubarão tinha pouco vínculo com a Unisul. A prefeitura era responsável pelo pagamento do profissional técnico e por despesas operacionais. Nessa época, a TVE entrava em Tubarão sem programação local e já pelo canal 4, frequência que hoje é usada pela Unisul TV.

Em 1999, a Unisul contratou o Engenheiro Luiz Reis para reformular o processo de pedido de concessão. Os responsáveis pela assessoria de comunicação da Unisul, nessa época, eram os professores Joaquim Faraco e Laudelino dos Santos Neto. O processo levou quatro anos, até que em outubro de 2003 o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, e o reitor da Unisul, Gerson Joner da Silveira, assinaram o contrato da concessão. A Unisul solicitou que o canal 4 fosse elevado à condição de geradora, a partir da repetidora da Fundação Roquete Pinto, e, nesse período, teve que fazer uma mudança no estatuto. Por exigência do Ministério das Comunicações, deveria estar expreso no estatuto que a universidade assumiria a responsabilidade pela gestão da radiodifusão de sons e imagens. A partir da assinatura do contrato de concessão, o prazo para implantação da emissora, conforme determinação legal, seria de 36 meses.

Antes da instalação da Unisul TV, convém salientar, a universidade mantinha no ar nessa época a WEB TV, um projeto desenvolvido na internet e que ensaiava a futura emissora. Também já havia realizado programas para a TV Cabo de Tubarão, a partir da estrutura terceirizada do curso de Comunicação Social, com a montagem e exibição de programas feitos a partir dos projetos experimentais dos alunos concluintes do Jornalismo.

O que até então permanecia basicamente no papel começou a tomar forma em maio de 2005, quando um grupo de gestores da universidade se reuniu com os coordenadores do curso de Comunicação Social, Laudelino José Sardá e Darlete Cardoso, para dar encaminhamento ao projeto. Como professor do curso e pela experiência de mercado e gestão de televisão, o atual diretor geral da Unisul TV, Ildo Silva da Silva, também foi convidado. Foi a partir desse momento que ele assumiu o projeto de implantação da emissora.

Ao terminar o encontro que discutiu a implantação da então chamada TV Educativa de Tubarão, o Sardá me convidou para coordenar o projeto de implantação, com alocação de horas para estudos técnicos, de programação, estruturais e legais. A partir daquele mês, comecei a trabalhar em três disciplinas no curso de Comunicação Social e na coordenação do projeto da TV, que ainda estava no papel, mas tinha pouco tempo para virar realidade. Fiz viagens de estudos a outras universidades para identificar formatos e modelos para nossa operação. Visitei a Univali, de Itajaí, a Furb, de Blumenau, a TV Panorama, de Balneário Camboriú e a Ulbra TV, em Porto Alegre. Já conhecia os modelos da PUC, TVE de Porto Alegre, TV Nacional, de Brasília, TV Unisinos, em São Leopoldo. Estive em São Paulo, na TV Cultura, para conhecer melhor a operação e a estrutura e definir a parceria. A Unisul teve propostas da TV Nacional, de Brasília, e do Canal Futura, da TV Globo Educativa no cabo e na parabólica. O nome Unisul TV foi sugerido por mim em substituição à antiga referência TVE, por conta da repetidora. Nossa intenção, assumida pela reitoria, era dar ainda mais eco ao nome da Unisul (SILVA, 2010).

Silva (2010) explica que a opção pelo vínculo com a TV Cultura, emissora da qual a Unisul TV tornou-se afiliada, ocorreu porque a intenção era cumprir a lei e colocar no ar uma emissora educativa. Segundo ele, nessa época a TV Cultura tinha a melhor programação estudada e ainda oferecia a maior fatia para inserção de programação local.

Quanto à programação da nova emissora, a proposta inicial estava baseada na possibilidade de montagem da equipe e aos recursos disponíveis, conforme relata Silva (2010):

A Unisul terceirizou a estrutura técnica de pessoal. Apenas me mantive como diretor de programação e também a coordenadora de publicidade, professora Teresinha [Rublescki Silveira]. Tudo era uma incógnita. Ninguém era capaz de aposta em algum resultado. Havia receio da universidade de ter que desembolsar cerca de um milhão de reais por mês. Isso assustava, mas era o relato de reitores como da Unisinos, Ulbra e PUC. Assim, a Unisul assinou um contrato que garantia a produção e exibição de um telejornal diário e mais um programa semanal a cada dia, entre segunda e sexta-feira (SILVA, 2010).

Apesar dessas dificuldades, conforme Silva (2010), já no primeiro ano extrapolou-se a previsão inicial de programação, sendo colocados no ar um telejornal às 12h30 (Câmera Aberta 1ª Edição), outro às 20 horas (Câmera Aberta 2ª Edição), o programa “A Hora do Emprego” (segunda-feira, às 13 horas), “Estação Saúde”, (segunda-feira às 20h30), “Cidadania” (terça-feira, às 13 horas), “Conversa de Botequim” (quinta-feira, às 21 horas), “Unisul Repórter” (sexta-feira, às 20h30), “Clip Aqui” (sexta-feira, às 21 horas) e “Palavras de Fé” (diariamente, às 13 horas e às 20h30). Em seguida, outros programas foram sendo

encaixados na grade⁶ que, atualmente, tem 27 títulos e oito horas diárias de inserções locais, conforme descrição que segue:

1) A Cidade na TV: Telejornal diário, transmitido ao vivo, de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 8h00. Apresenta as primeiras notícias regionais da manhã. Caracteriza-se, principalmente, pela participação de entrevistados.

2) A Hora da Emprego: Programa semanal, com anúncio de vagas de emprego, entrevistas e dicas sobre como aproveitar oportunidades no mercado de trabalho. É transmitido ao vivo, às segundas-feiras, das 13h00 às 13h30.

3) A Justiça do Trabalho na TV: Programa semanal de entrevistas com profissionais do Direito sobre Justiça do Trabalho. Veiculado às quintas-feiras, das 13h00 às 13h30.

4) Câmera Aberta: Telejornal diário veiculado em duas edições: das 12h30 às 13h00 e das 20h00 às 20h30. Mais detalhes do programa serão descritos a seguir.

5) Canta Viola Sul: Programa musical e de entretenimento voltado ao universo sertanejo. Abre espaço para cantores, duplas e grupos locais, regionais e nacionais. Apresenta também quadros variados como culinária caipira, história da música sertaneja no Brasil e região, e reportagens especiais sobre eventos do gênero e personagens do meio sertanejo. É transmitido ao vivo, às quartas-feiras, das 21h00 às 23h00.

6) Carros & Cia: Programa semanal exibido aos domingos, das 13h00 às 13h30, que apresenta opções de veículos disponíveis para comercialização em revendedoras e concessionárias da região.

7) Cidadania: Programa semanal de entrevistas que aborda assuntos relacionados aos direitos do consumidor. Vai ao ar às terças-feiras, ao vivo, das 20h30 às 21h00.

8) Ciência e Pesquisa: Programa semanal de entrevistas dedicado à apresentação de projetos científicos desenvolvidos no ensino superior, especialmente na Unisul, bem como a debates acerca de temas das diversas áreas do conhecimento acadêmico. Vai ao ar às quartas-feiras, das 13h00 às 13h30.

9) Clip Aqui: Programa semanal de clipes musicais com artistas locais, nacionais e internacionais, de gêneros variados. Transmitido às sextas-feiras, das 21h00 às 22h00.

⁶ O anexo I apresenta a grade de programação completa da Unisul TV.

10) Conversa de Botequim: Programa semanal de entrevistas sobre temas variados. Misto de informação e entretenimento, eventualmente apresenta também reportagens. Exibido às quintas-feiras, ao vivo, da 21h00 às 22h00 horas.

11) Cultura local: Programa semanal, exibido às quintas-feiras, das 20h30 às 21h00, com entrevistas, reportagens e informações sobre arte, cultura e espetáculos da região.

12) Era uma vez: Programa de contação de histórias infantis, veiculado de segunda a sexta-feira, das 11h15 às 11h45.

13) Espaço Boas Novas: Programa da Igreja Quadrangular, produzido e apresentado por pastores da referida igreja, em Tubarão. Veiculado de segunda a sexta-feira, das 18h55 às 19h00, conta com leitura de textos bíblicos, mensagens e catequese, conforme princípios da Igreja Quadrangular.

14) Espaço Rural: Programa de entrevistas e reportagens voltado ao meio rural. Aborda desde orientações à produção agropecuária como também apresenta notícias e coberturas de eventos do setor. É exibido aos domingos, das 7h00 às 7h30.

15) Estação Saúde: Programa semanal de entrevistas e reportagens com temas voltados à saúde e qualidade de vida. Exibido às segundas-feiras, das 20h30 às 21h00.

16) Grandes Temas: Programa semanal de entrevistas sobre temas diversos de interesse regional, como política, economia, educação, desenvolvimento sustentável, entre outros. É transmitido ao vivo, às terças-feiras, das 21h00 às 22h00.

17) Mais Mulher: Programa de variedades dedicado especialmente ao público feminino. Transmitido ao vivo, de segunda a sexta-feira, das 8h00 às 8h30, também conta com a participação de entrevistados.

18) O Direito na TV: Programa semanal de entrevistas produzido pelo curso de Direito da Unisul, que aborda temas voltados à Justiça e cidadania. Exibido às segundas-feiras, das 21h00 às 21h30.

19) O Mundo de Lu e Bilu: Programa semanal infantil com desenhos animados e contação de histórias. Exibido aos sábados, das 13h00 às 13h30.

20) Palavras de Fé: Programa católico, produzido e apresentado por padres da Diocese de Tubarão. Veiculado de segunda a sexta-feira, das 11h45 às 11h50, constitui-se de leitura de textos bíblicos, mensagens e catequese católica.

21) Prosa de Galpão: Programa semanal que põe em cena os centros tradicionalistas gaúchos. Integra atrações musicais do gênero, entrevistas e reportagens sobre a cultura e tradição campeiras. Exibido aos domingos, das 7h30 às 8h00.

22) Santa Catarina Turismo: Programa semanal com entrevistas e reportagens que mostram os atrativos turísticos de Santa Catarina. Exibido aos domingos, das 13h30 às 14h00.

23) Santa Missa na TV: Missa dominical celebrada e transmitida ao vivo, do estúdio da Unisul TV, aos domingos, das 8h00 às 9h00.

24) Sport Machine: Programa semanal voltado às novidades do setor automobilístico, com reportagens e entrevistas sobre o tema. Veiculado aos domingos, das 14h00 às 14h30.

25) Unisul Comunidade: Programa semanal produzido e apresentado por acadêmicos do curso de Jornalismo da Unisul. Por meio de reportagens e entrevistas, mostra os projetos sociais e de extensão que a Universidade desenvolve junto a comunidades da região. Vai ao ar aos domingos, das 15h30 às 16h00.

26) Unisul Repórter: Programa jornalístico semanal composto por grandes reportagens e, eventualmente, entrevistas sobre temas diversos de interesse regional. É exibido às sextas-feiras, das 20h30 às 21h00.

27) Unisul TV Esporte: Noticiário esportivo, com entrevistas, comentários e reportagens. O programa é transmitido ao vivo, de segunda a sexta-feira, das 11h50 às 12h30.

Silva (2010) salienta que a programação, desde a concepção original, procurou atender as necessidades locais, tendo no jornalismo sua principal base.

Desde o início, o foco da emissora é o jornalismo. Toda a estrutura montada foi para garantir os telejornais do meio-dia e do começo da noite. Acreditamos que esta é a melhor forma de educação. Através da informação livre e verdadeira. O jornalismo foi e é o carro-chefe da Unisul TV. Observamos, ainda, que há muito mais informações do que as pessoas podem assimilar. Mas informação local é pouca, precária, pobre. A maioria das notícias veiculadas pela televisão é de fora. Poucas são de Criciúma e Florianópolis, e muito mais do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. A intenção era dar a conhecer à nossa população os fatos regionais e locais, com um tratamento mais generoso, no que tange a imagens, e mais informações por reportagem. Seria um enfoque diferente. (SILVA, 2010).

A partir desses princípios foi idealizado o “Câmera Aberta”. O telejornal entrou no ar em 02 de outubro de 2006, dois dias após a veiculação do primeiro programa da emissora. Desde a estreia, mantém duas edições, de segunda a sexta-feira. O “Câmera Aberta 1ª Edição” é transmitido das 12h30 às 13h00 e o “Câmera Aberta 2ª Edição”, das 20h00 às 20h30. Ambos priorizam notícias da região, pois, conforme declara Silva (2010), essa era uma demanda de Tubarão e municípios vizinhos. Os telejornais contam, diariamente, com quatro equipes de reportagem, que percorrem as cidades da região em busca das informações. Atualmente, o “Câmera Aberta 1ª Edição” possui dois comentaristas fixos: Antônio Rodrigues, que aborda diariamente temas esportivos, e o jornalista Rafael Matos, que trata de política e cidadania, às terças e quintas-feiras. O programa também abre espaço para entrevistas ao vivo, com convidados dos mais variados segmentos da sociedade. Conforme já se descreveu no tópico sobre mídia local e identidade, a Unisul TV não possui políticas editoriais oficialmente documentadas. Assim, segundo Silva (2010), os telejornais buscam produzir conteúdo coerente com a condição de TV Educativa da emissora e alinhado à missão e valores da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), detentora da concessão.

Da trajetória de quase cinco anos da Unisul TV no ar, o diretor geral destaca alguns dos aspectos e fatos mais relevantes, entre eles o crescimento em volume de programação, títulos produzidos e faturamento; dois prêmios nacionais de jornalismo; a possibilidade de exibição de trabalhos de estudantes que, assim, também puderam conquistar prêmios, como o Unimed de Jornalismo; a saída de profissionais de qualidade para outras emissoras; as coberturas das eleições de 2006 e de 2008 (esta municipal, com exibição de programas eleitorais obrigatórios e a realização de sete debates, incluindo cidades próximas); o treinamento de profissionais para todas as áreas da emissora, mantendo a tradição da Unisul que é a formação continuada de pessoas; a exibição das produções da universidade em todas as áreas; produções, pela emissora, de materiais para a Unisul, como um vídeo de 45 minutos com o Balanço Social de 2008; além da formação de um acervo histórico, em áudio e vídeo, sem precedentes na história da região.

Com um público potencial estimado em 300 mil pessoas, hoje, o sinal da Unisul TV chega a 14 municípios, em dois abrange todo o território – Tubarão e Capivari de Baixo – e em doze alcança parcialmente – São Ludgero, Orleans, Urussanga, Laguna, Jaguaruna, Imaruí, Gravatal, Pedras Grandes, Treze de Maio, Sangão, Morro da Fumaça e Ibituba. Porém, de acordo com Silva (2010), é grande a expectativa em muitos locais da região para a

ampliação do alcance da emissora. “A Unisul TV dá mais dimensão ao nome da universidade e é desejada pelas populações ainda não impactadas. Temos relatos de pessoas que querem o sinal da emissora para poderem sintonizar nossas produções”.

Embora representem a culminância de uma história iniciada há décadas, é sobre a realidade contemporânea que tratam os telejornais e demais programas da Unisul TV. Interessa a esta pesquisa, portanto, trazer alguns aspectos que remetem à atualidade de Tubarão.

3.4 TUBARÃO DO PRESENTE

Nos três tópicos anteriores deste capítulo efetuou-se um resgate histórico de Tubarão. Ao descrever os principais fatos e circunstâncias que formam a base da atual configuração cultural do município, procurou-se também recuperar a trajetória da Unisul. Inserida nesse contexto, a instituição tornou-se referência regional na área de educação, implantando, inclusive, uma emissora de televisão educativa, a Unisul TV.

Como complemento das informações referentes à história, julga-se oportuno incluir neste capítulo alguns dados atuais do município, a fim de oferecer mais elementos à análise que se propôs como objetivo de pesquisa.

Sobre a atual constituição étnica de Tubarão, não se tem conhecimento de estudos recentes com os dados compilados. Segundo informações obtidas nos dois principais centros de estudo sobre história e cultura do município – Curso de História da Unisul e Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia (Grupep) –, existem apenas pesquisas isoladas a respeito de etnias na região, porém, sem quantificações precisas ou oficiais sobre o município. Os dados que mais se aproximam de uma descrição dessa realidade aparecem em pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011b). Os números do Censo 2010 relativos a “cor ou raça” foram divulgados em junho de 2011. Todavia, não há como distinguir por essa pesquisa etnias como portuguesa, italiana e alemã, uma vez que o censo traz apenas as categorias “brancos”, “pretos”, “pardos”, “amarelos”, “indígenas” e “sem declaração”. Os números do censo revelaram que Tubarão possui 97.235 habitantes, sendo

88.260 brancos (90,77%), 4.067 pretos (4,18%), 4.680 pardos (mestiços ou mulatos) (4,81%), 171 amarelos (0,18%) e 57 indígenas (0,05%) (IBGE, 2011b).

Do total de habitantes, 90,6% estão situados na área urbana e 9,4% na área rural (IBGE 2011b).

O Anuário Econômico 2010/2011 (2011) de Tubarão mostra que o município tem uma concentração urbana maior do que a média catarinense (77,5%) e nacional (83%). Mas essa realidade já foi bem diferente. Há 60 anos, a população rural de Tubarão abarcava 78,2% dos habitantes. O censo de 1950, realizado pelo IBGE, mostrou que 14.614 pessoas residiam na cidade ou nas sedes dos sete distritos existentes, enquanto 52.431 pessoas habitavam na área rural. Salienta-se que, na época, o município possuía um território maior, o qual, com o tempo, acabou reduzido por processos de emancipação. A área total, hoje, é de 300 Km² (ANUÁRIO ECONÔMICO 2010/2011, 2011).

No aspecto econômico, comércio e serviços aparecem como principais atividades de Tubarão, contribuindo com 67,7% do PIB municipal. A indústria é responsável por 30,7% do valor e a agropecuária, 1,6%. É também o comércio que lidera em termos de quantidade de estabelecimentos: 2.731, o que representa 40,6% do total. Depois vêm serviços, com 2.207 empresas (40,3%), e a indústria, com 975 empreendimentos (14,5%). Os 4,6% restantes representam as demais atividades (ANUÁRIO ECONÔMICO 2010/2011, 2011).

Observou-se, na revisão histórica, que o princípio de religiosidade esteve presente desde a fundação do município, com a instalação da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade. Os indícios apontam o predomínio da religião católica no município. A pesquisa mais recente sobre o tema é o Censo 2000 (IBGE, 2011), já que essas informações relativas ao Censo 2010 ainda não foram divulgadas. Os dados corroboram a tendência observada. O Censo 2000 mostrou que 85,1% dos tubaronenses professam a religião católica; 11,1% frequentam religiões evangélicas; outros 2,5% pertencem a outras religiões, entre 50 listadas pelo IBGE; e 1,3% disseram não ter religião.

É evidente que além desses índices, outras informações relativas ao município poderiam ser mencionadas. Mas acredita-se que os dados citados neste tópico caracterizam-se como os de maior representatividade em relação ao levantamento histórico efetuado sobre o município, no sentido de identificar traços de identidade cultural. A seguir, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa para posterior análise das reportagens.

4 METODOLOGIA

Estudar televisão, assim como os demais meios de comunicação de massa, exige aceitar que o conhecimento produzido é sujeito a certo grau de incerteza, comum a toda ciência social. Seria pretensioso querer abarcar de forma absoluta os múltiplos significados do conteúdo audiovisual que se analisa nesta pesquisa. Todavia, apesar das limitações, procurou-se estabelecer um percurso metodológico que, atendendo ao rigor científico, permite que as conclusões obtidas sejam úteis ao desenvolvimento de novas pesquisas em comunicação e até mesmo a outras ciências sociais que tratam, em especial, de processos culturais.

Esta pesquisa tem como objetivo examinar processos de representação da identidade cultural de Tubarão em reportagens do telejornal “Câmera Aberta 2ª Edição”, veiculadas pela Unisul TV. É evidente que para cumprir tal objetivo não haveria como analisar todas as reportagens veiculadas no referido telejornal. Assim, fez-se necessário selecionar um número restrito de reportagens e efetuar o exame minucioso de cada uma delas. Percebe-se, então, que esta pesquisa configura-se num estudo de caso.

De acordo com Rauen (2002, p. 210), “estudo de casos é uma análise profunda e exaustiva de um ou de poucos objetos de modo a permitir o seu amplo e detalhado conhecimento”. Duarte (2008) afirma que o estudo de caso é extensivamente usado em pesquisa nas ciências sociais. Considerado um método qualitativo, possui algumas características essenciais, segundo a autora, também referidas por Merriam (*apud* WIMMER, 1996, p. 161):

1. particularismo: o estudo se centra em uma situação, acontecimento, programa ou fenômeno particular, proporcionando assim uma excelente via de análise prática de problemas da vida real;
2. descrição: o resultado final consiste na descrição detalhada de um assunto submetido à indagação;
3. explicação: o estudo de caso ajuda a compreender aquilo que submete à análise, formando parte de seus objetivos a obtenção de novas interpretações e perspectivas, assim como o descobrimento de novos significados e visões antes despercebidas;
4. indução: a maioria dos estudos de caso utiliza o raciocínio indutivo, segundo o qual os princípios e generalizações emergem a partir da análise dos dados particulares. Em muitas ocasiões, mais que verificar hipóteses formuladas, o estudo de caso pretende descobrir novas relações entre elementos (DUARTE, 2008, p. 217-128).

As características mencionadas confirmam a adequação desta pesquisa ao estudo de caso. Trata-se da investigação de um objeto particular, ou seja, um conjunto limitado de reportagens exibidas no telejornal *Câmera Aberta 2ª Edição*. Cada uma delas é descrita e examinada em detalhes, o que permite obter as interpretações.

Este tipo de estudo, conforme Rauen (2002), possui três fases: exploratória; coleta de dados; e análise e elaboração do relatório.

A fase exploratória consiste no exame da literatura pertinente, em observações, em contatos iniciais com a documentação existente e/ou pessoas ligadas ao fenômeno estudado, além de especulações baseadas na experiência pessoal do pesquisador. No presente estudo, esta fase cumpriu-se mediante leitura do referencial bibliográfico relativo ao tema da dissertação, seguida da compilação dos dados relevantes ao marco teórico. Na fundamentação, procurou-se explorar temas que favorecessem a análise das reportagens, tendo em vista o objetivo da pesquisa. Iniciou-se pelo exame do conceito de identidade cultural, principalmente na perspectiva proposta por Stuart Hall (2006), voltada à pós-modernidade; à luz da noção de dialogismo, segundo Mikhail Bakhtin (1997); e levando-se em conta as considerações de Denys Cuche (2002).

Como o objeto da pesquisa provém de uma televisão de caráter local/regional, fez-se uma breve discussão sobre a relação entre mídia local/regional e seu papel frente à identidade cultural do público a que se dirige. A investigação baseou-se, sobretudo, em estudos de Peruzzo (2011) e Coutinho (2008b).

O marco teórico também aborda a televisão como veículo de comunicação de massa. Enfatizou-se, evidentemente, a realidade nacional, com resgate da história da televisão no Brasil. Como referência principal, optou-se pelos estudos de Mattos (2002). Esse item do trabalho contemplou ainda reflexões acerca do telejornalismo, incluindo aspectos históricos e sua influência na visão que os telespectadores constroem sobre a realidade. Pesquisas comprovam que os telejornais são as principais fontes de informação para os brasileiros. Tratou-se, assim, da influência da televisão na formação cultural da população. Neste tópico, além das considerações de Mattos (2002), o estudo desenvolveu-se de acordo com a perspectiva de Rezende (2000).

Efetuiu-se, também, o resgate de aspectos históricos de Tubarão, da Unisul e da Unisul TV, a partir de pesquisas de Vettoretti (1992, 1997 e 2004), Markun e Hamilton (2001) e de entrevista com Silva (2011), respectivamente. Conhecer as origens do município e

da formação étnica de seu povoamento possibilitou extrair alguns elementos que auxiliaram numa prévia caracterização da identidade local. Já a retomada da trajetória da Universidade e da Unisul TV foi importante para contextualizar o papel da instituição na sociedade tubaronense e compreender os propósitos que motivaram a criação da emissora.

Cabe salientar que os autores citados na proposta metodológica representam apenas uma parte da bibliografia pesquisada, e que são mencionados por se constituírem nas principais referências do trabalho.

Ainda na fase exploratória, efetuou-se pesquisa no arquivo audiovisual da Unisul TV, a fim de averiguar possíveis reportagens e temas que servissem como objetos para análise. Esse contato prévio, de certa forma, colaborou com a execução da fase seguinte, a coleta de dados.

Rauen (2002, p. 213) alerta que a delimitação da unidade-caso, ou seja, a definição do objeto específico a ser investigado, é a fase mais delicada da pesquisa, uma vez que “exige intuição para perceber quais dados são suficientes para se chegar à compreensão total do objeto”.

Na tentativa de preservar ao máximo o princípio de objetividade, observaram-se os seguintes critérios na seleção do *corpus*⁷:

1) As reportagens foram exibidas no telejornal Câmera Aberta 2ª Edição, programa sobre o qual este pesquisador⁸ não tem ingerência.

⁷ A proposta inicial da pesquisa era selecionar para análise um grupo de reportagens com a temática “arte e cultura”, exibidas no período de outubro de 2006 a março de 2010. Porém, houve mudança de percurso devido à dificuldade em encontrar critérios que objetivassem a escolha de uma quantidade limitada de reportagens. No período citado, várias matérias com essa temática foram produzidas pela Unisul TV e, portanto, seria necessário eleger um número restrito. Diante do impasse, julgou-se, a princípio, que a seleção deveria levar em conta reportagens que abordassem temas da cultura regional; contemplassem vestígio étnico-cultural legado pelos colonizadores e autóctones; trouxessem à cena manifestações artísticas e revelassem a interação de gerações. Entre as diversas reportagens veiculadas em que figuraram artistas, tanto locais como de outras regiões e estados do país, optou-se pelas que mostraram somente artistas locais. Dentre as manifestações culturais, elegeram-se as que promoveram as artes, em especial, visuais, musicais e literárias. Contudo, se para escolher as reportagens, todas essas especificações fossem consideradas, de certa forma, já se estaria inferindo antecipadamente a resposta à principal pergunta da pesquisa, que é saber se ocorre representação da identidade cultural local em reportagens veiculadas nos telejornais da Unisul TV.

⁸ O jornalista Fábio Bitencourt Cadorin, autor desta dissertação, é editor-chefe do Câmera Aberta 1ª Edição e, por consequência, determina as reportagens que vão ao ar no programa. Já a função de editor-chefe do Câmera Aberta 2ª Edição é exercida por outro profissional, o jornalista Ricardo Dias. Nos dois primeiros anos após a implantação da emissora, o Câmera Aberta 2ª Edição tinha como editora-chefe a jornalista Juliana Zumblick.

2) As reportagens foram veiculadas em deliberada alusão a um dos fatos de maior relevância histórica de Tubarão, a data de emancipação político-administrativa. Sabe-se que pelo menos outras duas datas têm significado especial para os tubaronenses, porém, foram descartadas pelos seguintes motivos: a) o dia da padroeira Nossa Senhora da Piedade, comemorado com feriado municipal em 15 de setembro, tem relação direta apenas com uma parcela da população, a comunidade católica; b) a data da enchente que arrasou a cidade, em 24 de março de 1974, também não foi selecionada por remeter a um fato histórico recente se comparado à trajetória de 141 anos do município.

3) Selecionaram-se reportagens veiculadas nos três primeiros anos de fundação da Unisul TV, de 2007 a 2009, por considerar que: a) são as primeiras impressões sobre o aniversário de emancipação político-administrativa de Tubarão apresentadas sob a ótica de uma emissora de televisão local⁹; b) julgou-se suficiente o *corpus* formado por quatro reportagens para os propósitos da pesquisa.

Definido o objeto, parte-se para a terceira fase, a análise e interpretação sistemática dos dados. Neste ponto, convém atentar para o fato de que, embora o estudo de caso seja um método qualitativo, ele não exclui a possibilidade de uma abordagem de caráter quantitativo na coleta e tratamento dos dados. O estudo de caso “pode centralizar-se no exame de certas propriedades específicas, de suas relações e de suas variações, e recorrer a métodos quantitativos” (BRUYNE, HERMAN, SCHOUTHEETE *apud* DUARTE, 2008, p. 218).

Faz-se tal observação em razão do procedimento adotado para análise dos dados. Emprega-se a análise de conteúdo (BARDIN, 2010) combinada com análise morfológica e de conteúdo (MELO, 1992).

A análise de conteúdo, conforme Bardin (2010, p. 44), é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. A autora orienta organizar a análise em torno de três pólos cronológicos: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

⁹ Não foi possível resgatar o material produzido sobre a referida data no ano de 2010 devido a dano no *hardware* que continha parte do acervo audiovisual da emissora. Ao que tudo indica, o material foi definitivamente perdido.

É nessa fase do trabalho, a pré-análise, que se estabelecem as categorias e unidades de análise. Já se disse que objetivo desta pesquisa traz implícita a noção de que há uma identidade cultural de Tubarão. Assim, admitem-se elementos de teorias objetivistas da identidade. Conforme Cuche, (2002, p. 180), essas teorias definem a identidade “a partir de um certo número de critérios determinantes, considerados como ‘objetivos’, como a origem comum (a hereditariedade, a genealogia), a língua, a cultura, a religião, a psicologia coletiva (a ‘personalidade básica’), o vínculo com o território, etc.”. Ainda que se considere o caráter dinâmico das identidades, Cuche (2002) afirma que não raro elas mantêm relativa estabilidade, ancorando-se em certos elementos objetivos que tendem a mudar num processo mais lento. Laraia (2007, p. 95), por exemplo, diz que “os ritos religiosos situam-se entre as partes de uma sociedade que parecem ter menor velocidade de mudança”.

Não há, contudo, um número limitado e definido de características que determinam a identidade cultural.

Nenhum grupo, nenhum indivíduo está fechado *a priori* em uma identidade unidimensional. O caráter flutuante que se presta a diversas interpretações ou manipulações é característico da identidade. É isto que dificulta a definição desta identidade.

Querer considerar a identidade monolítica impede a compreensão dos fenômenos de identidade mista que são frequentes em toda sociedade (CUCHE, 2002, p. 192).

Portanto, não há como efetuar o exame de todas as características possíveis que compõem a identidade tubaronense, mas sim dos principais traços de identidade que emergem a partir da constituição histórica do município. Como parte da análise de conteúdo, após o contato com o referencial teórico, considerou-se pertinente dividir os traços da identidade tubaronense nas seguintes categorias: formação étnica, trabalho, religião e território. A distinção em categorias atende a uma necessidade metodológica, mas entende-se que esses elementos complementam-se e não aparecem como fenômenos sociais isolados. Cabe esclarecer, ainda, que se tratam de categorias prévias, emergidas a partir do referencial teórico. A análise das reportagens pode indicar outros elementos constitutivos da identidade tubaronense.

Apontam-se, a seguir, observações que justificam as categorias criadas e, em decorrência, unidades de análise que surgem a partir desta distinção.

Formação étnica: Ao resgatar a história do município, verificou-se que a população tubaronense tem formação étnica plural. De acordo com Vettoretti (2004), os colonizadores da região que engloba atualmente o município de Tubarão dividem-se em três ciclos: o vicentista, o açoriano e o europeu (extra Portugal). Os vicentistas ou paulistas chegaram ao Sul do país, principalmente, com os movimentos bandeirantes. Miscigenados, compunham-se de portugueses vindos da Europa e portugueses nascidos no Brasil e seus descendentes, a partir da mistura com negros e índios. Além deles, havia os cafuzos, oriundos da união entre negros e índios. Lúcio (2006) afirma que na época em que surgiu o povoamento de Tubarão, o sistema de escravidão ainda vigorava. Assim, com os primeiros sesmeiros de origem portuguesa, também os negros vieram habitar as terras tubaronenses.

Açorianos chegaram a Santa Catarina entre 1748 e 1756. Por meio de um lento processo migratório alcançaram as terras da região de Laguna. A partir da segunda metade do século 19 começaram a chegar outras levas de imigrantes. Conforme Vettoretti (2004), em 1874 um pequeno grupo de colonos alemães instalou-se na colônia de Braço do Norte. Por fim, outros grupos de imigrantes europeus chegaram sucessivamente à região entre 1877 e 1893. Dos que ocuparam as três colônias do sul, em Azambuja, Grão-Pará e Nova Veneza, cerca de 90% eram italianos, os demais alemães e, em escala bem menor, os poloneses. É importante salientar que o território original de Tubarão, em 1870, ia de Laguna à divisa com o Rio Grande do Sul. Com o tempo, essa área foi fracionada e hoje conta com 43 municípios.

Dados recentes sobre a formação étnica de Tubarão são escassos. Conforme se mencionou no capítulo anterior, informações do Censo 2010 limitam-se às categorias brancos (90,77%), pretos (4,18%), pardos – mestiços ou mulatos – (4,81%), amarelos (0,18%) e indígenas (0,06%) (IBGE, 2011b).

Constituindo a categoria “formação étnica”, enumeram-se as seguintes unidades de análise: portugueses, negros, indígenas, italianos, alemães e poloneses.

Trabalho: Com base na história do município e na formação de seu povo, bem como em índices atuais, destacam-se quatro atividades em relação ao trabalho: comércio, praticado já pelos primeiros habitantes; agricultura, desenvolvida principalmente pelos imigrantes; indústria, impulsionada pela instalação da Companhia Siderúrgica Nacional; e serviços, que hoje é o segundo maior segmento empresarial do município em número de estabelecimentos.

Vettoretti (1992) conta que o povoamento de Tubarão surgiu em função do comércio. Na época em que se abriu um caminho entre Lages e Laguna para o transporte de mercadorias, Tubarão situava-se num ponto estratégico, onde se fazia a troca dos produtos de embarcações para animais de carga, e vice-versa. No local, fixaram-se as primeiras residências e estabelecimentos que já guardavam parte dessas mercadorias, dando origem à atividade comercial. À medida que a população foi crescendo, a quantidade de estabelecimentos se multiplicou. Conforme o Anuário Econômico 2010/2011 (2011) de Tubarão, o comércio hoje responde por 40,6% da atividade econômica do município, com 2.731 estabelecimentos.

Outra prática que marca a cultura tubaronense no aspecto do trabalho é a agricultura. Vettoretti (2004) afirma que os imigrantes europeus, sobretudo italianos e alemães, deixaram sua maior influência cultural no modo como era desenvolvido o trabalho agrícola. Brasileiros de origem portuguesa mantinham práticas ainda arcaicas e instrumentos obsoletos. Já as técnicas trazidas pelos novos imigrantes apresentavam avanços, sobretudo com o uso da força hidráulica. Assim, o trabalho agrícola também pode ser considerado um traço da cultura tubaronense, embora nas últimas décadas o cenário venha se modificando. Atualmente, 9.141 habitantes vivem na zona rural, o que corresponde a 9,4% do total. Mas até 1950, a realidade era inversa. De 67.045 habitantes do município, 78,2% estavam na área rural. Conforme o Anuário Econômico 2010/2011 (2011), o setor agropecuário representa hoje 1,6% do PIB municipal.

Entre os relatos históricos no que se refere à indústria, o período que mais se apresenta como determinante ao desenvolvimento de Tubarão foi o surgimento da Companhia Siderúrgica Nacional. Instalada às margens do rio Tubarão, na junção com o rio Capivari, e utilizando-se da ferrovia já existente na região, a CSN promoveu um rápido processo de urbanização no então bairro de Capivari, provocando impacto em toda região ao atrair investidores, trabalhadores e movimentar a economia local.

Atualmente, o segmento industrial tubaronense conta com 975 empresas. Este setor produtivo contribui com 30,7% da geração de riquezas no município (ANUÁRIO ECONÔMICO 2010/2011, 2011).

Por fim, na categoria trabalho, embora o setor de serviços não se tenha mostrado representativo na origem do município, é na história recente que o segmento parece ter obtido maior desenvolvimento. O setor, hoje, é o que mais emprega no município, tendo 3.709

trabalhadores formais. Possui o segundo maior número de empresas: 2.707, ou seja, 40,3% do total (ANUÁRIO ECONÔMICO 2010/2011, 2011). Assim, considera-se relevante incluir nesta categoria a unidade de análise “serviços”.

A categoria “trabalho” fica então dividida nas seguintes unidades: comércio, agricultura, indústria e serviços.

Religião: Ao longo da história de Tubarão, a religiosidade aparece como componente de grande influência cultural. Vettoretti (1992) explica que o processo de emancipação teve relação com a Igreja Católica, uma vez que antes de se tornar município o então Poço Grande do Rio Tubarão foi elevado à condição de Freguesia, uma espécie de departamento administrativo do Governo Provincial. Com mesmo sentido de paróquia, a Freguesia vinculava-se à Igreja Católica. A instalação do povoado dedicado a Nossa Senhora da Piedade também denota o vínculo da população original à religião católica. Essa ligação aparece no documento da Arquidiocese de Florianópolis, de 1951, citado por Vettoretti (1992), que apresenta o histórico da paróquia. A religiosidade se revela, ainda, no aspecto da educação. Conforme citam Makun e Hamilton (2001), o Colégio São José é um dos mais tradicionais do município. Fundado em 1895 e mantido por irmãs da Congregação da Divina Providência, é a única instituição de ensino de Tubarão que já no início do século 20 oferecia ginásio e curso normal. Em meados do século passado, também começou a funcionar na cidade o Colégio Dehon, vinculado inicialmente à Congregação do Sagrado Coração de Jesus. Sabe-se ainda que, embora não referidos no marco teórico, há em Tubarão outros colégios vinculados a instituições religiosas.

A confirmação mais recente de que a população tubaronense mantém princípios de religiosidade veio com o Censo 2000. A pesquisa revelou que apenas 1,3% dos habitantes informaram não ter religião. A religião católica apareceu como predominante, professada por 85,1% dos tubaronenses. O censo mostrou que 11,1% frequentam religiões de origem evangélica e 2,5% pertencem a outras religiões, entre 50 listadas pelo IBGE.

Assim, entende-se que o componente “religião” serve como categoria de análise, destacando-se como unidades a “Católica”, por aparecer como referência principal na revisão bibliográfica e congregar a maioria da população; vertentes da igreja “Evangélica”, representada por 11,1% tubaronenses, e “outras religiões”, com 2,5% dos habitantes.

Território: uma das características da identidade cultural é o vínculo com o território. Em Tubarão, há um elemento geográfico central em todo o contexto histórico, o rio Tubarão. Conforme se observou no marco teórico, dele originaram-se o nome do município e o dístico “Cidade Azul”, que caracteriza Tubarão (VETTORETTI, 2004); a possibilidade de navegação em suas águas determinou o surgimento do povoado (VETTORETTI, 1992); o desenvolvimento industrial da região deve-se, em parte, ao rio, uma vez que a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) no então bairro de Capivari levou em conta a quantidade de água necessária à atividade (VETTORETTI, 1992); o transbordamento do rio provocou um dos fatos mais trágicos que marca a história do município, a enchente de 1974 (MARKUN e HAMILTON, 2001). Assim, na categoria “território”, estabelece-se como unidade de análise o “rio Tubarão”.

Com base nessa descrição, compõe-se a ficha de análise:

Tabela 1 – Modelo de ficha de análise.

Categorias	Unidades	Vídeo	Áudio
Formação étnica	Portugueses		
	Negros		
	Índios		
	Italianos		
	Alemães		
	Poloneses		
Trabalho	Comércio		
	Agricultura		
	Indústria		
	Serviços		
Religião	Católica		
	Evangélica		
	Outras religiões		
Território	Rio Tubarão		

Será indicada na ficha a quantidade numérica de referências às unidades de análise, tanto em aspectos visuais quanto verbais.

A fim de aprofundar o exame, serão observados, ainda, outros critérios que se julgam relevantes, por remeterem a questões presentes na discussão ora proposta. Em estudo sobre Gêneros Jornalísticos na Folha de S. Paulo, Melo (1992) propõe um modelo de análise denominado morfológico e de conteúdo, que compreende seis aspectos:

- a) frequência – incidência quantitativa nas edições diárias e no conjunto da semana;
- b) estrutura do texto – identificação de peculiaridades do código jornalístico;
- c) ângulo da observação – lugar sócio-profissional a partir de que a matéria foi produzida;
- d) condições de produção – elementos intervenientes na configuração do gênero, da pauta à edição;
- e) criatividade – intervenção pessoal dos produtores na elaboração das respectivas matérias;
- f) configuração do real – determinações sócio-políticas ou atravessamentos ideológicos identificados nos produtos jornalísticos (MELO, 1992, p. 8).

Como os objetos de análise são de natureza diferente, faz-se necessário efetuar algumas adaptações no uso deste modelo. No estudo de Melo (1992), o item “frequência”, por exemplo, foi utilizado para medir o número de vezes que determinado gênero jornalístico apareceu nas edições examinadas do referido jornal. No caso desta pesquisa, não se analisa o telejornal como um todo, mas apenas reportagens. Como o gênero é único, não há como usar o critério “frequência”.

Quanto à estrutura do texto, também é necessário considerar uma diferença relevante. No caso do jornal impresso, ainda que se faça uso de fotografias e outros recursos gráfico-visuais, a linguagem verbal é predominante. Já a reportagem televisiva possui uma dimensão imagética tão relevante quanto o texto e, em alguns momentos, até mesmo prescinde dele. De acordo com Paternostro (1999, p. 73), “não há necessidade de descrever o que o telespectador já está vendo. (...) Para se associar à imagem – sem redundância –, o texto precisa basicamente identificar os elementos fundamentais da notícia”. A autora identifica como características do texto jornalístico, entre outras, a forma coloquial, concisa, precisa e na ordem direta. Enfatiza que o texto de TV é escrito para ser falado, portanto, a sonoridade também é levada em conta.

No tocante ao ângulo de observação, busca-se verificar sob que perspectiva o aniversário de Tubarão foi tratado nas reportagens. Consideram-se, em especial, dois aspectos, o tema e os depoimentos. Reflete-se acerca de questões como: no contexto do aniversário de Tubarão, que assuntos específicos foram abordados? Num universo possível de

escolhas, o que os temas que vieram à baila podem significar? Que personagens ganharam espaço para falar de Tubarão? Destinou-se mais tempo a manifestações populares ou oficiais? Etc.

Sobre as condições de produção, há certa limitação nesta análise. Não houve observação participante, como na pesquisa coordenada por Melo (1992), pois as reportagens foram produzidas entre os anos de 2007 e 2009. Então, é difícil precisar as variáveis que interferiram no processo de elaboração do material. Conforme cita Pena (2006), o trabalho enunciativo dos jornalistas está submetido a uma série de operações e pressões sociais. Rotinas de produção, *deadline*, quantidade de profissionais e equipamentos disponíveis, entre outros fatores, podem interferir no resultado final. Portanto, as observações que se fizer neste sentido deverão apontar apenas possíveis condições de produção.

No aspecto da criatividade, procurar-se observar se, além de elementos básicos de uma reportagem televisiva, houve incremento da produção por meio de trilhas e recursos de edição diferenciados, bem como o que esses elementos podem enunciar.

Em relação ao último critério apontado por Melo (1992), a configuração do real, examina-se como a realidade é representada na reportagem, qual a tônica dos discursos, se aparecem atravessamentos ideológicos. Assim como o ângulo de observação, nesse item também se pode levar em conta os personagens que tiveram oportunidade para se manifestar, uma vez que esse é um critério passível de revelar tendências ideológicas. Como configuração do real, cabe ainda referenciar que atributos, tanto positivos quanto negativos, foram mencionados nas reportagens em relação às características do município e da população.

É importante ressaltar que os critérios de análise compõem uma divisão de caráter metodológico, mas sabe-se que eles estão imbricados, que suas fronteiras não apresentam delimitações precisas. Assim, opta-se por efetuar o exame das reportagens sem uma descrição em tópicos separados. Além disso, não se segue a ordem aqui apresentada, mas cada critério aparece ao longo da análise na medida em que se julga relevante para melhor compreensão e cumprimento do objetivo da pesquisa.

Como conclusão da revisão metodológica, alerta-se para o fato de que, por sua característica audiovisual, as reportagens são examinadas tendo-se presente uma noção básica: a impossibilidade de abarcar plenamente o conteúdo de sua enunciação. As observações seguintes apresentam alguns elementos que justificam tal dificuldade.

Na teoria do Jornalismo, embora haja classificações diversas, como explicita Pena (2006), a reportagem é concebida como um gênero jornalístico de caráter informativo. Em geral, diferencia-se da notícia pelo aprofundamento dos fatos. A reportagem “compreende desde a simples complementação da notícia – uma expansão que situa o fato em suas relações mais óbvias com outros fatos antecedentes, consequentes ou correlatos – até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente” (LAGE *apud* PENA, 2006, p. 26).

Quando produzida para veiculação em meio audiovisual, a reportagem constitui-se de som e imagem. Neste estudo, a análise considera as duas categorias básicas.

O discurso visual é composto por imagens. Segundo Coutinho (2008), “o termo imagem remete ao latim *imago*, cujo sentido é o de toda e qualquer visualização gerada pelo ser humano, seja em forma de objeto, obra de arte, de registro foto-mecânico, de construção pictórica (pintura, desenho, gravura) ou até de pensamento (imagens mentais)” (COUTINHO, 2008, p. 330).

Mesmo sendo permanente o convívio do homem com imagens, atribuir a elas significação absoluta não é fácil. Essa tarefa, talvez, seja até mesmo impossível.

Ao contrário da linguagem verbal, as imagens não podem ser classificadas num dicionário. São constituídas como os comportamentos, as atitudes e os gestos de uma certa fluidez de formas, cores e enquadramentos, o que as torna difícil de descrever e interpretar. Ao contrário dos discursos, que se desenrolam ao longo de uma linha temporal, as imagens se constituem através do olhar, num determinado espaço de representação visual, não seguem, por isso, uma linha de orientação obrigatória, e permitem uma multiplicidade de pontos de vista, em função de escolhas singulares (BECKER, 2005, p. 65-66).

Rose (2007) também explicita o desafio intransponível de efetuar uma análise que esgote a plenitude de significados de uma imagem, ainda mais quando em movimento, como em geral acontece na reportagem televisiva.

(...) os meios audiovisuais são um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e muito mais. É, portanto, indispensável, levar essa complexidade em consideração, quando se empreende uma análise de seu conteúdo e estrutura. Todo passo, no processo de análise de materiais audiovisuais, envolve transladar. E cada translado implica em decisões e escolhas. Existirão sempre alternativas viáveis às escolhas concretas feitas, e o que é deixado de fora é tão importante quanto o que está presente. A escolha, dentro de um campo múltiplo, é especialmente importante quando se analisa um meio complexo onde a

translação irá, normalmente, tomar forma de simplificação (ROSE, 2007, p. 343-344).

Ao sugerir um procedimento metodológico para o exame de imagens composto pelas etapas básicas de leitura, interpretação e síntese ou conclusão final, Coutinho (2008) também atenta para o desafio da “tradução” dos signos verbais para o código linguístico. “(...) com a transposição do visual para o verbal haveria uma limitação das próprias categorias de análise que, em geral, implicariam uma necessidade de redução dos significados possíveis em uma imagem, já que o número de representações lingüísticas é reduzido em oposição às possibilidades das narrativas visuais” (COUTINHO, 2008, p. 334).

Fica evidente, então, que esta pesquisa lança um dos múltiplos olhares possíveis sobre as imagens que compõem as reportagens. E, ao converter elementos audiovisuais em discurso verbal, age-se em concordância com a proposta de Rose (2007, p. 345). “Em vez de procurar uma perfeição impossível, necessitamos ser muito explícitos sobre as técnicas que nós empregamos para selecionar, transcrever e analisar os dados”.

Fornecidas as devidas explicações, procede-se a análise das reportagens no capítulo que segue.

5 ANÁLISE DE DADOS

Esta parte da dissertação é dedicada à análise das reportagens selecionadas como objeto de estudo, conforme a proposta apresentada no capítulo anterior. As reportagens examinadas aparecem na ordem cronológica em que foram exibidas nos telejornais, em alusão ao aniversário de Tubarão, nos anos 2007, 2008 e 2009.

Fazem-se previamente algumas considerações, por se aplicarem a todas as reportagens, no que tange a dimensão dialógica que a elas se atribui. De acordo com Stam (1992), como já citado no capítulo sobre a questão da identidade, o diálogo não remete apenas à interação verbal. “No sentido mais amplo, o dialogismo refere-se às possibilidades abertas e infinitas geradas por todas as práticas discursivas de uma cultura, toda matriz de enunciados comunicativos onde se situa um dado enunciado” (STAM, 1992, p. 74).

Uma reportagem é uma prática discursiva. E vai muito além da interação entre emissor (editores/repórteres) e receptor (telespectadores). Começa na escolha do tema, que é definido mediante pressupostos anteriores, como a visão que o editor-chefe tem da realidade. Quem executa é o repórter, que também tem olhar e escolhas próprias, define as palavras que vai transformar em discurso verbal, pessoas que pode entrevistar. O repórter cinematográfico também interage nesse diálogo. Define cenas, ângulos, planos de imagens. Todo esse material bruto passa depois por avaliação e apenas uma parte é selecionada para ir ao ar. Enfim, inúmeros aspectos entram em jogo no processo de construção e veiculação da reportagem. Pinto (2002) traz a ideia de codificação dos textos das mídias, proposta por Hall (2003), cujas práticas interferem na produção da narrativa:

a organização burocrática do trabalho no interior das empresas, os procedimentos técnicos de produção, as ideologias profissionais, um saber mais ou menos desenvolvido sobre as expectativas do público, e, enfim, um “clima de opinião”, um “banho ideológico” no qual os emissores devem se situar se querem ser compreendidos. (...) Como toda técnica, as rotinas e procedimentos profissionais são em geral considerados ideologicamente neutros por seus usuários, mas é por meio deles que os participantes num processo de comunicação constroem suas identidades e relações mútuas e selecionam os conteúdos que estarão em jogo no evento comunicacional” (PINTO, 2002, p. 52-53).

Considere-se, ainda, que o enunciado que se emite não necessariamente obtém a compreensão esperada do telespectador, peça chave do diálogo. O mesmo se pode dizer da

análise que se faz a seguir. Como se alertou no capítulo sobre metodologia, lança-se um olhar particular, embora disposto a trilhar o caminho com a objetividade possível.

5.1 CIDADE GRANDE COM ARES DE PEQUENA COMUNIDADE

Este tópico destina-se à análise da primeira reportagem, que aqui é denominada “**Tubarão – 137 anos**”. Ela foi ao ar em 25 de maio de 2007, dois dias antes do aniversário de Tubarão. A veiculação antecipada, certamente, se deve ao fato de que a data de emancipação político-administrativa do município nesse ano caiu num domingo, dia da semana em que o telejornal não vai ao ar. O responsável pela execução da reportagem foi o jornalista Guilherme Corrêa, com imagens de Ronie Boaventura. Procurou-se ouvir a opinião da população sobre aspectos positivos e negativos de viver em Tubarão.

A seguir, transcreve-se o conteúdo verbal da reportagem¹⁰.

Boletim de abertura – repórter Guilherme Corrêa: Hoje saímos às ruas para perguntar ao povo tubaronense quais os pontos positivos e negativos de viver aqui. Entre os temas mais citados está a calmaria que ronda o município que completa 137 anos neste domingo.

OFF 1: Tudo tão calmo que mesmo em pleno centro da cidade dá pra parar e colocar o papo em dia. Reflexos de uma cidade grande ainda com ares de pequena comunidade, que chega até a ser classificada como município dos aposentados.

Sonora 1: É, o que tem de bom aqui é que é uma cidade calma, uma cidade mais de aposentado. (...) Uma cidade mais tranquila pra se viver. Não tem tanta criminalidade.

Sonora 2: Livre do banditismo, uma cidade sossegada, calma, sem problema nenhum.

OFF 2: Maria nasceu, casou, descasou e vive até hoje em Tubarão. Sobram elogios à cidade que acolhe quase cem mil habitantes.

Sonora 3: É muito bom pra morar porque tudo é... tudo é aqui. A gente já está acostumada a morar aqui.

Sonora 4: É um estilo de vida melhor, há segurança, não tem tanta violência igual cidade pra fora aí.

OFF 3: Mas nem só de coisas boas vive o município. Drogas e falta de opções para o lazer foram apontados em nossa enquete.

¹⁰ A transcrição desconsidera ruídos das frases elaboradas por entrevistados, pois se acredita que a análise não será prejudicada. Entende-se que o essencial, neste caso específico, é priorizar o conteúdo em detrimento da forma.

Sonora 5: É uma cidade calma, onde a gente tem um pouco mais de segurança, mas ainda com poucas opções de divertimento, de lazer.

Sonora 6: Drogas demais, demais, demais, demais. Eu vi muita violência. (...) Um lugar meigo, bom, bom mesmo. Eu adoro Tubarão.

OFF 4: Em meio aos elogios, Agenor destaca os pontos negativos. Sobra até para a falta de um forte time de futebol. Torcida desanimada e sem grandes expectativas.

Sonora 1b¹¹: Os parabéns pra cidade, e que... vamos melhorar o lazer, esporte, que nós não temos mais nenhum time de futebol, acabaram com tudo.

OFF 7: 137 anos de muitas alegrias, tristezas. De gente que vive e trabalha para fazer daqui o melhor lugar para morar.

Sonora 7: A gente batalha por isso, para que Tubarão cresça e se desenvolva pra que o pessoal possa vir pra cá nos visitar.

Considera-se, inicialmente, o tema. Dentro do contexto da data de emancipação político-administrativa de Tubarão, a primeira abordagem focou na população, procurando saber de alguns munícipes aspectos positivos e negativos de se morar em Tubarão. Aqui, já parece emergir uma característica da mídia comunitária¹² que, na visão de Peruzzo (2011), estabelece que “o protagonismo principal está nos cidadãos”.

Outro ponto a ser observado sobre o tema desta reportagem é a questão apresentada aos entrevistados. Por que razão se quer saber os aspectos bons e ruins de se morar em Tubarão? Não há como prever todas as motivações para a pergunta, mas sabe-se que as respostas poderão traçar uma espécie de perfil do município, conferindo-lhe, assim, uma identidade. Com exceção de condições físicas/ambientais, o município só tem determinadas características devido à ação humana. Então, ao definir porque é bom ou ruim viver em Tubarão, apreendem-se características da própria população. Já na transcrição do conteúdo verbal, verifica-se que nenhuma das respostas fez alusão a aspectos sem ligação com a ação humana como, por exemplo, “gosto de viver em Tubarão por causa do clima”. Por esta razão, pode-se afirmar que a reportagem pode levar o telespectador a refletir sobre a própria identidade enquanto cidadão tubaronense. Verificou-se, já na fundamentação teórica, que neste período de pós-modernidade as identidades tornaram-se móveis e que o sentimento de pertencer a um grupo, de certa forma, confere mais estabilidade ao sujeito. É o que constata Geertz (1989), ao afirmar que a relação espacial entre as pessoas e as coisas, nas

¹¹ A letra após o número da sonora indica o mesmo entrevistado falando em momentos distintos. Mesmo critério será usado em transcrições subseqüentes, quando não houver crédito com o nome do entrevistado.

¹² O conceito de “mídia comunitária”, segundo Peruzzo (2011), não pressupõe uma compreensão uníssona. Também não se pode encarar “mídia comunitária” e “mídia local” como sinônimos. No entanto, no contexto citado na análise, entende-se o jornalismo comunitário como oposto ao jornalismo declaratório. Esse último, de acordo com a autora, prioriza fontes oficiais em detrimento das populares.

circunstâncias da vida cotidiana, redonda em padrões culturais particulares, possibilitando ao sujeito definir-se mais pelos processos relacionais do que por aspectos universais.

Quanto ao modo como se representou o município de Tubarão, observam-se os elementos imagéticos e verbais.

Sob a perspectiva visual, é possível perceber que se buscou mostrar o município de Tubarão em sua dimensão urbana. As três primeiras imagens que introduzem a reportagem evidenciam essa opção.



Figura 1 – Cenas de abertura da reportagem “Tubarão 137 anos”

Ao todo, a reportagem apresenta 22 cenas da cidade. Apenas uma, em que aparece o rio Tubarão, não corresponde necessariamente ao cenário urbano.



Figura 2 – Rio Tubarão – reportagem “Tubarão 137 anos”

As demais tomadas revelam o centro da cidade sob vários ângulos. As ruas que figuram na reportagem são, também, as principais e mais antigas, como a Avenida Marcolino Martins Cabral, que inicialmente correspondia ao traçado da linha férrea Tereza Cristina; a Rua Lauro Müller, mais antiga rua comercial do município; e a Rua Coronel Collaço, que dá acesso à Catedral Diocesana.



Figura 3 – Avenida Marcolino Martins Cabral, Rua Lauro Müller e Rua Coronel Collaço

Outras imagens exibem cenas da vida cotidiana da cidade. Mostra-se o movimento de veículos nas ruas e pontes; o Calçadão da Rua São Manoel, no centro comercial; o fluxo de pessoas pelas calçadas.

Nota-se, também, que algumas tomadas em plano geral e de conjunto, com ou sem movimentos panorâmicos e de *zoom*, situam o cenário urbano em torno do rio Tubarão. Ao contrário de uma cidade como a maioria das outras, o destaque a essa particularidade geográfica pode, de certa forma, promover a identificação dos tubaronenses com o lugar onde vivem, pois se sabe que o rio dá nome à cidade e dela é uma das principais referências.



Figura 4 – Cidade cortada pelo rio Tubarão

Peruzzo (2011) confirma que entre as características da mídia local/regional está justamente a condição de oferecer informação de proximidade. Esse tipo de informação pode ser ideológica, mas, segundo ela, situa-se também na dimensão do espaço físico. Assim, o conceito de proximidade “se refere aos laços originados pela familiaridade e pela singularidade de uma determinada região, que têm muito a ver com a questão do *locus territorial*”.

Outros aspectos da composição imagética da reportagem ainda podem ser examinados, principalmente quando analisados em sua relação com os elementos verbais.

O conteúdo verbal da reportagem inicia com o boletim de abertura do repórter Guilherme Corrêa: “Hoje saímos às ruas para perguntar ao povo tubaronense quais os pontos positivos e negativos de viver aqui. Entre os temas mais citados está a calma que ronda o município que completa 137 anos neste domingo”.



Figura 5 – Repórter Guilherme Corrêa

Verifica-se na figura 5, que o repórter usa como cenário a avenida Marcolino Martins Cabral, no Centro da cidade. Ao fundo, à esquerda da imagem, aparece parte da Casa da Cidadania. A posição parece ter sido escolhida estrategicamente para fazer referência ao município de que se fala, sobretudo pela proximidade com o prédio histórico da Casa da Cidadania. Também fica evidente que a pergunta sobre aspectos positivos e negativos de Tubarão será abordada numa visão urbana e não rural, o que se comprova na sequência com os entrevistados, embora nenhum deles mencione em que área da cidade vive.

A despeito dessa representação parcial que se faz do município, a reportagem destaca como aspecto positivo a “calmaria”, qualidade referida pelo repórter ainda no boletim e também no primeiro OFF: “Tudo tão calmo que mesmo em pleno centro da cidade dá pra parar e colocar o papo em dia. Reflexos de uma cidade grande ainda com ares de pequena comunidade, que chega até a ser classificada como município dos aposentados”.

Essa primeira característica aparece nas sonoras, revestida de outros termos, como cidade “tranquila”, “sossegada”, “sem problema nenhum”. Constata-se, ainda, que na fala dos entrevistados a calma está bastante associada à questão da segurança: “não tem tanta criminalidade”; “livre do banditismo”; “não tem tanta violência igual cidade pra fora aí”; “a gente tem um pouco mais de segurança”.

Uma das entrevistadas diz que “é muito bom pra morar porque tudo é... tudo é aqui”. A afirmação dá a entender que é bom morar em Tubarão pelo fato de a cidade supostamente oferecer uma ampla variedade de serviços, o que desobriga o cidadão de buscá-los noutros municípios. Até mesmo a questão de hábito é citada como fator positivo pela mesma entrevistada: “a gente já está acostumada a morar aqui”.

Ainda falando em aspectos positivos do município, cabe atentar para o conteúdo da sonora 2: “Livre do banditismo, uma cidade sossegada, calma, sem problema nenhum”. A afirmação “sem problema nenhum”, neste caso, parece mais um reforço expressivo às qualidades anteriormente citadas do que propriamente a convicção de que a cidade realmente é isenta de qualquer problema.

Além das manifestações populares, referências a Tubarão como um bom lugar aparecem também na voz do repórter. No OFF 1, ele afirma: “Tudo tão calmo que mesmo em pleno centro da cidade dá pra parar e colocar o papo em dia. Reflexos de uma cidade grande ainda com ares de pequena comunidade”. O texto em OFF aparece coberto com algumas das imagens que seguem:



Figura 6 – “Cidade grande com ares de pequena comunidade”

Reforça-se a condição de lugar pacato e caracteriza-se Tubarão como “cidade grande”. Em contrapartida, deixa-se claro que o “ar de pequena comunidade” ainda persiste. Ou seja, também o repórter enaltece Tubarão, manifestando que o município conta com as boas opções de uma cidade grande e ainda tem a vantagem de preservar a qualidade de vida típica de localidades do interior.

Quanto à estrutura do texto, embora a reportagem seja caracterizada como gênero jornalístico informativo (Pena, 2006), aqui parece haver um tom opinativo na fala do repórter. De certa forma, há, então, reflexo na configuração do real, uma visão ideológica emitida pelo repórter sobre o perfil “tranquilo” do município.

No OFF 2, também parece haver implícita uma menção elogiosa ao município quando o repórter fala da “cidade que ‘acolhe’ quase cem mil habitantes”. Segundo Ferreira (1986), o termo “acolher” pode ser usado como sinônimo de hospedar, abrigar, agasalhar, amparar. Assim, “acolher” aparece como opção para enunciar que a cidade não apenas tem quase cem mil habitantes, mas cuida bem de seus moradores.

Toda essa tranquilidade associada à sensação de segurança, ao estilo de vida de interior, pode ser, de fato, uma característica da cidade. Mas pode ser também uma visão de realidade criada a partir de práticas discursivas recorrentes até então. Moradores de áreas periféricas ou de bairros onde há maior registro de violência talvez percebam uma realidade diferente. Como a reportagem constatou que “entre os temas mais citados está a calma que ronda o município”, supõe-se que este seja o discurso dominante, o que não garante correspondência com os fatos. A própria reportagem mantém esse tom de discurso, tanto no plano verbal quanto imagético. Hall (2003, p. 393) sustenta que a concepção de realidade é menos factual e mais discursiva. “Naturalismo e ‘realismo’ – a aparente fidelidade da representação à coisa ou ao conceito representado – é o resultado, o efeito, de uma certa articulação específica da linguagem sobre o ‘real’. É o resultado de uma prática discursiva”.

Como se disse no início, a reportagem também procurou verificar aspectos negativos de se morar em Tubarão. Todavia, há indícios claros de que esse aspecto teve menor relevância na elaboração da reportagem. De sete sonoras, apenas três apareceram expondo problemas de Tubarão. Ainda assim, as manifestações vieram acompanhadas da referência aos aspectos positivos, como se vê na sonora 5: “É uma cidade calma, onde a gente tem um pouco mais de segurança, mas ainda com poucas opções de divertimento, de lazer”; e também na sonora 6: “Drogas demais, demais, demais, demais. Eu vi muita violência. (...) Um lugar meigo, bom, bom mesmo. Eu adoro Tubarão”. Na sonora 6, há um corte de edição¹³ na fala da entrevistada, mostrando que o próprio repórter optou por colar o que ela expressou de bom sobre a cidade após a manifestação dos pontos negativos. Geralmente, em reportagens de telejornalismo, usam-se apenas fragmentos das entrevistas. Portanto, cortes como o citado acima são absolutamente comuns. Nesse caso, é evidente que o repórter pretendeu apresentar a fala que enalteceu o município, mesmo na parte da reportagem destinada a tratar de aspectos negativos.

¹³ Os repórteres da Unisul TV atuam também como editores de imagens das reportagens que produzem.

O mesmo entrevistado que aparece na sonora 1 falou de problemas de Tubarão: “Os parabéns pra cidade, e que... vamos melhorar o lazer, esporte, que nós não temos mais nenhum time de futebol, acabaram com tudo”. Constata-se que, em toda a reportagem, foram citados apenas três itens negativos: poucas opções de divertimento e lazer; violência associada às drogas; inexistência de um time de futebol forte.

O último OFF menciona os 137 anos do município, tempo considerado de “muitas alegrias” e “tristezas”. Generaliza, ainda, uma suposta característica da população, formada por “gente que vive e trabalha para fazer daqui o melhor lugar para morar”. Mais do que uma visão ufanista do repórter em relação ao município, em atenção a peculiaridades do código jornalístico, é possível que o texto tenha sido elaborado para coincidir com a última sonora: “A gente batalha por isso, para que Tubarão cresça e se desenvolva pra que o pessoal possa vir pra cá nos visitar”. Na fala do último entrevistado aparece um elemento que pode remeter à ideia de identidade. Batalha-se para criar um bom lugar para “outros” visitarem.

A relação entre o “eu” e o “outro” é fundamental no conceito de dialogismo. Stam (1992, p. 17) cita Bakhtin para expor a ideia de que “o eu necessita da colaboração de outros para poder definir-se e ser ‘autor’ de si mesmo”. Assim, quando um tubaronense se vê impelido a “batalhar” para que o município se desenvolva, a fim de construir um bom lugar para outros visitarem, está reforçando a noção de que o seu espaço talvez não fosse o que é ou não tivesse a configuração que tem sem a existência do outro.

Percebe-se, ainda, que nesta reportagem tanto as imagens quanto os discursos verbais priorizaram o lado bom. Por exemplo, cenas do centro da cidade não foram contrastadas com imagens das áreas urbanas periféricas e das localidades do interior; mostrou-se o rio Tubarão, mas em nenhum momento falou-se em poluição; índices de educação, saúde, assistência social, saneamento e infraestrutura, comumente usados para medir qualidade de vida, também não foram mencionados. Portanto, é possível extrair como conclusão deste tópico que se procurou fazer uma representação positiva de Tubarão no dia do aniversário do município, em detrimento de uma visão mais crítica.

No que tange os depoimentos, observam-se quais personagens ganharam espaço para falar de Tubarão; se foi destinado mais tempo a manifestações populares ou oficiais; se emergiram vestígios de etnia; etc.

Por se tratar de reportagem baseada em enquete popular, nota-se que as falas da comunidade foram priorizadas, tanto que todas as sonoras são de pessoas aleatoriamente

escolhidas nas ruas da cidade. A intenção da reportagem fica explícita já na primeira frase do repórter: “Hoje saímos às ruas para perguntar ao povo tubaronense quais os pontos positivos e negativos de viver aqui”. O termo “povo” pode, nesse caso, ser entendido sob duas acepções. Segundo Ferreira (1986), povo é um “conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, afinidade de interesses, uma história e tradições comuns”. Encarada dessa forma, a reportagem sugere, então, que existe uma determinada identidade do “povo tubaronense”. O termo “povo” ainda pode ser entendido em oposição à classe dominante. Neste sentido, de acordo com Ferreira (1986), é “o conjunto das pessoas pertencentes às classes menos favorecidas; plebe”. A reportagem, no entanto, parece não ser desenvolvida nessa perspectiva, ao menos, não ficam evidentes sinais que caracterizem tal intenção.

Além do repórter, sete pessoas tiveram oportunidade de se manifestar. Mais uma vez, conforme se observou na escolha do tema, considera-se que a reportagem levou em conta os cidadãos como protagonistas.



Figura 7 – Entrevistados da reportagem “Tubarão 137 anos”

Segundo Peruzzo (2011), quando se fala de mídia local/regional, a participação popular caracteriza a informação de proximidade, “aquela que expressa as especificidades de uma dada localidade, que retrate, portanto, os acontecimentos orgânicos a uma determinada região e seja capaz de ouvir e externar os diferentes pontos de vista, principalmente a partir dos cidadãos, das organizações e dos diferentes segmentos sociais”.

O que não fica patente são os vestígios de uma única etnia, mas sim de um caldeamento das etnias formadoras do município. Um dos recursos que talvez oferecesse algum subsídio a essa análise seria a existência de crédito nas sonoras, ou seja, descrição de nomes e função/profissão/atividade dos entrevistados. Mas, nessa reportagem, apenas há créditos para o repórter Guilherme Corrêa e para o repórter cinematográfico Ronie Boaventura. Se o mesmo critério fosse aplicado às sonoras, talvez os sobrenomes dos entrevistados trouxessem alguma pista sobre sua descendência étnica.

De um lado, a ausência de crédito pode caracterizar uma espécie de menosprezo pela fala popular, pois se houvesse fala oficial, de um representante político, por exemplo, haveria grande possibilidade de essa ser creditada. Por outro lado, em telejornalismo, é comum as reportagens com característica de enquete não trazerem os créditos dos entrevistados. De qualquer modo, a ausência aqui constatada impede que se aprofunde um pouco mais a análise.

Na reportagem “Tubarão 137 anos”, nota-se que houve economia em relação ao uso de recursos extras de edição. O único elemento diferenciado parece ser mesmo a trilha sonora instrumental que acompanha a sequência de imagens e sublinha os discursos verbais. O som de percussão, despido de melodia, confere ritmo dinâmico à reportagem. Considerando que se trata de uma reportagem alusiva ao aniversário de Tubarão, a música também pode remeter à ideia de comemoração.

Do que se pôde perceber, não houve referência a características exclusivas do município. Citou-se que a cidade é “tranquila”, “sossegada”, “sem problema nenhum”; “não tem tanta criminalidade”; “livre do banditismo”; “não tem tanta violência igual cidade pra fora aí”; “a gente tem um pouco mais de segurança”; “um lugar meigo, bom, bom mesmo”; “cidade grande com ares de pequena comunidade”. Pelo aspecto negativo, também se disse que cidade tem “drogas demais, (...) violência”; “poucas opções de divertimento, de lazer”; “nós não temos mais nenhum time de futebol”. Contudo, essas referências podem se aplicar a incontáveis cidades de mesmo porte em outras regiões do estado ou mesmo do país. Ou seja, pelos discursos verbais, não se colocou tanto em evidência uma identidade particularmente tubaronense. Esse papel parece ter sido cumprido mais pelas imagens, ao exporem locais próprios do município, como o rio cortando a cidade, as principais ruas (embora não citadas nominalmente), algumas pontes, a Catedral Diocesana, etc.

Referindo-se às categorias que se propôs observar na análise de conteúdo, percebe-se a ausência nesta reportagem de vestígios que marcam a identidade tubaronense, com exceção do “território”, já que o rio Tubarão aparece sete vezes. Assim se compõe a ficha de análise:

Tabela 2 – Ficha de análise da reportagem “Tubarão – 137 anos”.

Categorias	Unidades	Vídeo	Áudio
Formação étnica	Portugueses	-	-
	Negros	-	-
	Índios	-	-
	Italianos	-	-
	Alemães	-	-
	Poloneses	-	-
Trabalho	Comércio	-	-
	Agricultura	-	-
	Indústria	-	-
	Serviços	-	-
Religião	Católica	-	-
	Evangélica	-	-
	Outras religiões	-	-
Território	Rio Tubarão	7	-

Apesar dessa ausência de vestígios de identidade, considerando que a Unisul TV é uma emissora recente e a única com sede em Tubarão, infere-se que a população local poucas vezes teve acesso a tantas imagens televisivas do município. É possível, por exemplo, que cenas do alto da cidade, como as apresentadas na reportagem, jamais tivessem sido vistas por muitos moradores locais. Ou seja, uma oportunidade de conhecer o próprio lugar sob ângulos e pontos de vista inusitados.

5.2 FORÇA QUE VEM DO COMÉRCIO

Na mesma edição do telejornal de 25 de maio de 2007, outra reportagem foi desenvolvida em alusão ao aniversário do município, a qual se denomina “**Tubarão – 137 anos – Pólo comercial**”. Produzida pelo jornalista Ricardo Dias, com imagens de Helder Fernandes, resgata parte da história do município, enfatizando sua vocação como pólo comercial da região.



Figura 8 – Repórter Ricardo Dias

Transcreve-se, a seguir, o conteúdo verbal da reportagem.

OFF 1: Desde o início de sua fundação, Tubarão tem no comércio sua atividade básica. O ponto de partida para isso foi a partir de 1773, com a estrada Lages-Laguna e com o rio Tubarão, que completava o restante do caminho e era o único meio de chegar à região.

Sonora 1 - Amadio Vettoretti¹⁴, historiador: o início de Tubarão já surge em função do comércio, quando se abre a estrada da região serrana para Tubarão e Tubarão para Laguna. Porque, a grande via dos tropeiros necessitava de produtos marinha, isto é, as mercadorias como ferro, sal, os tecidos, (...) de forma que até 1870 o grosso do comércio de Tubarão estava situado em torno do bairro de São João.

OFF 2: Em 1885, Tubarão já tinha dentro de seu perímetro urbano 23 negociantes, um número pequeno comparado ao que o comércio representa hoje.

Boletim de passagem – repórter Ricardo Dias: Depois de 137 anos de fundação, Tubarão mostra que a atividade comercial, desenvolvida ainda no século passado, trouxe benefícios ao município.

¹⁴ O nome de historiador aparece escrito na reportagem com a grafia incorreta. Ao invés de “Vettoretti” creditou-se “Vittoretti”.

OFF 3: O comércio representa hoje 42% da economia tubaronense, movimentando cerca de um bilhão de reais por ano. E a força do comércio em Tubarão não pára por aí. São ao todo 3.628 pontos comerciais, gerando em torno de 12.700 empregos. Diversos segmentos de venda que tornam o município atração dentro da atividade.

Sonora 2 – Presidente da CDL de Tubarão, Walmor Jung Jr.: Esse cenário que se faz, se descreve, é pra demonstrar como Tubarão conseguiu, como o tubaronense conseguiu, ao longo desses anos, aproveitar o que a natureza nos deu de bonito. Nós temos a ligação próxima entre a serra e o mar; nós temos hoje o que o homem proporcionou, o corte da 101 passando pela cidade em si.

OFF 4: Tubarão é hoje um pólo comercial que cresce a passos largos. Com a conquista de grandes empreendimentos, recebe e mostra-se, todos os anos, a milhares de visitantes.

Sonora 2b – Presidente da CDL de Tubarão, Walmor Jung Jr.: A natureza nos foi muito grata. Então, nós temos que aproveitar esse momento, esse momento muito importante para Tubarão, com essas duplicações, com esses eventos que estão acontecendo na região. Isso vai fortalecer cada vez mais a nossa cidade.

Esta segunda reportagem enfoca o município de Tubarão como pólo comercial da região. Além de dados atualizados sobre o setor (referentes a 2007, ano em que foram veiculados), contextualiza-se esse potencial da cidade e seu vínculo com a história do município.

Na teoria de Hall (2006), admite-se que as culturas nacionais são compostas também de símbolos e representações. São discursos na medida em que constroem sentidos que influenciam e organizam as ações dos sujeitos.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2006, p. 51).

Transpondo essa noção de âmbito nacional para o local/regional, o mesmo princípio é aplicável, ou seja, as culturas mais particularistas também são representadas por meio de discursos, os quais se formam a partir de histórias contadas, memórias, e constroem uma ponte entre o passado e o presente. Quando a reportagem resgata as origens do comércio em Tubarão, de certa forma, cria condições para que os munícipes revivam sua própria história e estabeleçam por meio dela canais de identificação.

Não bastasse o fato de a origem de Tubarão ter ligação direta com a atividade comercial, o setor respondia por 42% da economia do município no ano em que a reportagem foi veiculada, dado relevante que justifica também a abordagem do tema para aludir ao aniversário de emancipação.

Na representação que se fez do município na reportagem “Tubarão 137 anos – Pólo Comercial”, a parte inicial, em que o repórter Ricardo Dias contextualiza o assunto, é coberta com fotografias que remontam aos primórdios de Tubarão. Em cinco quadros, mostram-se casas e ruas antigas, com destaque para a Rua Coronel Collaço, que dá acesso à Catedral Diocesana, e também canoieiros às margens do rio Tubarão.

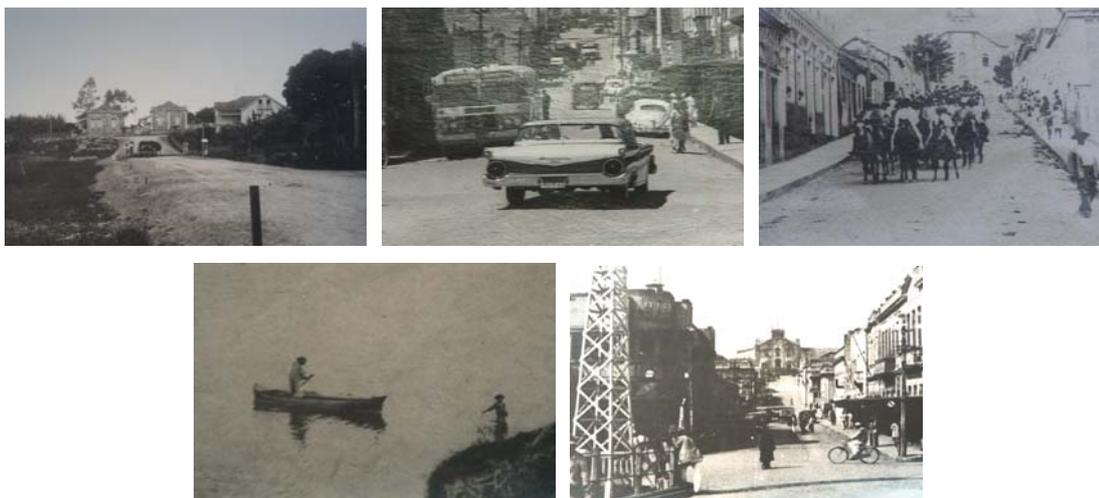


Figura 9 – Tubarão em tempos antigos

As fotografias são usadas para ilustrar o primeiro OFF, composto por informações históricas sobre a origem do município. Não se tem conhecimento de imagens do período em que Tubarão começou a ser povoado. Então, ainda que os retratos não correspondam necessariamente ao texto do repórter, prestam-se à função de remeter ao passado. A própria característica de coloração, em preto e branco, reforça a ideia. O recurso visual, como salienta Pinto (2002, p. 37), é rico em significações. “Nas imagens encontramos intertextualidade, enunciadores e dialogismo, tal como nos textos verbais”.

É importante salientar que as fotografias do Arquivo Público e Histórico Municipal poucas vezes tiveram tanta projeção, antes de serem veiculadas pela Unisul TV. Entre os anos de 2005 e 2010, por exemplo, 2.441 pessoas assinaram o livro de registro de visitas no Arquivo Público e Histórico Municipal de Tubarão, média aproximada de 400 por ano¹⁵.

¹⁵ Funcionários do setor informam que nem todos os visitantes chegam a assinar o livro de visitas, portanto, o número citado tem caráter aproximado.

Difundidas por meio de reportagem televisiva, são as imagens que chegam à casa do telespectador e não ele que precisa se deslocar. Cumpre-se, então, um papel importante da televisão educativa, que deve pautar-se pela transmissão de programas educativo-culturais, conforme determinação do Ministério das Comunicações (2011).

Ainda sobre a parte inicial da reportagem, o conteúdo referente aos primeiros fatos da trajetória de Tubarão é confirmado pelo historiador Amadio Vettoretti.



Figura 10 – Amadio Vettoretti, historiador

O OFF 2 prossegue com informações sobre a evolução do comércio de Tubarão em fins do século 19 e início do século 20: “Em 1885, Tubarão já tinha dentro de seu perímetro urbano 23 negociantes, um número pequeno comparado ao que o comércio representa hoje”. Embora as cenas utilizadas para cobrir o OFF deem a impressão de representar exatamente o assunto de que se fala, no caso, os 23 negociantes do perímetro urbano, a fotografia não deve ser dessa época.



Figura 11 – Primeiras décadas do comércio em Tubarão

Quando o repórter afirma que “em 1885, Tubarão já tinha dentro de seu perímetro urbano 23 negociantes”, deixa transparecer a noção de que, para a época, era uma quantidade expressiva, embora na frase seguinte estabelece-se o contraste com os dias atuais: “um

número pequeno comparado ao que o comércio representa hoje”. Assim, vai-se consolidando a ideia de que desde sempre a atividade comercial é característica marcante do município.

No boletim de passagem, o repórter reforça que o comércio trouxe benefícios a Tubarão. Quanto à dimensão imagética, a passagem do texto histórico para a descrição da realidade contemporânea também se dá pela troca de cenas. O segundo quadro abaixo mostra o momento exato em que Ricardo Dias inicia o boletim: “Depois de 137 anos de fundação, Tubarão mostra que a atividade comercial, desenvolvida ainda no século passado, trouxe benefícios ao município”. A tomada parte de uma cena do centro urbano, seguindo em movimento panorâmico horizontal à esquerda, simultaneamente a um movimento de *zoom out*, até enquadrar o repórter. Tal estratégia faz notar a dimensão atual da cidade que, ao fundo do repórter, apresenta-se grandiosa em comparação com os dados citados até então.



Figura 12 – Boletim de Passagem – Ricardo Dias

Os números referenciados no OFF 3 conferem expressividade ao comércio, responsável por 42 por cento da economia local. Mas é a frase seguinte que traz um elemento capaz de denotar intenção de representar o município como potência: “E a força do comércio em Tubarão não pára por aí”. Quer dizer, pressupõe-se que Tubarão é um município forte e que tem ainda mais a oferecer, a ponto de torná-lo “atração dentro da atividade”. Uma vez considerado atração, um centro para onde outros (de fora) acorrem, coloca-se Tubarão num patamar de superioridade em relação aos demais municípios da região no quesito comércio. Enquanto narrativa midiática, é a cidade como um todo que aparece nessa condição e não apenas quem tem comércio ou alguma relação com o setor. Atribui-se esse potencial a todos os tubaronenses. Assim, mesmo quem não tem vínculo direto com o segmento comercial é levado a se sentir pertencendo a esse grupo maior, à “comunidade imaginada”, para usar o termo de Hall (2006). Cria-se, dessa forma, um ponto de identificação.



Figura 13 – Comércio em Tubarão

Entra em cena, então, a sonora do presidente da CDL de Tubarão, Walmor Jung Jr. Em sua fala, representando a Câmara de Dirigentes Lojistas, ele credita aos tubaronenses o mérito de tornar a cidade grande e atrativa. E que isso só foi conseguido por se fazer bom uso dos recursos naturais disponíveis no município. Ainda aponta a posição geográfica estratégica como fator do êxito no setor comercial: “Esse cenário que se faz, se descreve, é pra demonstrar como Tubarão conseguiu, como o tubaronense conseguiu, ao longo desses anos, aproveitar o que a natureza nos deu de bonito. Nós temos a ligação próxima entre a serra e o mar; nós temos hoje o que o homem proporcionou, o corte da 101 passando pela cidade em si”.



Figura 14 – Walmor Jung Junior, presidente da CDL, em 2007

A última intervenção do repórter, no OFF 4, também busca enaltecer a qualidade do povo tubaronense. Ao afirmar que “Tubarão é hoje um pólo comercial que cresce a passos largos” quer dizer que são as pessoas as responsáveis por promover esse desenvolvimento. E assim como se evidenciou na reportagem anterior, a cidade é colocada como um lugar acolhedor, que “recebe e mostra-se, todos os anos, a milhares de visitantes”.

As imagens procuram revelar uma cidade grande, movimentada, que corresponde à pujança de que se fala, como mostra boa parte das cenas que ilustram a reportagem.



Figura 15 – Cidade grande, pólo comercial da região

Por fim, em mais uma sonora, o presidente da CDL deixa claro que o momento vivido por Tubarão é caracterizado pelo progresso, circunstância que, na opinião dele, deve ser aproveitada para “fortalecer cada vez mais a nossa cidade”. Novamente é flagrante a noção de que já se considera Tubarão uma cidade forte. A ideia de fortalecê-la ainda mais pressupõe um movimento de mudança, um avanço. E pelas referências que se fez, o desenvolvimento vem associado à interação com outros municípios (proximidade entre a serra e o mar, duplicação da BR-101). O conceito de dialogismo de Bakhtin considera que o “eu humano” não tem existência autônoma, mas depende do meio ambiente social, que estimula sua capacidade de mudança e resposta. Por analogia, o mesmo se pode afirmar da cidade que muda, cresce, avança, graças ao “diálogo” com outros municípios: o comércio forte de Tubarão atrai quem está fora e os fatores que favorecem o desenvolvimento do município extrapolam seus limites territoriais.

Ao contrário da reportagem anterior, esta não se desenvolve sob a perspectiva da voz popular. O discurso verbal é emitido por apenas três enunciadore: o repórter, o historiador Amadio Vettoretti e o presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Tubarão à época, Walmor Jung Junior. O discurso de Vettoretti serve para corroborar e conferir ainda mais credibilidade à história contada pelo repórter, além de acrescentar informações que não aparecem em outros momentos da reportagem. A fala do presidente da CDL, por sua vez,

procura expressar mais o que seria uma visão da entidade do que propriamente a opinião do cidadão Walmor Jung Junior.

Nesta reportagem, também não se constata muitos elementos diferenciados de criação e edição, a não ser o uso de trilha sonora e caracteres numéricos sobre dados do comércio e empregos no município.

A trilha perpassa praticamente toda a reportagem e só é suprimida durante o boletim de passagem. De imediato, não há sinais evidentes que justifiquem a ausência de trilha apenas nesse momento. Uma hipótese seria a intenção de valorizar o conteúdo enunciado pelo repórter, deixando-o fluir como elemento sonoro exclusivo. No entanto, o que se diz nesse momento não parece carecer mais destaque do que os OFFs e sonoras. Basicamente, declara-se que a atividade comercial é benéfica à cidade: “Depois de 137 anos de fundação, Tubarão mostra que a atividade comercial, desenvolvida ainda no século passado, trouxe benefícios ao município”.

No restante do tempo, a trilha se faz notar sob OFFs e sonoras. Trata-se de música instrumental suave e cadenciada que, de algum modo, imprime leveza e ritmo à reportagem. Também nesse caso, pode ter sido utilizada para conferir um tom mais comemorativo, tendo em vista o propósito de lembrar o aniversário de Tubarão.

Outro recurso extra são os caracteres que surgem sobre algumas cenas. Eles coincidem com o OFF, referindo-se ao número de pontos comerciais existentes no município (3.628) e aos postos de trabalho gerados no setor (12.700), conforme observam-se nos quadros dois e três da figura 15. Como não trazem informação adicional, entende-se que os caracteres foram inseridos para enfatizar os dados que se julgaram importantes, tornando-se uma espécie de grifo para o texto do repórter.

Salienta-se que os créditos para identificar o repórter, o repórter cinematográfico e os entrevistados são de uso comum e, portanto, não são considerados recursos adicionais.

O propósito da análise é verificar a existência ou não de traços que caracterizam a identidade tubaronense. Recorre-se, novamente, aos argumentos de Hall (2006), quando este define a nação como “comunidade imaginada”. O que se discute, aqui, não é a identidade de uma nação e sim de um município. No entanto, os elementos que compõem a narrativa de um e outro, como “comunidade imaginada”, são os mesmos. Então, pode-se considerar tanto a cultura nacional quanto a cultura local/regional como um discurso.

A cultura entendida como discurso é, para Hall (2006, p. 50), “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (...) Esses sentidos são contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”.

Hall (2006) destaca pelo menos cinco modos de como são narradas as culturas nacionais: a *narrativa da nação*, por meio de histórias, literatura, mídia, cultura popular; ênfase nas *origens*, na *tradição* e na *intemporalidade*; a *invenção da tradição*, a qual não necessariamente corresponde às origens e consolida-se a partir de fatos recentes ou distorcidos; o *mito fundacional*, em que a origem perde-se no tempo e se reconstrói a partir de fragmentos históricos e lendários; e com base na ideia de um *povo ou folk puro, original*.

A reportagem é também discurso e, como tal, cria sentidos. Aqui, sentidos do que é ser tubaronense. Apropria-se de formas de narrar a cultura baseadas no resgate histórico, trazendo à tona fatos que marcaram a origem do município (OFFs 1, 2 e sonora 1), além de enfatizar a tradição comercial, prática que começou já com os primeiros habitantes e prospera de geração em geração até os dias atuais.

Ainda na parte inicial da reportagem aborda-se o vínculo de Tubarão com a cidade de Laguna, ligação mencionada tanto pelo repórter quanto pelo historiador Amadio Vettoretti. Ainda que de maneira indireta, essa referência incita a uma reflexão sobre a formação do povo tubaronense. Já se relatou no marco teórico que o povoamento de Tubarão constituiu-se basicamente a partir da expansão populacional de Laguna e que, por natural consequência, as etnias que iniciaram a composição do povo tubaronense são as mesmas da cidade vizinha. Vettoretti (2004) confirma que os colonizadores da região distinguem-se em três ciclos: os vicentistas (portugueses do ultramar e portugueses nascidos no Brasil e seus descendentes, a partir da miscigenação com negros e índios. Também se compunham de cafuzos, oriundos da união entre negros e índios), os açorianos e os europeus (extra Portugal).

Embora todas essas informações não constem na reportagem, e provavelmente não cheguem ao telespectador menos avisado, oferecem pistas para que se pense acerca das próprias origens, base constitutiva da identidade.

Pelos menos outros dois atributos supracitados podem indicar traços de uma identidade tubaronense. Pela condição de pólo regional, o município torna-se “atração” e por isso “recebe e mostra-se, todos os anos, a milhares de visitantes”. Como se constatou na reportagem “Tubarão 137 anos”, denota-se novamente a característica de um povo acolhedor.

E ao leque de supostas virtudes da população, esta segunda reportagem acrescenta ainda a qualidade de um povo forte, empreendedor, que consegue fazer esse pólo comercial avançar “a passos largos”.

Como a temática da reportagem é o comércio, entende-se que uma das categorias de análise foi plenamente explicitada, contudo, enumeram-se na ficha apenas os elementos que objetivamente fizeram essa referência. No aspecto verbal, são consideradas palavras e expressões como “comércio”, “atividade comercial”, “negociantes”. No aspecto visual, são contadas as imagens que diretamente mostram algum estabelecimento comercial ou ruas e espaços urbanos que marcadamente coloquem em cena o setor comercial.

Dessa forma, assim se apresenta ficha de análise:

Tabela 3 – Ficha de análise da reportagem “Tubarão – 137 anos – Pólo Comercial”.

Categorias	Unidades	Vídeo	Áudio
Formação étnica	Portugueses	-	-
	Negros	-	-
	Índios	-	-
	Italianos	-	-
	Alemães	-	-
	Poloneses	-	-
Trabalho	Comércio	11	10
	Agricultura	-	-
	Indústria	-	-
	Serviços	-	-
Religião	Católica	-	-
	Evangélica	-	-
	Outras religiões	-	-
Território	Rio Tubarão	1	1

Percebe-se que além do comércio, mencionou-se o rio Tubarão, tanto verbal quanto visualmente. A referência tem caráter histórico, informando que pelo rio eram transportadas mercadorias que serviam ao comércio nos primórdios do município.

De modo geral, como a reportagem trata de um tema específico sobre o comércio, não se estranha o fato de não haver outras referências à identidade tubaronense, quanto a aspectos de formação étnica ou religiosidade, por exemplo.

5.3 PREDOMÍNIO DA RELIGIOSIDADE

A terceira reportagem, “**Tubarão – 138 anos**”, foi exibida em 27 de maio de 2008. Elaborada pelo repórter Edivaldo Dondossola, com imagens de Denise de Medeiros, evidencia que a data oficial do aniversário de Tubarão, por não ser feriado, passa despercebida entre boa parte da população.

Segue o conteúdo verbal da reportagem:

OFF 1: Comércio aberto, movimento normal nas ruas, funcionários trabalhando. Desse jeito fica fácil esquecer que estamos em uma data tão importante. Saber o dia e o mês até que é tranquilo.

Sonora 1: Hoje é 27 de maio.

OFF 2: Já quando a pergunta é sobre o que se comemora...

Sonora 2: Hoje, que dia... não sei (risos).

OFF 3: Diante da revelação, vem a surpresa.

Sonora 3: (Repórter afirma: “Hoje é aniversário de Tubarão.”) Ah, não sabia. Me pegaste (risos).

OFF 4: Mas se é aniversário, então não deveria ser feriado?

Sonora 3b: Só que todo mundo trabalha. Tem que trabalhar. Não tem feriado aqui (risos).

OFF 5: Antigamente até era, porém, há mais de trinta anos, uma determinação do governo mudou esse panorama.

Boletim de passagem – repórter Edivaldo Dondossola: Um decreto federal da década de 70 limitou o número de feriados municipais a quatro por ano. Para não exceder essa cota, em 1977, o então prefeito Paulo May sancionou uma lei que extinguiu a folga do aniversário.

Sonora 4: Secretário de Administração Municipal, Tarcísio Hemkemeier: Então, baseado na religiosidade do povo de Tubarão, o município optou em transformar, em permanecer apenas com o feriado do dia 15 de setembro, que é o dia da padroeira do município, Nossa Senhora da Piedade.

OFF 6: E como a folga de hoje deixou de existir, não houve outro jeito. Todos os anos, mesmo no aniversário, os tubaronenses são obrigados a pegar no batente.

Sonora 5: Fazer o quê? Tem que vir trabalhar todo dia. É ordem do patrão, ordem de todo mundo aí.

OFF 7: Nas ruas, as opiniões se dividem sobre o assunto. Uns acham que é correto não haver feriado.

Sonora 1b: Nós já temos muito feriado acumulado. E semana passada, por exemplo, estava um feriado em fim de semana e esticou o feriadão.

Sonora 6: Acho que isso aí fica prejudicial pra quem paga seus funcionários, essas coisas, é... fica ruim.

OFF 8: Já outros sentem falta de um merecido descanso.

Sonora 3c: Feriadinho é bom. É bom. Trabalhar é bom, mas feriado é bom.

OFF 9: É, mas sem outra opção, o jeito é se conformar com o trabalho e esperar que chegue logo o dia da padroeira.

A escolha do tema da reportagem levou em conta a concepção de que o aniversário do município é “uma data tão importante”, conforme já se menciona no primeiro OFF. Procura sondar se os tubaronenses estão cientes do que representa esse dia, uma vez que a emancipação-político administrativa do município não se faz notar com feriado. Pode-se afirmar que o tema remete à ideia de identidade a partir de princípios mencionados por Hall (2006), quando se narra uma cultura (nacional) em sua dimensão simbólica. Assim como se fez referência na reportagem anterior, esta também coloca em questão, embora com menor ênfase, um dado histórico, relativo à data oficial de fundação do município. Entende-se, pois, que o discurso emitido sobre a história tubaronense nesta reportagem vale como narrativa de identidade.

Quanto ao modo como se representou Tubarão, sob o aspecto visual percebe-se que na maior parte da reportagem não foram evidenciadas imagens de peculiaridades ou cenas que de alguma forma caracterizam o município. As tomadas privilegiaram planos de conjunto e meio conjunto, assim, apresentaram a cidade de modo fragmentado, sem contemplar uma visão mais ampla, como nas duas reportagens anteriores. As imagens que seguem mostram os planos mais abertos que aparecem, ainda assim, deixam claro que pouco se revela da cidade de Tubarão.



Figura 16 – Fragmentos do cenário urbano de Tubarão

A visão parcial da cidade também se confirma na pouca diversidade de locais exibidos. Com exceção de uma cena da rua Coronel Collaço, conforme vê-se no primeiro quadro da figura anterior, as demais registram apenas a Rua Lauro Müller sob diferentes ângulos. Sabe-se que a intenção é mostrar a rotina normal da cidade durante o aniversário, com estabelecimentos comerciais abertos e pessoas trabalhando. No entanto, a atividade cotidiana do município acaba exposta de modo limitado.

Nas cenas em que se privilegia o componente humano, todas se restringem a mostrar pessoas circulando em espaços adjacentes à Rua Lauro Müller.



Figura 17 – Pessoas mantêm a rotina no aniversário de Tubarão

Não se sabe sob que condições a reportagem foi produzida, se houve restrição de tempo ou qualquer outra variável de limitação. Infere-se, portanto, que quanto à representação de Tubarão como lugar, tanto no sentido de referências concretas quanto simbólicas, a reportagem fornece poucos elementos. Ainda que se admita que a noção de pertença a determinado território não é determinante na constituição da identidade, avalia-se como relevante este fator, na medida em que a ideia de comunidade como lugar de referência se constrói também a partir do espaço físico compartilhado, do ambiente comum de convivência.

É trazendo para análise o discurso verbal da reportagem que se expõem mais componentes capazes de delinear uma identidade tubaronense. Eles não aparecem de imediato. Manifestam-se a partir do quinto OFF, quando o repórter principia uma explicação

baseada na história para justificar o motivo de não haver feriado na data de aniversário de Tubarão. A informação é mais detalhada no boletim de passagem: “Um decreto federal da década de 70 limitou o número de feriados municipais a quatro por ano. Para não exceder essa cota, em 1977, o então prefeito Paulo May sancionou uma lei que extinguiu a folga do aniversário”.



Figura 18 – Repórter Edivaldo Dondossola

A principal expressão de identidade surge nesta reportagem com a sonora 4, na qual o então secretário de Administração de Tubarão, Tarcísio Hemkemeier, esclarece que o feriado de aniversário do município deixou de existir em razão da devoção dos tubaronenses à padroeira: “Então, baseado na religiosidade do povo de Tubarão, o município optou em transformar, em permanecer apenas com o feriado do dia 15 de setembro, que é o dia da padroeira do município, Nossa Senhora da Piedade”.



Figura 19 - Tarcísio Hemkemeier, secretário de Administração de Tubarão, em 2008

Como se mencionou nas referências históricas, a religiosidade esteve presente desde os primeiros tempos de Tubarão. Vettoretti (1992) conta que a capela que se

transformou na Paróquia de Nossa Senhora da Piedade foi a primeira edificação coletiva, após a fundação do povoado. Documento da Arquidiocese de Florianópolis, de 1951, versa sobre o histórico da paróquia.

Padroeira Nossa Senhora da Piedade. O nome de Tubarão lembra o do famigerado índio Tubarão, com que se encontravam em 1605 os missionários Jesuítas, e cuja influência ia desde o Rio Grande do Sul até o Porto de Laguna. As margens deste rio, que desemboca no Porto de Laguna, deviam ser conhecidas desde 1684, com a fundação de Laguna. O povoado, porém, só aos poucos se foi formando, e muito humildemente, talvez por volta de 1800. Depois disto não demorou a aparecer uma capelinha dedicada à Nossa Senhora da Piedade, à meia encosta do pequeno morro, provida de uma imagem, sem terras, porém. Quando surge a ideia da formação da Freguesia, era dono destes terrenos um certo João Teixeira Nunes, com residência sobre o morro, e naquele sentido cede 80 braças em quadro, na data de 20 de Junho de 1829, mencionando-se já no documento a capelinha, a imagem, o projeto da freguesia e o desejo da construção de nova Igreja. Aos 7 de Maio de 1836, por lei provincial, se criava a mencionada freguesia (ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS *in* História das Paróquias, p. 79, *apud* VETTORETTI, 1992, p. 48-49).

Há que se considerar que, conforme o Censo 2000, 14,9% da população não pertence à religião católica e, portanto, provavelmente não mantém devoção à Nossa Senhora da Piedade. Todavia, a santa padroeira ainda remete à fé que congrega boa parte dos tubaronenses. Trazida à cena, a imagem torna-se um símbolo de identificação para os católicos, um discurso visual próprio da mídia de proximidade, que “caracteriza-se por vínculos de pertença, enraizados na vivência e refletidos num compromisso com o lugar” (PERUZZO, 2011).



Figura 20 – Nossa Senhora da Piedade, padroeira de Tubarão

No restante da reportagem, faz-se uma enquete para saber se a população concorda ou não com o fato de não haver feriado no aniversário do município. Assim,

praticamente inexistem outras referências diretas a aspectos de identidade, salvo o último OFF, em que o repórter relembra a ligação do feriado com o dia de Nossa Senhora da Piedade, celebrado em 15 de setembro: “É, mas sem outra opção, o jeito é se conformar com o trabalho e esperar que chegue logo o dia da padroeira”.

Dando continuidade à análise, verificam-se os depoimentos que constam na reportagem. De um total de seis sonoras, apenas uma é oficial, a do Secretário de Administração à época, Tarcísio Hemkemeier, que teve caráter explicativo. O protagonismo, portanto, está novamente no cidadão comum. Como já se mencionou anteriormente, ao invés de um “jornalismo declaratório”, termo usado por Peruzzo (2011), valorizou-se a espontaneidade da voz popular. Assim, firma-se a característica da Unisul TV como mídia local/regional, aquela em que “as pessoas acompanham os acontecimentos de forma mais direta, pela vivência ou presença pessoal, o que possibilita o confronto entre os fatos e sua versão midiática de forma mais natural”.

Com relação a vestígios de etnia, não há evidências fenotípicas que manifestam a origem de nenhum dos entrevistados. Como recurso alternativo de análise, tem-se os sobrenomes que apareceram nos caracteres das sonoras mais longas e que podem indicar alguma pista sobre etnia: “Rogério”, “de Bona”, “Hemkemeier”, “de Lima”, “Freccia” e “Antunes”. Essa ponderação é feita no item 5.5, incluindo sobrenomes das demais reportagens.

Elementos visuais e sonoros opcionais, como trilhas e efeitos especiais de edição, que poderiam de certa forma incrementar a produção, não apareceram nesta reportagem. Por serem justamente recursos opcionais, não se considera que a ausência aponte alguma intenção enunciativa.

Tomando-se as categorias de análise referentes aos indícios de identidade apresentados na reportagem, tem-se a seguinte configuração:

Tabela 4 – Ficha de análise da reportagem “Tubarão – 138 anos”.

Categorias	Unidades	Vídeo	Áudio
Formação étnica	Portugueses	-	-
	Negros	-	-
	Índios	-	-
	Italianos	-	-
	Alemães	-	-
	Poloneses	-	-
Trabalho	Comércio	9	1
	Agricultura	-	-
	Indústria	-	-
	Serviços	-	-
Religião	Católica	3	3
	Evangélica	-	-
	Outras religiões	-	-
Território	Rio Tubarão	-	-

Mesmo que o tema da reportagem não seja a religiosidade dos tubaronenses, esse aspecto da identidade do município fica evidente. As três referências em vídeo que aparecem na tabela remetem a cenas da imagem de Nossa Senhora da Piedade, padroeira de Tubarão. Das três citações em áudio, duas mencionam a padroeira e um fala da religiosidade dos tubaronenses.

Na ficha também está marcada a unidade “comércio”. O número na coluna de vídeo é expressivo (9), porém, as imagens não parecem querer dar ênfase ao comércio em si. Servem apenas para ilustrar que a cidade não está parada no dia em que se comemora o aniversário de Tubarão. A menção em áudio “comércio aberto” também informa apenas que se trata de um dia de atividade normal.

Como observação final, a reportagem revela o desconhecimento das pessoas entrevistadas nas ruas sobre a data de fundação do município. A amostra é muito pequena

para que se faça uma generalização, mas pode ser indício de falta de identificação dos tubaronenses com a própria história.

5.4 O DEVIR DE TUBARÃO

A quarta reportagem selecionada para este estudo, “**Tubarão – 139 anos**”, foi ao ar em 27 de maio de 2009. Nela, o repórter Eduardo Zobot, que aparece apenas em OFF, mostra a solenidade oficial promovida pela prefeitura para celebrar os 139 anos de Tubarão. Apresenta, ainda, imagens de eventos ocorridos em dias anteriores, como parte das comemorações do aniversário do município.

A seguir, transcreve-se o conteúdo verbal da reportagem, aqui denominada de “Tubarão 139 anos”.

OFF 1: A comemoração dos 139 anos do município iniciou na sexta-feira passada, com várias atrações. O fim de semana foi marcado pelo esporte, com a sétima e oitava etapas do catarinense de ciclismo. Também pela a passagem dos tropeiros que fizeram a cavalgada pelo picadão da Serra e pela exposição do trabalho de artesãos do município. Desde segunda-feira, a saúde ganha destaque com atendimentos diários na Praça Pery Camisão. Nesta quarta-feira, data do aniversário, a população foi convidada a participar da solenidade oficial. Um dia para ser comemorado e também para planejar o futuro.

Sonora 1 – Prefeito de Tubarão, Manoel Bertoncini: Com todas as questões de infraestrutura, como duplicação da BR, aeroporto, portos perto. Então, nós temos um horizonte totalmente aberto, que eu tenho certeza que vai ser brilhante e, lógico, aí nós vamos ter que preparar o nosso jovem, a nossa criança pra exercer toda a questão de cidadania.

OFF 2: Tubarão é considerado um pólo comercial e vem se destacando também na geração de empregos na área industrial. O município já esteve entre as dez melhores cidades do Estado. E é com essa visão que cresce de forma consciente.

Sonora 2 – Vice-prefeito de Tubarão, Felipe¹⁶ Luiz Collaço: Eu acredito que neste momento que a cidade vive, de infraestrutura regional, a oportunidade que nós estamos tendo, nós temos que agora querer chegar voltar a esse patamar, de ser novamente e estar novamente entre as dez maiores cidades de Santa Catarina.

Sonora 3 – Amadio Vettoretti¹⁷, historiador: Nesse espaço de tempo Tubarão evoluiu, melhorou, e nós temos condições de manter um padrão de vida razoável, e até muito bom dentro dos padrões brasileiros.

OFF 3: Assim como todas as cidades, Tubarão também tem seus problemas.

¹⁶ O nome do vice-prefeito de Tubarão, Felipe, foi erroneamente creditado na reportagem com apenas um “p”.

¹⁷ O sobrenome do historiador Amadio Vettoretti foi erroneamente creditado na reportagem como “Vetoretti”.

Sonora 1b – Prefeito de Tubarão, Manoel Bertoncini: Questão ambiental. Acredito que a questão do tratamento do esgoto sanitário talvez seja hoje o nosso maior problema. (...) Que os próximos anos ainda sejam melhores do que esses 139 anos da nossa cidade.

OFF 4: E se é aniversário, não poderia faltar os parabéns e o bolo. Foram 48 pães de Ló de um quilo e duzentos gramas cada, quinze baldes de recheio, trinta e cinco quilos de chantilly e mais oito litros de guaraná para fazer treze metros e noventa centímetros de um bolo que foi servido aos presentes.

Ao contrário das três reportagens anteriores, esta é factual, isto é, não se pensou em um tema diferenciado, entre tantas escolhas possíveis, para falar do aniversário de Tubarão. Destinou-se a cobrir um fato, uma celebração que ocorreu no município para comemorar a data de emancipação político-administrativa. É provável que na definição da pauta, então, se tenha estimado mais importante cobrir essa festa em detrimento de outros acontecimentos que ocorreram na região nesse dia ou de outros temas possíveis de reportagem. Revela-se a prioridade dada pelo editor-chefe do telejornal a um evento que julgou relevante, merecendo destaque como notícia. Entende-se que a função de uma televisão local/regional em relação ao público alvo é prestar “informação de qualidade e vinculada a seu mundo diário, em que é capaz de identificar atores, confrontar abordagens com os fatos reais e intercambiar impressões no nível da comunicação interpessoal” (PERUZZO, 2011).

Ao cobrir a festa não significa que a reportagem tenha se limitado a mostrar apenas os fatos que sucederam, como pretensa narração audiovisual objetiva. Levou-se em conta o contexto do evento e é nessa perspectiva que surgem elementos para a análise.

Na primeira parte, não se destacam tantos elementos representativos da cidade. Faz-se um resgate de eventos recentes que integraram a programação de aniversário do município. Ainda assim, uma das atividades remete fortemente à ideia de identidade em relação à origem do município. Depois de citar a ocorrência de uma competição esportiva de ciclismo, mostra-se “a passagem dos tropeiros que fizeram a cavalgada pelo Picadão da Serra”. Um grupo de cavaleiros percorreu o caminho histórico de Lages a Laguna, relembrando a época em que esse trajeto era feito para transportar mercadorias, uma prática que teve ligação direta com a origem de Tubarão, conforme já se observou no resgate histórico.



Figura 21 – Tropeiros refazem cavalgada pelo Picadão da Serra

É possível até mesmo estabelecer um paralelo com uma das imagens exibidas na reportagem “Tubarão 137 anos – Pólo Comercial”, quando um grupo de cavaleiros é fotografado descendo a Rua Coronel Collaço, nos primórdios da cidade. A data dessa fotografia não é informada, mas pelo cenário, inclusive pela antiga Catedral Diocesana ao fundo, percebe-se que o retrato data das primeiras décadas do século passado.



Figura 22 – Tropeiros na Rua Coronel Collaço (data não informada)

A reportagem menciona ainda a exposição de trabalhos de artesãos do município. Sabe-se que a Arte é um dos principais meios de representar a realidade. Se as manifestações de arte popular citadas tivessem ganhado mais destaque na reportagem, talvez fosse possível explorar alguns aspectos de identidade local, no entanto, a referência é por demais breve. Além de uma única menção dentro do OFF 1, comentando que a semana foi marcada, entre outras atividades, “pela exposição do trabalho de artesãos do município”, somente duas imagens de trabalhos artesanais entraram em cena.



Figura 23 – Trabalhos de artesãos tubaronenses

É quando se inicia a referência à solenidade alusiva ao aniversário do município que começam a aparecer mais elementos representativos de Tubarão. Afirma-se, no OFF 1, que a população foi convidada a participar do ato oficial. As imagens reforçam a fala do repórter, mostrando os convidados da festa, no caso a população, e o prefeito de Tubarão, Manoel Bertoncini, junto com o vice-prefeito, Felipe Luiz Collaço, durante hasteamento das bandeiras, expressando o caráter oficial do evento.



Figura 24 – População participa de ato oficial alusivo aos 139 anos de Tubarão

Ao terminar o OFF 1, antecipando a sonora do prefeito de Tubarão, o repórter dá um toque opinativo ao afirmar que a data não deve ser apenas comemorativa, mas um momento de projetar ações para uma cidade que se considera em vias de desenvolvimento: “Um dia para ser comemorado e também para planejar o futuro”. Tal perspectiva se confirma na voz do prefeito Manoel Bertoncini: “Com todas as questões de infraestrutura, como duplicação da BR, aeroporto, portos perto. Então, nós temos um horizonte totalmente aberto, que eu tenho certeza que vai ser brilhante e, lógico, aí nós vamos ter que preparar o nosso jovem, a nossa criança pra exercer toda a questão de cidadania”.



Figura 25 – Prefeito de Tubarão, Manoel Bertoncini, em 2009

Dois aspectos são ressaltados: infraestrutura e educação. No entanto, não fica em evidência o que a cidade “é”, ou seja, sua identidade, mas a expectativa otimista do prefeito em relação ao que a cidade “será”. Tendo em vista o desenvolvimento futuro, por meio de melhoramentos na infraestrutura de acesso e logística, salienta-se a necessidade de preparar as novas gerações para a realidade que está por vir.

Já no OFF 2, o discurso do repórter expõe pelo menos quatro aspectos do município que se consideram positivos: a condição de pólo comercial; o aumento na geração de empregos por conta da expansão do setor industrial; o fato de a cidade já ter figurado entre as dez melhores do estado; e a capacidade de crescer de forma “consciente”.

Quanto à condição de pólo comercial, como se observou na análise da segunda reportagem, fica claro que se trata de uma “vocação natural” do município, por sua característica histórica. Pontua-se, novamente, um elemento de identidade.

A expansão do setor industrial e conseqüente aumento na geração de empregos é mais recente. Mesmo assim, como se constatou na revisão histórica, a indústria também surge como fenômeno representativo de identidade tubaronense na categoria “trabalho”.

Afirmou-se no OFF 2 que “o município já esteve entre as dez melhores cidades do Estado”, porém, a informação não foi aprofundada. Não se sabe, exatamente, se o repórter quis referir-se à qualidade de vida. A informação pode, inclusive, estar equivocada, tendo em vista o depoimento seguinte do vice-prefeito de Tubarão. Felipe Luiz Collaço declarou que com a perspectiva de crescimento, Tubarão quer ficar “novamente entre as dez maiores cidades de Santa Catarina”. Ou seja, o repórter fala em “melhor” cidade, o vice-prefeito cita “maior” cidade. São dados absolutamente distintos, uma vez que cidade maior não significa

cidade melhor, e vice-versa. O dado impreciso, portanto, não fornece subsídios para inferir algo sobre identidade.

Outra questão observada neste OFF é a afirmação que Tubarão “cresce de forma consciente”. Nota-se, pela sequência da sonora do vice-prefeito, que se procurou criar uma relação entre as duas falas. Mas não deixa de ser uma opção deliberada e opinativa do repórter pela expressão positiva. Se o município cresce de forma consciente, supõe-se que tem bons gestores e uma população participativa nesse processo. A declaração, portanto, parece mais uma expressão positiva em razão de ser uma reportagem sobre o aniversário do município do que propriamente uma afirmação baseada em elementos concretos.

Assim como o prefeito Manoel Bertoncini, o vice-prefeito Felipe Luiz Collaço também destaca o bom momento do município, com as melhorias estruturais, incluindo obras em outros municípios da região.



Figura 26 – Felipe Luiz Collaço, vice-prefeito de Tubarão, em 2009

As duas sonorais oficiais demonstram que Tubarão vive uma fase, um momento de crescimento, um período de transição. A princípio esse é um processo natural de desenvolvimento, comum a milhares de cidades pelo mundo afora. Mas sob a ótica das identidades móveis desse período de pós-modernidade, descritas por Hall (2006), é possível concluir que o município de Tubarão segue na linha dessa realidade “flutuante”. Está em busca de uma posição nova, ascendente: “nós temos um horizonte totalmente aberto”. Tenciona recuperar um posto perdido, avançando mais rápido do que os municípios que o ultrapassaram: “nós temos que agora querer chegar voltar a esse patamar, de ser novamente e estar novamente entre as dez maiores cidades de Santa Catarina”.

Por se tratar de uma data histórica para Tubarão, mais uma vez o historiador Amadio Vettoretti (figura 10) presta seu depoimento. Sem muitas referências a fatos concretos, ele enfatiza que em 139 anos de existência, o município progrediu, tornando-se capaz de oferecer qualidade de vida aos habitantes: “Nesse espaço de tempo Tubarão evoluiu, melhorou, e nós temos condições de manter um padrão de vida razoável, e até muito bom dentro dos padrões brasileiros”.

Mesmo numa abordagem, em geral, positiva para o município, a reportagem não deixa de tocar na questão de problemas também existentes. Todavia, a menção é breve e situa-se apenas no plano do discurso verbal, principalmente, do prefeito: “Questão ambiental. Acredito que a questão do tratamento do esgoto sanitário talvez seja hoje o nosso maior problema. (...) Que os próximos anos ainda sejam melhores do que esses 139 anos da nossa cidade”. Nota-se que o assunto não foi estendido. Após a citação do problema, que na visão do prefeito é o maior, há um corte de edição. Volta-se outra vez ao viés positivo da reportagem: “Que os próximos anos ainda sejam melhores do que esses 139 anos da nossa cidade”.

O último OFF mostra como foi produzido um grande bolo para comemorar o aniversário de Tubarão. Mas o que fica mais presente, em se tratando de identidade, são dois símbolos municipais: o hino, cantado por um coral de crianças e usado como trilha em todo o OFF, e a bandeira de Tubarão, que encerra a composição imagética da reportagem.



Figura 27 – Coral infantil canta Hino de Tubarão; bandeira de Tubarão

Em relação aos depoimentos, ao contrário das reportagens “Tubarão 137 anos” e “Tubarão 138 anos”, esta se baseia mais em fontes oficiais. Houve quatro sonoras. Em duas, manifestou-se o prefeito de Tubarão, Manoel Bertoncini; uma ficou com o vice-prefeito, Felipe Luiz Collaço; e a terceira com o historiador Amadio Vettoretti. Peruzzo (2011) chama

de “declaratório” o jornalismo preso por excelência às fontes oficiais. Essa prática acontece principalmente quando os jornais aproveitam na íntegra, de forma acrítica, conteúdos repassados por assessorias de imprensa. Até mesmo a palavra do historiador Amadio Vettoretti pode ser considerada institucional, na medida em que simboliza uma espécie de voz oficial da história tubaronense, além do fato de ele atuar profissionalmente no Arquivo Público e Histórico Municipal de Tubarão. Não significa que se trate de uma prática equivocada. Apenas considera-se que em jornalismo de caráter local/regional, onde há maior proximidade com o público-alvo, acaba-se por desvalorizar os sujeitos a quem se remete a informação.

Nessas condições o jornalismo local deixa de explorar seu imenso potencial de trabalhar com a informação isenta e atender a todos os setores que perfilam a vida de uma “comunidade”. Perde, assim, uma oportunidade de mercado, a de trabalhar com competência a informação de proximidade, que é razão de ser da imprensa local (PERUZZO, 2011).

Sob esse ponto de vista, a reportagem poderia ter dado voz também à população que “foi convidada a participar da solenidade oficial”. Na primeira reportagem analisada, já se mostrou como os discursos populares podem enunciar elementos de identidade, o que não significa que as fontes oficiais devem ser caladas.

No aspecto da criatividade, poucos recursos extras foram utilizados nesta reportagem. Além de imagens de arquivo para ilustrar fatos ocorridos antes do evento especial de aniversário, apenas o hino do município, cantado por um coral de crianças, foi usado como trilha no último OFF, detalhe já mencionado anteriormente. A presença do hino pode ser entendida como efeito estético sonoro e recurso para reforçar a ideia do município de que se fala. Também para promover a identificação dos tubaronenses com a mensagem que ele transmite. Quando encerra o OFF do repórter, parte da letra do hino ganha projeção com aumento de volume: “És a terra onde a vida palpita, és celeiro de paz e de amor”.

Além do que se mencionou até aqui, não parece haver outros traços de identidade claramente manifestos. As cenas da cidade foram restritas. Percebe-se que, mesmo quando se fala em indústria ou comércio, por exemplo, é mostrado apenas o trecho da avenida Marcolino Martins Cabral, nas proximidades do local do evento, realizado na Praça Walter Zumblick. Assim como na reportagem anterior, é possível ter havido limitações nas condições de produção.



Figura 28 – Cidade de Tubarão no aniversário de 139 anos

A partir das constatações feitas, assim apresenta-se a ficha de análise:

Tabela 5 – Ficha de análise da reportagem “Tubarão – 139 anos”.

Categorias	Unidades	Vídeo	Áudio
Formação étnica	Portugueses	-	-
	Negros	8	-
	Índios	-	-
	Italianos	-	-
	Alemães	-	-
	Poloneses	-	-
Trabalho	Comércio	-	1
	Agricultura	-	-
	Indústria	-	1
	Serviços	-	-
Religião	Católica	-	-
	Evangélica	-	-
	Outras religiões	-	-
Território	Rio Tubarão	-	-

Na categoria “Formação étnica” apenas a unidade “negros” surge com oito referências. Não que a reportagem tenha dado alguma prioridade a essa etnia, mas é a única com característica fenotípica que a diferencia das demais pela cor da pele, tornando possível distingui-la. Em toda a reportagem identificam-se cinco pessoas com pele negra, sendo que uma aparece três vezes e outra, duas. A elas não se dá nenhuma ênfase. Uma criança aparece no meio dos demais estudantes que compareceram ao evento; vê-se um homem caminhando na rua, no centro de Tubarão, em cena usada para cobrir o OFF “O município já esteve entre as dez melhores cidades do estado”; uma mulher e dois homens estiveram entre os presentes à solenidade. Quanto às demais pessoas que aparecem na reportagem, não há como definir sua origem étnica por alguma característica de fenótipo.

Na categoria “Trabalho” há uma referência em áudio para a unidade “comércio” e outra para a “indústria”, quando o repórter cita que “Tubarão é considerado um pólo comercial e vem se destacando também na geração de empregos na área industrial”. A informação confere com os dados atuais do município, já que o comércio é o setor com maior número de empreendimentos (2.731) e dos 34.617 trabalhadores com carteira assinada, 23,4% atuam em indústrias, ficando atrás apenas dos segmentos serviços (37,5%) e comércio (28,4%) (ANUÁRIO ECONÔMICO 2010/2011, 2011).

Não se veem outros vestígios nítidos de identidade cultural tubaronense e também se verifica que há poucas referências históricas na reportagem sobre o município, na data em que foram lembrados os 139 anos de emancipação político-administrativa. Nota-se, portanto, que foi dada prioridade à cobertura factual do evento, com projeções sobre o futuro de Tubarão, a partir de depoimentos oficiais.

5.5 ETNIAS E SOBRENOMES

Referiu-se, anteriormente, à possibilidade de encontrar vestígios de etnia a partir de sobrenomes que apareceram nas reportagens. A descrição a seguir, baseada em pesquisa no Dicionário das Famílias Brasileiras (BARATA e BUENO, 1999), pode trazer algumas pistas

neste sentido, embora não permita obter conclusões definitivas. Serve mais como informação complementar.

Com exceção dos sobrenomes de repórteres registrados em créditos, nas quatro reportagens apareceram os seguintes¹⁸: Antunes, Bertoncini, Bona (de), Cabral, Colaço, Freccia, Hemkemayer, Jung, Lima (de), Martins, Müller, Rogério e Vettoretti. Cinco não tiveram referência no dicionário: Bertoncini, Freccia, Hemkemayer, Rogério e Vettoretti.

Antunes: “Assim como os demais patronímicos antigos, (...) este sobrenome espalhou-se desde os primeiros anos do povoamento do Brasil, por todo o seu vasto território. (...) Não se pode considerar que todos os Antunes existentes no Brasil, mesmo procedentes de Portugal, sejam parentes, porque são inúmeras as famílias que adotaram este sobrenome pela simples razão de ser um patronímico, ou seja, indicando em sua paternidade: filho de Antônio. (...) Sobrenome também adotado por famílias de origem africana (...) [e] por judeus, desde o batismo forçado à religião Cristã, a partir de 1497” (BARATA e BUENO, 1999, p. 221-222).

Bona (de): Sobrenome de uma família de origem italiana estabelecida no Paraná, no século 19 (BARATA e BUENO, 1999)

Cabral: “Sobrenome de origem geográfica, tomado ao lugar de Cabral, Freg. [freguesia] onde tinha seu solar, na comarca de Vigo, província de Pontevedra, reino de Galiza. Família muito antiga, que, já no tempo dos primeiros reis portugueses [séc. 12], ocupavam cargos distintos” (BARATA e BUENO, 1999, p. 586). Afirmam os autores que há também registro de que este sobrenome tenha sido adotado por famílias africanas.

Colaço¹⁹: Família que descende de Fernão Colaço de Portel, servidor de D. Afonso III, rei de Portugal em 1248 (BARATA e BUENO, 1999).

¹⁸ Incluem-se, também, sobrenomes que se referem às principais ruas e avenidas de Tubarão citadas na análise, por sua importância histórica.

¹⁹ No Dicionário das Famílias Brasileiras (BARATA e BUENO, 1999), consta o sobrenome Colaço com apenas uma letra “l” (ele).

Jung: “Família de origem germânica estabelecida em Petrópolis (RJ) por ocasião da sua colonização em 1845” (BARATA e BUENO, 1999, p. 1.254).

Lima (de): “Sobrenome de origem geográfica. O nome é pré-romano. (...) Os limas, descendentes de reis godos e suevos, tomaram o sobrenome do rio Lima [Portugal] às margens do qual viveram e foram senhores” (BARATA e BUENO, 1999, p. 1.338). Segundo os autores, o sobrenome é também usado por famílias de origem africana.

Martins: Conforme Barata e Bueno, 1999, não se define claramente se este sobrenome tem origem num único país. Há evidências de que o sobrenome Martins tenha sofrido mudanças a partir de evoluções fonéticas. Existem registros em famílias de diferentes países europeus, sobretudo da região Ibérica. Há relatos, ainda, de que alguns Martins descendem de Ambrosio Martini, cavaleiro italiano a quem o imperador Maximiliano II, em 02 de novembro de 1565, deu Brasão de Armas. No Brasil, o sobrenome também foi adotado por famílias de origem indígena, africana e por judeus, desde o batismo forçado à religião Cristã, a partir de 1497 (BARATA e BUENO, 1999).

Müller: “Família de origem germânica, que passou de Portugal, onde modificou seu sobrenome original, *Mueller*, para Müller, e, em seguida, veio para o Brasil, estabelecendo-se no Rio de Janeiro” (BARATA e BUENO, 1999, p. 1.576).

Dessa pequena amostra, percebe-se que os sobrenomes podem estar relacionados à etnia ou enunciar narrativas, movimentos e modificações na história das famílias.

5.6 RESULTADOS DA ANÁLISE

Este tópico traz uma interpretação geral dos resultados da análise, com base no confronto entre a teoria descrita no marco teórico e os dados que emergiram a partir do exame detalhado das reportagens.

Tabela 6 – Ficha de análise da reportagem “Tubarão – 139 anos”.

Categorias	Unidades	Vídeo	Áudio
Formação étnica	Portugueses	-	-
	Negros	8	-
	Índios	-	-
	Italianos	-	-
	Alemães	-	-
	Poloneses	-	-
Trabalho	Comércio	20	12
	Agricultura	-	-
	Indústria	-	1
	Serviços	-	-
Religião	Católica	3	3
	Evangélica	-	-
	Outras religiões	-	-
Território	Rio Tubarão	8	1

Pelos dados apontados na ficha, é maior a ausência de traços da identidade de Tubarão nas reportagens do que as referências a elas. Das 14 unidades de análise identificadas por meio da pesquisa bibliográfica, apenas quatro foram citadas.

Na categoria “formação étnica”, somente a unidade “negros” teve oito marcações. Todavia, como se observou na análise, trata-se de uma alusão secundária, ou seja, foi possível identificar a presença de negros em imagens de uma das reportagens tão somente pela cor da pele. Não houve qualquer menção a essa etnia como sinal expressivo de identidade tubaronense. Então, embora a formação étnica tenha se mostrado relevante na revisão teórica para caracterizar a identidade cultural, é possível afirmar que ela não foi levada em conta nas reportagens. Uma possível explicação para essa ausência pode ser o caldeamento da população, conforme observa Vettoretti (2004). Como nenhuma etnia se sobressai no município, esse quesito aparentou não ter tanta relevância no contexto cultural tubaronense.

Na categoria “trabalho”, das quatro unidades de análise, apenas duas foram citadas: comércio e indústria. É no comércio que parece estar o maior ponto de identificação dos tubaronenses. Além de ter sido a unidade com maior número de referências, 20 em vídeo e 12 em áudio, foi mencionada em duas reportagens, sendo uma delas dedicada exclusivamente a este tema. Na segunda reportagem em que esta unidade se faz notar, porém, as imagens do comércio têm importância secundária, como foi visto na análise. A relevância que o comércio adquire para o município mostra-se claramente no marco teórico. É uma atividade desenvolvida desde os primórdios de Tubarão e que evoluiu ao longo dos anos a ponto de formar um pólo regional. Responde, hoje, por 40,6% da atividade econômica do município e é o segmento com maior número de estabelecimentos (2.731), segundo o Anuário Econômico 2010/2011 (2011). A indústria aparece com uma única referência em áudio, e no contexto da reportagem que foi citada teve relevância menor. Em comparação com o comércio, tem menos representatividade econômica e regionalmente não é destaque. Talvez por essa razão tenha ganhado menor projeção nas reportagens.

O aspecto da religiosidade emergiu numa única reportagem, com três referências em áudio e três em vídeo, todas em relação à religião Católica. Numericamente, este item não parece tão expressivo. Entretanto, no contexto da reportagem em que foi mencionado ganha maior projeção. Revela uma característica forte do município, onde a religião interfere em práticas sociais. Mostrou-se que em Tubarão não há feriado no dia de emancipação político-administrativa do município pela opção de transferi-lo para a data em que se lembra a padroeira Nossa Senhora da Piedade. O perfil religioso da população foi confirmado pelo Censo 2000, que apontou que 85,1% dos tubaronenses seguem o catolicismo. Assim, essa característica, presente ao longo da trajetória do município, constitui-se em ponto de identificação para a maioria da população local.

A quarta categoria refere-se ao “território” e traz como unidade de análise o rio Tubarão. Percebe-se que houve, no total, oito referências em vídeo e uma em áudio. A constatação da pesquisa bibliográfica confirma-se, principalmente, na primeira reportagem, em que o rio apareceu em sete cenas, como parte do cenário urbano. Por causa dele surgiu o povoado e em torno dele a cidade se desenvolveu. O que essa particularidade natural representa para os tubaronenses, conforme diz Vettoretti (2004) é expressa até mesmo pelo dístico que denomina o município: Cidade Azul.

Além das categorias já expostas e comentadas, é possível ainda efetuar outras observações a partir da análise.

Pelo que se notou nas reportagens, no telejornal “Câmera Aberta 2ª Edição” há prática tanto do jornalismo comunitário quanto do jornalismo declaratório (Peruzzo, 2011). Em duas reportagens, abriu-se espaço para manifestação de fontes populares, por meio de enquetes feitas nas ruas com a população. As outras duas priorizaram fontes oficiais, com declarações de representantes da Câmara de Dirigentes Lojistas e do governo municipal.

As quatro reportagens foram desenvolvidas sob uma perspectiva urbana. Nenhuma delas trouxe à cena o atual espaço rural do município. Essa observação permite formular ao menos duas hipóteses. A escolha pode ter se dado pelo fato de Tubarão possuir hoje, proporcionalmente, uma das maiores populações urbanas de Santa Catarina. Enquanto 90,2% dos tubaronenses vivem na área urbana a média estadual é de 77,5%. As reportagens podem revelar essa urbanização como característica de identidade. A outra hipótese remete às condições de produção. Como a emissora está sediada no centro do município, o acesso ao espaço rural torna-se mais restrito se comparado ao urbano, demandando principalmente maior tempo de produção.

Em todas as reportagens houve certo desvirtuamento no gênero jornalístico. Considerada informativa, segundo Pena (2006), a reportagem prescinde da opinião de quem a produz. Porém, com exceção da terceira, em que esse desvio foi mais sutil, ao julgar a data do aniversário de Tubarão um dia “tão importante”, as demais revelaram em certos momentos a posição ideológica dos repórteres em relação ao assunto abordado.

Percebe-se que o valor-notícia “proximidade” foi levado em conta na produção das reportagens, confirmando a característica da Unisul TV como mídia local/regional. A informação de proximidade, segundo Peruzzo (2011), remete às especificidades de uma dada localidade, aos acontecimentos de determinada região, abre espaço para diferentes pontos de vista, principalmente a partir dos cidadãos, das organizações e de diferentes segmentos sociais.

Finalmente, deve-se salientar que estes são resultados de um estudo de caso e não permitem que se façam generalizações para o telejornal “Câmera Aberta 2ª Edição” como um todo, muito menos para o conteúdo veiculado pela Unisul TV. Evidenciam somente alguns discursos emitidos em dias e reportagens específicos. Os dados que se obteve também não denotam necessariamente o perfil de qualquer emissora local/regional e de caráter educativo.

As observações aqui traçadas servem, portanto, apenas como indicadores, os quais poderão oferecer suporte a outras pesquisas do gênero.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É bom ter identidade e poucos ousariam negar. Reconhecer-se e ser reconhecido por um conjunto de características próprias geram sentido de valor; situar-se no tempo e lugar traz sensação de estabilidade; ser capaz de dimensionar os próprios potenciais permite projetar o futuro com mais segurança. É bom ter identidade, mas ela está em crise. As características próprias são tentadas à mudança pelo novo que se oferece sempre mais atrativo; um único dia assiste a tantas transformações que o presente se confunde com o porvir; e se o futuro é hoje, o que esperar do amanhã? São tantas as questões que se colocam ao sujeito na pós-modernidade que aceitar como natural a necessidade de revisar conceitos se apresenta como caminho viável para não se deixar sucumbir à crise.

Sob tal perspectiva se desenvolveu este estudo. Procurou-se contribuir com reflexões acerca de um tema que vem acalorando as discussões nas ciências da linguagem e sociais. O mesmo se aplica à opção pelo exame de reportagens veiculadas pela Unisul TV. Pensar sobre o papel da televisão de caráter local/regional é considerar a importância que assume a mídia e a informação de proximidade no contexto da globalização, em que se faz notar o movimento de reforço a identidades mais particularistas.

Neste estudo de caso, as conclusões apontam para, no mínimo, duas vertentes básicas. Uma ajuda a estabelecer alguns pontos da identidade tubaronense. A outra remete à representação que se faz dessa identidade por meio da única emissora de televisão com sede no município, problematizando os alcances e influências de mídias locais e regionais.

Partindo-se de elementos que emergiram nas reportagens, é possível afirmar que Tubarão conseguiu atingir *status* de cidade grande, perante alguns de seus habitantes, com a vantagem de preservar a qualidade de vida típica de comunidades interioranas. Na reportagem “Tubarão 137 anos”, destacou-se, em especial, a característica de tranquilidade. É “tudo tão calmo que mesmo em pleno centro da cidade dá pra parar e colocar o papo em dia”. A condição de cidade grande e sossegada ganhou ressonância também na voz do repórter e nas imagens que se procurou apresentar da cidade. Observa-se, nesse caso, que houve um alinhamento entre o enunciado popular e a narrativa midiática, evidência da informação de proximidade.

A condição de grande cidade foi corroborada na reportagem “Tubarão 137 anos – Pólo Comercial”. Exaltou-se Tubarão frente a outros municípios da região devido à força do comércio local. O setor ganha importância para os cidadãos enquanto gerador de emprego e renda. Vislumbra-se no comércio, então, traços de identidade associados à já citada qualidade de vida, por gerar riqueza, e também ao fato de manter vivo o peculiar caráter empreendedor que marcou a população local desde o princípio da história do município.

Outro elemento que ajuda a desenhar a identidade tubaronense aparece na reportagem “Tubarão 138 anos”. Ao trazer-se à discussão o fato de não haver feriado no dia de emancipação político-administrativa, ganhou relevo a religiosidade que predomina no município. Embora parte da população não professe a religião Católica, a devoção a Nossa Senhora da Piedade serviu como argumento para eleger como feriado o dia da padroeira e não o aniversário do município. Constata-se, assim, mais um indício característico de comunidade do interior, onde a religião tende a determinar muitas práticas sociais.

As portas, entretanto, não estão fechadas. Ainda que se valorize a condição de tranquilidade interiorana ou princípios de fé aparentemente provincianos, Tubarão parece abrir-se ano novo. É na reportagem “Tubarão 139 anos” que se pode verificar o movimento em direção à pós-modernidade. Projeta-se o crescimento da cidade a partir de melhorias regionais em infraestrutura de acesso e logística. A construção de um aeroporto próximo, adequações em portos de cidades vizinhas e a duplicação da principal rodovia que corta o município são mencionadas como fator de desenvolvimento. Isto porque permitirão maior circulação de pessoas e mercadorias. Não é difícil inferir que a abertura, esse diálogo que se amplia, deve gerar transformações, concretas e ideológicas, fortalecendo o caráter de mudança, de que tanto fala Hall (2006). O global passará a se impor com maior força sobre o local, confirmando a tensão cada vez mais atuante entre essas duas esferas.

Não se trata de uma luta em que se espera um vencedor. Já se apresentou como alternativa a revisão permanente de conceitos com vistas à evolução. Só que conceitos são também discursos, enunciados capazes de nortear a vida das sociedades, a depender de quem os emite. No contexto desta pesquisa, destaca-se o discurso midiático, sobretudo, o proveniente da televisão.

Há que se considerar que as reportagens analisadas não revelam a identidade tubaronense de fato, mas, dentro de suas limitações, criam uma representação dela, uma narrativa baseada em enunciados verbais e imagéticos. Como toda narrativa tem autor, infere-

se que as reportagens trazem à cena o discurso produzido por um número restrito de autores. Essa é uma característica de qualquer mídia, não apenas televisiva. Tratam-se de pontos de vista. Contudo, o *status* de verdade que se atribui ao discurso midiático televisivo faz dele um enunciador privilegiado. Recorde-se o estudo citado por Vizeu e Correia (2008), que mostrou a importância da televisão ao revelar que os brasileiros acreditam mais na mídia do que no governo – entenda-se governo como o representante do próprio povo – e que o telejornalismo é a principal fonte de informação para a maioria dos participantes da pesquisa. É neste sentido que a mídia acaba por interferir na constituição de identidades. Quando emite discursos sobre ela acrescenta elementos que a fazem ser apreendida sob a perspectiva que apresenta. Daí se verifica a importância da mídia local. A proximidade com o público reduz as chances de haver distorções. Inseridas num contexto local, como afirma Peruzzo (2011), “as pessoas acompanham os acontecimentos de forma mais direta, pela vivência ou presença pessoal, o que possibilita o confronto entre os fatos e sua versão midiática de forma mais natural”.

Verifica-se que as reportagens veiculadas pelo telejornal “Câmera Aberta 2ª Edição” alusivas ao aniversário de emancipação-político administrativa de Tubarão deram conta de representar alguns traços da identidade tubaronense. Conforme já se descreveu, o município mantém características que o identificam e algumas ganharam projeção por meio das reportagens que foram objeto deste estudo.

Ressalta-se, ainda, a importância da pesquisa ao se considerar que algo passa a existir sociologicamente quando é midiático. Então, antes da Unisul TV, como os tubaronenses e demais telespectadores da área de abrangência da emissora poderiam se ver e se reconhecer? De modo particular, enfatiza-se a representação visual, já que as mídias impressa e radiofônica existem há mais tempo na região. Sabe-se que outras emissoras de TV fazem essa cobertura, porém, voltam seu olhar principalmente para os municípios onde estão sediadas. Portanto, os tubaronenses e circunvizinhos jamais tiveram a oportunidade de estar tão sintonizados com sua realidade, por meio da televisão.

Tendo presente todas as questões aqui expostas, entende-se que é cada vez mais necessário atentar para os meios que produzem e fazem circular conteúdos de massa. Estudar a televisão, um veículo tão dinâmico, abrangente em termos de público, e que passa por uma fase de transição, com o advento da TV digital, é um desafio que precisa ser encarado por um número cada vez maior de profissionais e pesquisadores da área. Esse imperativo se revigora a cada mudança que se configura na vida das sociedades. E se vivemos em um período de

transformações constantes, no famigerado mundo pós-moderno, parece não haver outra alternativa. O caminho a novas investigações estará sempre aberto.

REFERÊNCIAS

- ANUÁRIO ECONÔMICO 2010/2011. **Uma cidade vencedora**. Tubarão: Notisul, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARATA, Carlos Eduardo de Almeida; BUENO, Antônio Henrique da Cunha. **Dicionário das famílias brasileiras**. São Paulo: Originis X, 1999. 2v.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.
- CLAUDINO, Daniela da Costa; FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de. **Arqueologia e preservação: Sambaqui do Morro do Peralta**. Florianópolis: Samec Ed., 2009.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 22. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- _____. Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento. In: Vizeu, Alfredo (Org). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008b.
- CROCOMO, Fernando Antonio. **TV digital e produção interativa: a comunidade recebe e manda notícias**. 2004. 189 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção - Área: Mídia e Conhecimento) – Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 2004.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- DUARTE, Márcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FERRAZ, Carlos. Análise e perspectivas da interatividade na TV digital. In: SQUIRRA, Sebastião; FECHINE, Yvana (Orgs.). **Televisão digital: desafios para a comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa**. 2. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLIOT-LÉTÉ, Anne; VANOYE, Francis. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994.

GOMES, Pedro Gilberto. **Filosofia e ética da comunicação na midiatização da sociedade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2000**. Disponível em <www.ibge.gov.br> Acesso em 28 maio 2011.

_____. **Censo 2010**. Disponível em <www.censo2010.ibge.gov.br> Acesso em 03 jun 2011b.

INSTITUTO META PESQUISAS DE OPINIÃO. **Relatório de pesquisa quantitativa: hábitos de informação e formação de opinião da população brasileira**. Disponível em <<http://www.fenapro.org.br/relatoriodepesquisa.pdf>> Acesso em 25 maio 2011.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 21. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

LÚCIO, Paulo Henrique. **A escravidão em Santa Catarina: um jogo de dominação e intolerância na região de Tubarão**. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006. (Dissertação de Mestrado).

MARKUN, Paulo; HAMILTON, Duda. **Muito além de um sonho: a história da Unisul**. Tubarão: Editora Unisul, 2001.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MELO, José Marques de. **Gêneros jornalísticos na folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Disponível em <www.mc.gov.br> Acesso em 25 mar 2011.

_____. MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Dados gerais sobre radiodifusão.** Disponível em <<http://www.mc.gov.br/radiodifusao/dados-de-outorga/23457-dados-gerais>> Acesso em 30 maio 2011b.

NIEMEYER FILHO, Aloysio. **Ver e ouvir: a maneira mais fácil de escrever, filmar, editar, reproduzir e trabalhar em vídeo.** Brasília: UnB, 1997.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo.** Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Moacir. **Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina.** Florianópolis: Lunardelli: FCC Edições, 1992.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências.** Publicado em <http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/midia_regional_e_local_aspectos_conceituais_e_tendencias.pdf> Acesso em: 15 fev 2011.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos.** 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PRIOLLI, Gabriel. Antenas da brasilidade. In: **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

PROJETO INTER-MEIOS. **Relatórios de investimento.** Disponível em <<http://www.projetointermeios.com.br/relatoriosInvestimento.aspx>> Acesso em 29 maio 2011.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de investigação científica.** Tubarão: Editora Unisul, 2002.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial.** São Paulo: Summus, 2000.

ROITER, Ana Maria. TRESSE, Euzébio da Silva. **Dicionário técnico de TV.** São Paulo: Globo, 1995.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: MARTIN, W. Bauer; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 6. ed. Petrópolis: Vozes. 2007.

SILVA, Ildo Silva da. **Entrevista concedida a Fábio Bitencourt Cadorin.** Tubarão (SC), 22 jul. 2010.

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa.** São Paulo: Ática, 1992.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** v. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA. **Balço Social 2011**. Tubarão: Unisul, 2011 (no prelo).

_____. **Missão, visão e valores**. Disponível em <<http://www.unisul.br/auniversidade/informacoes-institucionais.html>> Acesso em 25 mar 2011b.

VETTORETTI, Amadio. **Estação da Piedade**. Tubarão: Copiart, 2004.

_____. **História de Tubarão**: das origens ao século XX. Tubarão: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992.

_____. **Palacete Cabral, a Casa da Cidade**: centenário. Tubarão: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1997.

VILCHES, Lorenzo. **A migração digital**. Rio de Janeiro: Ed. PUC/Rio; São Paulo: Loyola/SC, 2003.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: Vizeu, Alfredo (Org). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ANEXOS

Anexo I – Grade de programação da Unisul TV



Uma emissora Educativa, Universitária e Cultural.

PROGRAMAÇÃO

Hora	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
07:30/08:00	A Cidade na TV (vivo)				
08:00/08:30	Mais Mulher (vivo)				
9h00/11:10	Rede	Rede	Rede	Rede	Rede
11:10/11:15	Desenho da Cultura – 5 min				
11:15/11:45	Era Uma Vez*				
11:45/11:50	Palavras de fé				
11:50/12:30	Unisul TV Esporte (vivo)				
12:30/13:00	Câmera Aberta 1ª edição (vivo)	Câmera Aberta 1ª edição (vivo)	Câmera Aberta 1ª edição (vivo)	Câmera Aberta1ª edição (vivo)	Câmera Aberta 1ª edição (vivo)
13:00/13:30	A Hora do Emprego (vivo)	Prosa de Galpão*	Ciência e pesquisa	A Justiça do Trabalho na TV	Clip Aqui *
13:30/14:00	Espaço Rural *	Carros & Cia*	SC Turismo*	Unisul Comunidade*	Clip Aqui *
14:30/15:00	Mais Mulher*				
15:00/18:55	Rede	Rede	Rede	Rede	Rede
18:55/19:00	Espaço Boas Novas				
19:00/19:30	A Hora do Emprego*	Unisul Repórter*	Ciência e pesquisa	Estação Saúde*	Carros & Cia*
19:30/20:00	Unisul TV Esporte*				
20:00/20:25	Câmera Aberta 2ª edição (vivo)				
20:25/20:30	Palavras de fé				
20:30/21:00	Estação Saúde	Cidadania (vivo)	Santa Catarina Turismo*	Cultura Local	Unisul Repórter
21:00/21:30	Direito na TV	21:00/22:00	21:00/23:00	21:00/22:00	21:00/22:00
21:30/22:00	Cidadania*	Grandes Temas (vivo)	Canta Viola (vivo)	Conversa de Botequim (vivo)	Clip Aqui
23:00/23:30	Câmera Aberta 2ª Ed. *				
23:30/00:00	A Cidade na TV*				
00:00/00:40	Unisul TV				

	Esporte*	Esporte*	Esporte*	Esporte*	Esporte*
00:40/01:10	A Hora do Emprego*	Cidadania *	Santa Catarina Turismo*	Cultura Local*	Unisul Repórter*
01:10/01:15	Espaço Boas Novas*	Espaço Boas Novas*	Espaço Boas Novas*	Espaço Boas Novas*	Espaço Boas Novas*

*Reprises.

Hora	Sábado	Domingo
07:00/07:30	Espaço Rural*	Espaço Rural
07:30/08:00	Prosa de Galpão*	Prosa de Galpão
08:00/08:30	Carros & Cia *	Santa Missa na TV
08:30/09:00	Unisul Repórter*	
09:00/09:30	Estação Saúde *	
09:30/10:00	Cultura Local *	
10:00/10:30	Direito na TV*	
10:30/11:00	Sport Machine*	
11:00/11:55	Grandes Temas*	Canta Viola Sul* (até 13:00)
11:55/12:00	Palavras de Fé	
13:00/13:30	Lu e Bilu	Carros & Cia
13:30/14:00		Santa Catarina Turismo
14:00/14:30		Sport Machine
14:30/15:30		Conversa de Botequim*
15:30/16:00		Unisul Comunidade
16:00/16:30		Ciência e Pesquisa *
16:30/17:30	Lu e Bilu*	Clip Aqui *
17:30/18:00	Unisul Comunidade	Era Uma Vez
18:00/18:30	Espaço Rural*	Lu e Bilu*
18:30/19:00	Prosa de Galpão*	
19:00/21:00	Canta Viola*	
21:00/22:00	Conversa de Botequim*	

*Reprises.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termos técnicos de telejornalismo

Para maior compreensão da terminologia própria de TV, usada, sobretudo, na transcrição das reportagens, convém atentar para o significado de alguns termos técnicos. A descrição que segue prioriza os significados conforme sua aplicação no telejornalismo:

Boletim: “resumo de um fato gravado pelo próprio repórter no local do acontecimento, depois de ele ter checado as primeiras informações” (PATERNOSTRO, 1999, p. 137). Também é chamado de “passagem”.

Crédito: “identificação (o nome) de repórteres, entrevistados, cidades, estados ou país. É usado também para a relação de nomes dos profissionais que trabalham no telejornal e que aparecem no final do programa” (PATERNOSTRO, 1999, p. 140).

Dolly: movimento em que a câmera desloca-se em direção ao assunto. Diferente do *zoom*, que é um movimento ótico, “o *dolly* é feito fisicamente, ou seja, o assunto fica parado e a câmera é que anda. No *zoom*, a câmera e o assunto ficam parados e você os aproxima ou afasta opticamente por meio da [lente] objetiva” (NIEMEYER FILHO, 1997, p. 72).

Panorâmica ou **pan:** movimento físico da câmera, que pode ser de dois tipos: pan-horizontal, quando a câmera gira em torno de seu próprio eixo, da esquerda para direita, ou vice-versa; ou pan-vertical, também conhecida por *tilt*, quando o movimento é feito de cima para baixo ou vice-versa (NIEMEYER FILHO, 1997).

Passagem do repórter: “gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento” (PATERNOSTRO, 1999, p. 147). O termo também é conhecido apenas por “passagem”. Ela não precisa estar necessariamente presente em toda reportagem.

Plano: “porção do filme impressionada pela câmera entre o início e o final de uma tomada; num filme acabado, o plano é limitado pelas colagens que o ligam ao plano anterior e ao seguinte” (GOLIOT-LÉTÉ e VANOYE, 1994, p. 37). Os autores apresentam oito

componentes do plano. Embora aplicados à produção fílmica, sobretudo cinematográfica, não deixam de ter relação com as filmagens produzidas com fins à veiculação televisiva. São eles:

1. A duração (do ‘instantâneo fotográfico’ ao plano que esgota a capacidade total de carga do filme na câmera). 2. Ângulo de filmagem (tomada frontal / tomada lateral, plongée / contre-plongée, etc.). 3. Fixo ou em movimento (câmera fixa / câmera em movimento: travelling, panorâmica, movimento com a grua, câmera na mão, etc; objetiva fixa / zoom: movimento ótico). 4. Escala (lugar da câmera em relação ao objeto filmado): plano geral ou de grande conjunto; plano de conjunto, plano de meio conjunto; plano médio (homem de pé); plano americano (acima do joelho); plano próximo (cintura, busto); primeiríssimo plano (rosto); plano de detalhes (insert, pormenor). 5. Enquadramento: inclui o lugar da câmera, a objetiva escolhida, o ângulo de tomadas, a organização do espaço e dos objetos filmados no campo. 6. Profundidade de campo: de acordo com a objetiva escolhida, a iluminação, a disposição dos objetos no campo, o lugar da câmera, a parte de campo nítida, visível, será mais ou menos importante. 7. Situação do plano na montagem, no conjunto do filme: Onde? Em que momento? Entre o que e o quê? etc. 8. Definição da imagem: cor / preto e branco, ‘grão’ da fotografia, iluminação, composição plástica, etc. (GOLIOT-LÉTÉ e VANOYE, 1994, p. 37).

Sonora: “termo que se usa para designar uma fala da entrevista” (PATERNOSTRO, 1999, p. 140). Fragmento extraído de uma entrevista maior e inserido na reportagem.

Texto em *off* ou *off*: “é o texto gravado (pelo repórter ou apresentador) para ser editado junto com as imagens da reportagem”. Roiter e Tresse (1995) enfatizam que, em *off*, o locutor não aparece.

***Travelling*:** movimento físico da câmera, também conhecido por *travel*, em que ela acompanha o motivo ou assunto, com aproximação, afastamento, movimentos laterais e demais deslocamentos no espaço (NIEMEYER FILHO, 1997).

***Zoom*:** “movimento da câmera” (PATERNOSTRO, 1999, p. 153). É um movimento ótico, realizado por meio do ajuste das lentes.

***Zoom in*:** “movimento de aproximação de uma imagem” (PATERNOSTRO, 1999, p. 153).

***Zoom out*:** “movimento de distanciamento” da imagem (PATERNOSTRO, 1999, p. 153).

APÊNDICE B – Entrevista com o diretor geral da Unisul TV, Ildo Silva da Silva

Por ser uma emissora recente, ainda é restrito o material bibliográfico relativo à Unisul TV. A maior parte das informações históricas que constam na dissertação foi extraída por meio de entrevista, conforme segue abaixo, com o diretor geral da Unisul TV, Ildo Silva da Silva, em 22 de julho de 2010.

Fábio Cadorin (FC) – Como surgiu a ideia para a criação da Unisul TV?

Ildo Silva (IS) – A Unisul TV entrou no ar em setembro de 2006, mas começou a ser pensada muito antes. Desde que a Fessc foi criada, na década de 60, o diretor Osvaldo Della Giustina já tinha o desejo de uma emissora educativa para a região. Tanto que logo após a Fessc virar Universidade um projeto já foi enviado ao Ministério das Comunicações.

FC – Quais foram os encaminhamentos seguintes?

IS – A Fessc foi elevada à condição de Universidade em 1989. Nesse mesmo ano, o então reitor Silvestre Heerdt assinou o projeto que foi apresentado ao Ministério das Comunicações. Já em 1992, a Unisul criou o Curso de Comunicação Social. Pouco tempo depois, em 1994, universidades e prefeituras receberam do Ministério das Comunicações autorização para instalar equipamentos e repetir o sinal da TVE do Rio de Janeiro. Naquele mesmo ano, foi assinado convênio com a Fundação Roquete Pinto, responsável pela emissora carioca.

FC – Nessa ocasião, a prefeitura de Tubarão se vinculou ao projeto?

IS – Sim, na verdade a TVE em Tubarão tinha pouco vínculo com a Unisul nessa época. A era prefeitura quem pagava o técnico responsável e as despesas operacionais. A TVE entrava em Tubarão já pelo canal 4, frequência que hoje nós usamos, só que não havia programação local.

FC – E como a Unisul tomou a frente nesse processo para implantação da emissora?

IS – Em 1999, o engenheiro Luiz Reis foi contratado pela Universidade para reformular o processo de pedido de concessão. Quem estava à frente da assessoria de comunicação da

Unisul eram os professores Joaquim Faraco e Laudelino dos Santos Neto. Só depois de quatro anos, outubro de 2003, o contrato de concessão foi assinado pelo ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga. Nesse período, o reitor da Unisul era o professor Gerson Joner da Silveira.

FC – Com a assinatura do contrato, o que efetivamente mudou?

IS – Foi necessário fazer uma mudança no estatuto, porque a Unisul pediu que o canal 4 fosse elevado à condição de geradora. Para isso, o Ministério das Comunicações exigia que no estatuto estivesse expresso que a universidade ficaria responsável pela gestão da radiodifusão de sons e imagens. E pela lei, a partir da assinatura do contrato de concessão, a emissora deveria ser implantada dentro de no máximo 36 meses.

FC – Enquanto transcorria o processo para implantação da Unisul TV, a universidade já tinha outras experiências com televisão, certo?

IS – Sim, nessa época a Unisul mantinha a WEB TV. Era um projeto desenvolvido na internet e que, de certa forma, serviu como um ensaio para a futura emissora. Em parceria com a TV Cabo de Tubarão, o curso de Comunicação Social também foi responsável pela montagem e exibição de projetos elaborados por alunos que estavam terminando o curso de Jornalismo.

FC – Voltando à Unisul TV, como foi agilizado o processo para início das atividades, já que havia um prazo legal a ser respeitado?

IS – Em maio de 2005, alguns gestores da universidade, pensando em dar encaminhamento ao projeto, fizeram uma reunião os coordenadores do curso de Comunicação Social, que na época eram os professores Laudelino José Sardá e Darlete Cardoso. Eu também fui convidado, por ser professor do curso e ter experiência profissional em gestão de televisão.

FC – A partir daí, o senhor assumiu o projeto para implantação da emissora?

IS – Ao terminar o encontro que discutiu a implantação da então chamada TV Educativa de Tubarão, o Sardá me convidou para coordenar o projeto de implantação, com alocação de horas para estudos técnicos, de programação, estruturais e legais. A partir daquele mês, comecei a trabalhar em três disciplinas no curso de Comunicação Social e na coordenação do projeto da TV, que ainda estava no papel, mas tinha pouco tempo para virar realidade. Fiz viagens de estudos a outras universidades para identificar formatos e modelos para nossa

operação. Visitei a Univali, de Itajaí, a Furb, de Blumenau, a TV Panorama, de Balneário Camboriú e a Ulbra TV, em Porto Alegre. Já conhecia os modelos da PUC, TVE, de Porto Alegre, TV Nacional, de Brasília, TV Unisinos, em São Leopoldo. Estive em São Paulo, na TV Cultura, para conhecer melhor a operação e a estrutura e definir a parceria. A Unisul teve propostas da TV Nacional, de Brasília, e do Canal Futura, da TV Globo Educativa no cabo e na parabólica. O nome Unisul TV foi sugerido por mim em substituição à antiga referência TVE, por conta da repetidora. Nossa intenção, assumida pela reitoria, era dar ainda mais eco ao nome da Unisul.

FC – Por que a TV Cultura foi escolhida para o contrato de afiliação?

IS – Porque deveríamos colocar no ar uma emissora educativa. Pelas nossas avaliações, a TV Cultura tinha a melhor programação e ainda oferecia mais tempo para inserção de programas locais.

FC – Falando em programação local, o que foi inicialmente projetado para a Unisul TV?

IS – A proposta se baseou na possibilidade de montagem da equipe e aos recursos disponíveis. A Unisul terceirizou a estrutura técnica de pessoal. Apenas me mantive como diretor de programação e também a coordenadora de publicidade, professora Teresinha [Rublescki Silveira]. Tudo era uma incógnita. Ninguém era capaz de aposta em algum resultado. Havia receio da universidade de ter que desembolsar cerca de um milhão de reais por mês. Isso assustava, mas era o relato de reitores como da Unisinos, Ulbra e PUC. Assim, a Unisul assinou um contrato que garantia a produção e exibição de um telejornal diário e mais um programa semanal a cada dia, entre segunda e a sexta-feira.

FC – Mas a programação local, hoje, é bem mais extensa...

IS – Já no primeiro ano programação superou o que estava previsto. Mesmo com as restrições financeiras, foram colocados no ar um telejornal às 12h30 e outro às 20 horas. A grade de programação ainda foi incrementada com os programas “A Hora do Emprego”, “Estação Saúde”, “Cidadania”, “Conversa de Botequim”, “Unisul Repórter”, “Clip Aqui” e “Palavras de Fé”. Em seguida, outros programas foram sendo encaixados. Hoje, temos cerca de 30 títulos e oito horas diárias de inserções locais.

FC – Diante de toda essa programação, o que se pensou em relação ao jornalismo?

IS – Desde o início, o foco da emissora é o jornalismo. Toda a estrutura montada foi para garantir os telejornais do meio-dia e do começo da noite. Acreditamos que esta é a melhor forma de educação. Através da informação livre e verdadeira. O jornalismo foi e é o carro-chefe da Unisul TV. A gente vê que há muito mais informações do que as pessoas podem assimilar. Mas informação local é pouca, precária, pobre. A maioria das notícias veiculadas pela televisão é de fora. Poucas são de Criciúma e Florianópolis, e muito mais do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. A intenção era dar a conhecer à nossa população os fatos regionais e locais, com um tratamento mais generoso, no que tange a imagens, e mais informações por reportagem. Seria um enfoque diferente.

FC – Em termos de conteúdo, há uma linha editorial específica?

IS – Por enquanto ainda não temos documentadas as definições de políticas editoriais. Mas o conteúdo que veiculamos leva em conta alguns princípios fundamentais, como a nossa condição de TV Educativa e a missão e valores da Unisul, que atua também visando à promoção do desenvolvimento regional.

FC – Da trajetória da emissora no ar, o que o senhor destaca como mais relevante?

IS – Há questões importantes, como o crescimento em volume de programação, de títulos produzidos e o próprio faturamento. Já conquistamos dois prêmios nacionais de jornalismo. Estudantes de Comunicação da Unisul também puderam conquistar prêmios, como o Unimed de Jornalismo, a partir da possibilidade de exibir seus trabalhos na Unisul TV. Também é vale destacar que alguns profissionais começaram aqui a carreira já conseguiram boas colocações em outras emissoras. Podemos considerar marcos do nosso trabalho as coberturas das eleições de 2006 e de 2008. Nas últimas eleições municipais, por exemplo, foram exibidos pela primeira vez programas obrigatórios de candidatos de Tubarão. Além disso, realizamos de sete debates, incluindo candidatos de cidades próximas. Ainda posso ressaltar o treinamento de profissionais para todas as áreas da emissora, mantendo a tradição da Unisul que é a formação continuada de pessoas. Exibimos produções da universidade em todas as áreas e produzimos materiais para a Unisul, como um vídeo de 45 minutos com o Balanço Social de

2008. Outro ponto que deve ser lembrado é que estamos formando um acervo histórico, em áudio e vídeo, que nunca houve na história da região.

FC – Que municípios da região têm acesso ao sinal da emissora?

IS – Hoje, a Unisul TV chega a 14 municípios, atingindo um público de cerca de 300 mil pessoas. Mas é grande a expectativa para que o alcance do sinal seja ampliado. Sabemos que a Unisul TV dá mais dimensão ao nome da universidade e é desejada pelas populações ainda não impactadas. Temos relatos de pessoas que querem o sinal da emissora para poderem sintonizar nossas produções.

FC – Alguma projeção para o futuro?

IS – O contrato para o funcionamento da emissora do modo como está tem prazo de cinco anos. A partir daí, novas resoluções poderão ser tomadas. Mas nossa intenção é manter e melhorar cada vez mais as produções, atendendo a um público sempre crescente e que anseia por conhecer e entender melhor sua realidade, além de se ver na tela, como protagonista da história local, por meio da televisão.